

# Rosana a Terceira Vítima Fatal u Vitima Fatal

*Romance de João Duarte de Castro e António Carlos (espírito)*

## *Introdução*

© Copyright - 1995 - 2a Edição

5.000 Exemplares

**Lúmen Editorial Ltda.**

Rua Conselheiro Ramalho, 946

São Paulo - SP - 01325-000 - Fone: 283.2418

Composição e Capa - **Ricardo Baddouh**

Revisão - J. G. **Pascale** Fotolitos -

**Fototraço Ltda.** Impressão - **Gráfica**

**Palas Athena** Fotolito da Capa - **Binhos**

**Fotolito Ltda.**

y

A parte referente à contribuição de António Carlos foi psicografada pela médium **Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho** *Somos amigos.*

*António Carlos e João Duarte de Castro são dois capacitados escritores dedicados ao mesmo objetivo de educar e instruir pela Literatura.*

*Eu, a médium, tive a graça, o prazer de ter sido a intermediária desta amizade e participar deste convívio fraterno. Assim, os dois escritores, António Carlos no Plano Espiritual e João no Plano Físico, deliberaram escrever um romance juntos.*

*Coube ao António Carlos catalogar um drama vivido e a João desenvolvê-lo em romance. Mas, sempre em nossa existência existe um porém. João foi chamado a Pátria Verdadeira. Desencarnou no dia 7 de Junho de 1992, deixando inacabada sua obra.*

*Livro é como filho, dizia sempre nosso amigo João.*

*O filho querido volta para António Carlos terminar.*

*Foram somente os últimos capítulos.*

*O leitor terá nestas páginas um bonito romance destes dois companheiros e irmãos que agora estão desfrutando desta carinhosa amizade no Plano Espiritual. Certamente pesquisando lutas vividas com vitórias ou derrotas na trajetória do espírito humano para transformá-las em romance e continuando o divino dom de ensinar.*

*Agradeço ao Pai pela oportunidade de tê-los como amigos e por ter podido contribuir de maneira modesta neste trabalho.*

*Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho*

*São Carlos - agosto de 1992*

*Dedico este livro com todo carinho a*

Mércia Maria Giusti Vargas

João Duarte de Castro

n^^HH

Sumário

**jtO**

|  |    |
|--|----|
| I Os Ataques Misteriosos .....           | 11 |
| II A Morte da Primeira Vítima .....      | 15 |
| III Mais uma Vítima Fatal.....           | 18 |
| IV A Terceira Vítima Fatal .....         | 24 |
| V O Grito Revelador.....                 | 30 |
| VI Um Outro Crime Acontece .....         | 33 |
| VII O Despertar numa Outra Dimensão..... | 36 |
| VIII O Educandário .....                 | 42 |
| IX Aprendizado.....                      | 47 |
| X Encontrando o Equilíbrio .....         | 51 |
| XI Libertando-se da Autopiedade .....    | 55 |
| XII Reencontro no Plano Espiritual.....  | 61 |
| XIII A História de Rosana .....          | 65 |
| XIV Pedidos, Promessas, Milagres.....    | 70 |
| XV Rafael Conta Sua História.....        | 76 |
| XVI Desabafo .....                       | 81 |

/

*Os Ataques Misteriosos*

XVII Painel de Debates..... 85

XVIII Riqueza ou Miséria,

Provas Igualmente Terríveis .....

91

XIX Projeto em Andamento..... 94

XX Revelação Para Rafael..... 99

XXI Conhecendo Chico .....

105

XXII Os Pais de Rosana .....

111

XXIII Novos Amigos .....

117

XXIV A Mensagem..... 123

XXV A Visita..... 128

XXVI O Retorno..... 134

XXVII A Adoção .....

139

XXVIII Desencarnação de Balbina..... 144

XXIX Final Feliz .....

150

Uma cidade de médio porte, lugar bonito, tradicionalmente tranquilo, população pacata e ordeira. Região constituída de pequenas propriedades agrícolas, com muitas pessoas do perímetro urbano trabalhando no campo.

Ali todos se conheciam e havia ainda o singelo costume de se ficar na janela para apreciar o movimento das ruas. A noitinha as famílias se reuniam nas calçadas, cadeiras em semicírculo, para conversar a respeito das poucas novidades do lugar, comentários sobre tudo e sobre todos nos parâmetros daquele pequeno mundo.

Quando surgia um forasteiro ou uma nova família mudava-

se para o pedaço, era um alvoroço porque as tão esperadas novidades apareciam para assim alimentar as fofocas inconsequentes e dar novo alento aos assuntos do dia-a-dia...

Uma ilha de tranquilidade, até então. Entretanto, o sossego da localidade foi terrivelmente abalado com misteriosos ataques contra as moças do lugar. E a antiga paz foi assim substituída pela preocupação, medo mesmo, principalmente para as famílias que tinham jovens em seu seio.

Vários atentados contra as donzelas tiveram início, sem que se conseguisse saber o autor ou os autores dos ataques. A *12 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vítima Fatal* 13 polícia local, representada por um Delegado e um pequeno destacamento, composto por um cabo e meia dúzia de soldados, mostrava-se impotente para capturar ou mesmo descobrir a identidade do anormal. A paz da comunidade foi terrivelmente conturbada com tal estado de coisas, sem que nada de concreto ou positivo pudesse ser feito para solucionar o drama da população. Até reforço policial fora providenciado e rondas feitas, inclusive com a participação de vários cidadãos. Tudo em vão, porém.

A região era muito ampla, aberta, com lugares ermos, sendo impossível realizar uma cobertura permanente e capaz de garantir a segurança.

Também os ataques não eram sucessivos e, curiosamente, enquanto a vigilância estava atuante não se registrava nenhum caso novo! Mas bastava afrouxar a guarda... e lá acontecia novo atentado! Sempre contra moças bonitas, escolhidas, com idade entre 15 e 18 anos, e o processo de ataque sendo também sempre o mesmo: o celerado surgia inopinadamente das sombras, ameaçava as vítimas com uma faca, meia feminina de seda enfiada na cabeça, e levava-as para algum lugar escondido.

Quem seria o famigerado estuprador? Até quando agiria impunemente? Qual a próxima vítima? Eis as questões que verrumavam todas as mentes da comunidade outrora pacata, assunto obrigatório de todas as conversas.

Um dado interessante em tudo aquilo: o indivíduo não pronunciava palavra durante os assaltos, entrava mudo... e saía calado! Tudo muito estranho, realmente, reforçando a suposição de que devia tratar-se mesmo de alguém ali do lugar, conhecido, matreiro. Se não fosse assim, por que tantos cuidados para esconder o rosto e não emitir qualquer som ao atacar?!

Um estranho, certamente, agiria de forma mais aberta, afirmava o Delegado em suas tentativas de argumentação...

E o chefe de polícia em reunião com representantes da Sociedade que o pressionavam para colocar um paradeiro na série de atentados, apenas recomendava cuidados especiais, providências que, pelo menos, dificultassem a ação do maníaco

para obrigá-lo a se tornar mais audacioso. Que as jovens não saíssem à noite desacompanhadas, todo cuidado era pouco diante de elemento tão perigoso!

Os pais, apavorados, procuravam seguir à risca todas as recomendações a fim de proteger por todos os meios ao seu alcance suas meninas que até então estavam à mercê do bandido. Tudo perdido, porquanto sempre surgia uma emergência, uma necessidade imprescindível e uma ou outra moça precisava mesmo sair à noite sozinha, atravessar lugares desertos... e aí mais um ataque acontecia!

Não se sabia ao certo quantos atentados haviam sido cometidos até o momento, nem mesmo isso podia ser uma certeza. Acontece que nem todas as vítimas registravam queixa na delegacia. Muitas delas preferiam se calar para não "cair na boca do povo", como se dizia. Sabe-se como são tais coisas: uma jovem ultrajada, no interior, cuja honra tivesse sido violentada e que admitisse o fato publicamente, estava perdida, ficava marcada, condenada sem remissão.

Embora todos se declarassem penalizados e proclamassem ser a moça inocente, - uma pobre vítima de um desequilibrado - no fundo, no fundo, não deixavam de lhe atribuir também uma parcela de culpa, e então comentários maldosos eram feitos, furtivamente. "Ora, por que sair sozinha à noite sabendo da terrível ameaça que paira no ar?" ou "Não sabia por acaso que o anormal está por aí à solta, pronto a atacar jovens desavisadas?", ou ainda "Por que não gritou, não reagiu, não se defendeu? Talvez estivesse até procurando..."

E do julgamento malévolos, seguia-se a inevitável condenação: adeus honra, adeus respeito, adeus casamento! Muitas famílias já se haviam mudado para outras paragens a fim de fugir à marcação, ao estigma que recaía sobre suas moças, ou *14 João Duarte de Castro e António Carlos* mesmo procurando colocar-se em segurança longe dali.

"Quando as barbas do vizinho estão ardendo, é de bom alvitre colocar-se as próprias de molho..."

Mas, afinal, quem poderia ser o ardiloso estuprador? A hipótese primeiramente levantada de que deveria ser algum forasteiro, perdera já sua consistência. Primeiro, porque eram poucos os novatos que por ali apareciam e, depois, porque todo e qualquer estranho que surgisse era objeto da mais rigorosa investigação. O desconhecido era intimado a comparecer à Delegacia de Polícia para prestar declarações, tinha que se identificar, apresentar atestado de bons antecedentes, dizer a que vinha, o que pretendia fazer no lugar, e tudo o mais. Assim, tornava-se inviável tal possibilidade, um forasteiro não teria como executar os atentados. Alguns suspeitos chegaram mesmo a ser tancafiados no xadrez, tendo sido soltos, porém, após um novo ataque acontecer enquanto o suposto

responsável estava na prisão... Um enigma, um mistério, um caso de esclarecimento quase impossível, comentava-se, inclusive com o endosso da autoridade policial!

Também havia um aspecto marcante a afastar a suspeita de pessoas estranhas ao lugar. O culpado devia ser dali mesmo, parecia conhecer suas vítimas, marcá-las e acompanhar seus passos até que a ocasião para o atentado surgisse. Então "Nhac!" - lá ia mais uma para a coleção do desgraçado! A esperança, realmente, era que surgisse algum fato novo, alguma pista reveladora, que o miserável estuprador cometesse alguma falha, que alguém pudesse surpreendê-lo em plena atuação...

//

### ***A Morte aa Primeira Vitima***

Se a cidade já estava em polvorosa pelos misteriosos atentados contra as moças do lugar, sem outras consequências de maior gravidade, a situação atingiu verdadeiro paroxismo quando o bandido cometeu o primeiro crime de morte!... O miserável - ainda sem deixar qualquer pista - após o estupro, assassinara a moça com um pontaco de faca, certo, no coração! A vítima fora encontrada na manhã do dia seguinte, amarrada com tiras do próprio vestido a uma árvore. Pedacos do mesmo tecido estavam enfiados em sua boca para que não pudesse gritar por socorro.

Se a polícia não pudera encontrar na ocasião quaisquer evidências que pudessem levar à identificação do criminoso, pelo menos pôde tirar mais algumas conclusões esclarecedoras. Certamente, o celerado era conhecido de sua vítima, fora identificado, ela devia ter gritado ou pelo menos tentado dar o alarme e, por isso tudo, o safado tivera que eliminá-la!

Depois disso então já não restavam dúvidas: o indivíduo pertencia mesmo à própria comunidade, era conhecido, assim como conhecia suas vítimas, além de ter conhecimento de *16 João Duarte de Castro e António Carlos* todos os passos dados no sentido de capturá-lo! Satânico o cara, e devia até mesmo estar se divertindo com a brincadeira de "gato e rato", sabedor que era de que o rato jamais seria encontrado naquelas buscas... E por conhecer não só os planos, as providências para identificá-lo, como por estar seguro do terreno onde atuava, podia assim agir impunemente. Um crápula frio e ardiloso, o danado de estuprador que agora se transformara também em assassino.

Após o primeiro crime, após a primeira vítima fatal, o clima que já era angustiante, tornou-se definitivamente irrespirável... O medo agora era evidente e declarado, a tensão era tamanha, tão densa, que podia até mesmo ser cortada a faca. Ninguém mais procurava esconder ou sequer disfarçar o

pavor que tomara de assalto a todos os habitantes da região. O bandido revelara-se muito mais perigoso do que até então se supunha, o desgraçado não hesitara até mesmo em matar para conseguir seus intentos pervertidos e perversos!

E se brincadeiras ainda se faziam entre os gaiatos do lugar a respeito das estripulias do misterioso estuprador, depois do primeiro assassinato a coisa mudou de figura. O maldito não brincava mesmo em serviço! E o mais amedrontador era saber que ele bem podia integrar as rodinhas formadas nos bares, nas esquinas, em todos os pontos da cidade, para comentar suas sórdidas aventuras.

"Mas viram só? Até fulana entrou na dança! Quem diria..."

' 'Mais uma na fatura do safado!..."

"Uma coisa não se pode negar: o desgraçado tem bom gosto!..."

"A continuar assim, não vai sobrar uma só donzela imaculada... Os rapazes casamenteiros que se cuidem!..."

Os comentários fervilhavam, as hipóteses multiplicavam-se, contudo nada se descobria de concreto que viesse devolver a tranquilidade da população acuada...

*Lu>sana, a Terceira Vítima Fatal 17*

E a desconfiança passou a ser uma constante, regrageral, todo mundo desconfiado de todo mundo, todos os homens do lugar passaram a ser suspeitos... até prova em contrário!

As conversas abertas, descontraídas, as risadas francas, definitivamente deixaram de existir por ali.

Era o caos...

m

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 19*

**///**

*Mais uma Vítima fatal*

Todos estavam apavorados naquela comunidade ameaçada... Todos, menos Lucila, a jovem mais bonita das redondezas. Linda mesmo, a cativante Lucila. Graça e beleza, de comum acordo, juntaram-se naquele corpo juvenil. E tantos atributos físicos associados acabaram por tornar a garota muito vaidosa, senhora de seus encantos feminis e do império exercido sobre os homens.

Lucila era também muito provocante. Sabia explorar sua formosura para provocar os rapazes. Para ela era um prazer notar que todos os homens mendigavam-lhe um olhar, um sorriso, uma palavra de esperança...

Quando passava pelas ruas da cidade, Lucila provocava comentários de admiração. Era de parar o trânsito! Todos paravam para contemplá-la ou voltavam-se para apreciar tão linda criatura. Lucila era o mais delicioso colírio para os olhos

masculinos...

"Mas que garota, meu! Isso não é mulher, é um monumento!"

'Essa é a nora que minha mãe vive pedindo a Deus.

"Não, não, essa não é para mim, é muita farofa para o meu torresmo..."

Comentários assim se sucediam, em tom de brincadeira, mas no fundo sempre com um tom de verdade. Sabe-se como é; onde há fumaça sempre existe fogo... O certo é que Lucila era um sucesso onde quer que se apresentasse. E pelo menos em sonho, todos os homens dali alimentavam o recôndito desejo de possuir a bela Lucila.

Como não poderia deixar de ser, a garota era bastante assediada, todos os rapazes disponíveis queriam namorá-la, todos os homens desejavam sair com Lucila. A moça, indiscutivelmente, era a sensação da cidade.

E a garota procurava valorizar seus atributos físicos, enfeitando ainda mais o que a Natureza já fizera tão belo. Usava sempre roupas colantes, sempre aumentando o decote da blusa e reduzindo o comprimento da saia, a fim de melhor expor seu corpo exuberante. A preocupação maior de Lucila, sem dúvida, era exhibir-se, mostrar-se, provocar a cobiça dos homens e, conseqüentemente, a inveja e o ciúme das mulheres...

O mais interessante é que, em verdade, Lucila era uma boa moça, responsável no trabalho, aplicada nos estudos, boa filha, cumpridora de seus deveres. Caridosa, sempre procurando ajudar os mais necessitados, promovendo coleta de roupas usadas e de alimentos para distribuição junto às camadas mais pobres da população. Só tinha mesmo um grave defeito: era excessivamente vaidosa!

Seus pais e parentes, naturalmente, preocupavam-se com este comportamento frívolo da jovem, mas de nada adiantavam conselhos e advertências: Lucila não modificava sua maneira de ser. Respondia apenas que não procedia daquela forma por mal, somente pelo prazer de se saber bela e admirada pelos homens e invejada pelas mulheres. Que ninguém se preocupasse, ela sabia se cuidar e não haveria de acontecer conseqüências nefastas por tal procedimento...

Porém, como não poderia mesmo deixar de ser, a preocupação e o medo pela integridade física de Lucila por parte de seus entes queridos, tinham muita procedência. Afinal, havia um tarado sanguinário à solta por lá...

Também de nada adiantavam os avisos de suas amigas que viam com preocupação as provocantes atitudes de Lucila. Falavam-lhe dos muitos atentados que as jovens do lugar vinham sofrendo nos últimos meses, ressaltando principalmente a morte de Adélia. E era de se destacar que muitas delas não eram tão belas nem tão sedutoras quanto Lucila, mas que

acabaram padecendo o terrível constrangimento nas garras do miserável!

Algumas jovens, mesmo, das que haviam passado pela dolorosa experiência nas mãos do degenerado, chegavam a suplicar que Lucila se modificasse, que tivesse maiores cuidados porque ela só podia estar sendo visada pelo maldito!

"Não seja louca, Lucila! Cuide-se, amiga!" Porém, tudo em vão. Lucila respondia sempre em tom jocoso, levava as advertências na brincadeira, dizia sempre que não se preocupassem por ela, nada de mal ia lhe acontecer, ora...

A fatalidade, entretanto, rondava o destino da bela Lucila e numa noite fatídica, ao retornar tarde da noite da escola, só, desacompanhada, com ela aconteceu o que seus parentes e amigos tanto temiam: a moça foi atacada e morta pelo maníaco sexual! Passava a ser, assim, mais uma das vítimas da sexualidade doentia e cega do anormal!

E pela manhã, a emissora de rádio local, em edição especial e em tom sensacionalista, dava a terrível notícia: "A polícia de nossa cidade acaba de ser notificada que num terreno baldio da periferia foi encontrado o corpo de mais uma jovem vítima do misterioso estuprador. A moça foi assassinada com as mesmas características do crime anterior: com uma facada certeira no coração! O corpo da infeliz jovem estava despido e com sinais evidentes de violência sexual. A moça assassinada é Lucila, a linda jovem muito conhecida em nossa cidade por seus invulgares dotes de beleza. Até quando, pergunta esta comunidade apavorada, estaremos à mercê deste impiedoso degenerado sexual?! Com a palavra os responsáveis pela segurança pública!

Os comentários voltaram a fervilhar na outrora pacata localidade, todos os habitantes da cidade e redondezas não se ocuparam de outro assunto por muito tempo. O impacto de mais aquela tragédia atingira a população com a força de um soco em pleno estômago!

Os pais de Lucila sofreram terrivelmente com o infausto acontecimento. Amigos e todas as pessoas de bem, choraram o triste fim da jovem...

A revolta pela impunidade do degenerado assassino soava como um grito de desespero daquela gente sofrida e amedrontada transbordando dos limites do suportável. Já não haviam sido cometidos atentados demais contra a honra das famílias do lugar? Quantos crimes seriam necessários para que houvesse uma mobilização geral contra o insano facínora? Por que não se decretava estado de calamidade pública e forças policiais não eram enviadas para a região a fim de se mover uma guerra sem quartel contra o maníaco assassino? Quando seria devolvido o sossego àquela comunidade inerte impotente, indefesa, diante de um louco sanguinário?!



"Até quando?!" - era o clamor geral.

O triste fim da jovem Lucila, entretanto, gerara comentários descontraídos, confirmando uma vez mais como o ser humano é contraditório por natureza. A maldade, a maledicência, a insensatez, são, infelizmente, inquilinas certas do coração de tantas criaturas neste estágio evolutivo da humanidade aqui na Terra. Quantos são ainda os que se alegram com a desgraça alheia, os que se comprazem com a dor do próximo! Justamente por isso a felicidade humana é tão limitada porque tais líspíritos estão neste segmento evolutivo retardatário. A medida que os Espíritos se depuram, eles encarnam em mundos

*22 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vítima Fatal 23*

cada vez mais perfeitos até que tenham se despojado de toda matéria, alijadas todas as máculas originadas dos erros pretéritos, para gozar eternamente da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus. A felicidade dos bons Espíritos consiste precisamente em conhecer todas as coisas, não ter ódio, inveja, ambição, ciúme nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. Eles não experimentam as necessidades nem os sofrimentos nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem.

E ali, conquanto a maioria da população sentisse e lamentasse sinceramente a trágica ocorrência de que a linda Lucila fora vítima, não faltavam críticas maldosas contra a jovem assassinada, principalmente da parte das mulheres que, por inveja ou ciúme, não morriam de amores pela magnífica figura que fora a garota. Muitas até, ainda que intimamente, sentiam-se aliviadas e contentes porque viam sempre a bonita Lucila como uma constante tentação à fidelidade de seus homens.

"Já foi tarde!..." - chegou a dizer descaradamente Celina, uma rica herdeira que tivera um casamento de conveniência, que fisgara um belo marido que se encantara muito mais com seu dote, com a fortuna da mulher, que propriamente com seus dotes físicos ou com seus valores intelectuais. Feia, desengonçada e burra, certamente Celina teria sido séria candidata a permanecer na condição de solteirona, não fosse sua providencial riqueza. E a ricaça, feiosa e desinteressante via a bela Lucila como uma permanente rival, com um patrimônio valiosíssimo que dinheiro nenhum certamente poderia comprar... "Destá, felizmente, estou livre!..." - pensava feiosamente Celina, enquanto lançava olhares apaixonados para o simpático marido, Adalberto, que não escondia de ninguém a circunstância de ter dado mesmo o famoso "golpe do baú"...

Mas não fora apenas Celina a tecer comentários maldosos e a se rejubilar com o acontecido. Muitos não se vexavam de atribuir à própria moça toda a culpa na sangrenta ocorrência.

"Ora - dizia-se - não era isso mesmo o que a exibida estava

procurando com seu descaramento? Quem procura, acha, éisso aí!"

O certo é que a moça por ser tão bonita e provocante, incomodava muito certas mulheres porque os homens dolugar só tinham olhos e pensamentos para a infeliz Lucila!

*Hosana, a Terceira Vítima Fatal 25*

*A Terceira Vítima Fatal*

Rosana seria a terceira vítima fatal, mas também seria para o celerado sua pedra de tropeço. Finalmente, chegaria ao término sua criminoso carreira de estupros e assassínios. E a descoberta da identidade do bandido causou não só espanto, mas completa estupefação em todos da comunidade! É sempre assim: de onde menos se espera é que surge o culpado. E como lá diz sabiamente o povo: "Boi sonso é o que arromba a cerca"!...

Lucila, a bela assassinada, tinha qualidades positivas: era boa filha, boa amiga, responsável no trabalho e aplicada nos estudos, preocupada com a situação dos menos favorecidos. Apenas era uma garota excessivamente frívola e vaidosa e isso muito a prejudicou.

Rosana era uma Jovem exemplar, admirada por todos, muito mais por suas qualidades morais, por sua beleza espiritual. A jovem, então com 16 anos de idade, residia numa chácara das imediações da cidade. Cursava a oitava série ginásial e todas as noites fazia o percurso entre sua casa e a escola, apenas que acompanhada de vários colegas que também residiam naquele bairro afastado e que estudavam na escola Estadual do lugar. Todos faziam o trajeto de ida e volta bastante tranquilos por saberem que o tarado só atacava alguma moça se ela estivesse desacompanhada. Era artiloso, ocovarde!

Rosana era também moça muito bonita, linda mesmo, mas não dava importância à perfeição de seus atributos físicos. Tinha plena consciência de que, assim como tudo na vida, a beleza do corpo é algo transitório. E como a vida material é, no todo, um sopro - sabia-o bem Rosana - a mocidade, então, é apenas uma quadra da existência, ainda mais fugaz. Quando menos se espera, lá se foram juventude e formosura do corpo... Rosana preocupava-se, isto sim, com a beleza interior porque esta resiste à passagem do tempo e às intempéries da vida.

Rosana perdera seus pais num acidente automobilístico, recentemente. Ficara na companhia apenas da avó materna, já velhinha e debilitada fisicamente, e seus dois irmãozinhos - João e Janete, casal de gémeos, com apenas dois anos de idade na época.

Dona Balbina, a avó de Rosana, passava a maior parte do tempo no leito, merecendo cuidados médicos constantes. A

moça, enquanto estava em casa, dispensava-lhe todas as atenções, contando com a ajuda nos afazeres domésticos e na assistência à enferma, de Marita, moça que trabalhava há tempos para a família. Durante a semana a empregada dormia na chácara para que Rosana pudesse frequentar a escola noturna. Indo para a residência de seus pais nos sábados logo após o almoço, para só retornar na segunda-feira pela manhã. O serviço da chácara continuava sendo executado pelo Sr. Francisco, outro velho servidor da casa que também não residia no local.

Não havia preocupação quanto à segurança da jovem porque ela só se ausentava de casa à noite para ir ao colégio, dispondo para isso sempre da companhia dos muitos colegas *26 João Duarte de Castro e Antônio Carlos wosana, a Terceira Vítima Fatal 27* estudantes, assim participando de um grupo unido e ruidoso. Tudo muito certo e rotineiro, até surgir o imprevisto que desencadeou os tristes acontecimentos.

Naquele sábado à noite, porém, Rosana não teve outra alternativa senão dirigir-se sozinha rumo à cidade. A vovó Balbina piorara repentinamente seu já precário estado de saúde e a moça não titubeou em ir o mais depressa possível em busca do Dr. Sérgio, médico que cuidava da velha enferma. Naquele momento, Rosana não pensou sequer uma única vez no perigo que estaria correndo por fazer o longo percurso altas horas, só, sem qualquer companhia que a protegesse. A moça, dedicada, amorosa e desprendida, só tinha o pensamento fixo na necessidade de buscar o doutor para atender à avozinha.

O trecho mais perigoso do trajeto era uma curva da estrada quando o caminho margeava a encosta de um alto morro. Bem próximo havia um pequeno bosque com árvores distanciadas umas das outras, mas o suficiente para oferecer um excelente esconderijo, principalmente contando-se com as sombras da noite. Por sinal era uma noite bem escura, com o céu encoberto e sem qualquer claridade lunar.

Justamente à esquerda na curva do morro, havia um despenhadeiro que ia terminar lá embaixo, em meio a rochas de todos os tamanhos e tipos. Rosana conhecia bem o perigo que aquela grande ribanceira representava e as consequências funestas de uma queda em semelhante situação. Por mais de uma vez, carroças já haviam despencado dali, ladeira abaixo, com animal e tudo, e, após rolar pela encosta rochosa, apenas sobravam pedaços desconjuntados.

Certa ocasião, até um carro caíra naquele despenhadeiro quando um motorista, certamente alcoolizado, tentara fazer a curva em velocidade. O automóvel virou um monte de ferros retorcidos e o corpo do imprudente precisou ser retirado com a ajuda de ferramentas que retalharam as ferragens.

Tudo isso veio à mente da jovem, em turbilhão, enquanto se aproximava do local. E não conseguia deixar de pensar no perigo, sempre iminente, representado pelo maníaco sexual Rosana, inconscientemente, acelerou seus passos para ladear logo o bosque e voltar a lugar descampado. E rezava, já quase em desespero de tão amedrontada, balbuciando desordenadamente as palavras.

Quando o vulto que estava escondido nas sombras das lavores saltou à sua frente, a moça gritou nervosamente por socorro com todas as forças que lhe permitiram seu estado de pavor. O bandido, sem pronunciar uma só palavra, levantou os braços tentando cercar a passagem de Rosana, segurando sua faca na mão esquerda. Parecia não ter pressa, o danado, na certeza de que sua vítima estava irremediavelmente condenada. Com movimentos calculados, tentou segurar o braço de Rosana com sua mão livre, crente de que ela também não lhe ofereceria qualquer resistência, como sempre acontecera antes. A presa, paralisada pelo terror, fica completamente impotente, à maneira da rã que está sob o domínio da cobra que a cerca, não conseguindo fugir do poder de imantação do réptil, mesmo coaxando lugubrememente, salta para a bocarra escancarada à sua espera, sem forças, hipnotizada.

Entretanto, não contava o assaltante com a desesperada reação da moça. Ao perceber o facínora prestes a tocá-la, estendeu bruscamente sua mão direita em direção ao rostocoberto do celerado, rasgando a meia de seda usada como disfarce e cravando fundo suas unhas afiadas na cara do bandido. Este não conseguiu evitar um grito rouquenho de dor e, Irritado, levantou o braço armado para atingir a jovem, mas naquele preciso momento gritos se ouviram nas proximidades e o anormal teve que fugir em desabalada carreira. Um casal de namorados que estava também no bosque, justamente aproveitando a solitude do lugar àquela hora tardia

|  
*28 João Duarte de Castro e António Carlos Hosana, a Terceira Vítima Fatal 29*  
para seus colóquios amorosos, escutando o pedido de socorro lançado por Rosana e percebendo o que ocorria, deu o alarme. Fora o bastante para precipitar a fuga do miserável. Entretanto, isso não salvou a vida da moça. Cega de terror e na tentativa de fugir do ataque, Rosana inadvertidamente correria em direção ao precipício, despencando ladeira abaixo. Os namorados apenas ouviram seu grito lancinante ao se chocar contra as rochas ao iniciar a vertiginosa queda... e nada mais! Nem o baque de seu corpo sem vida batendo lá embaixo pôde ser ouvido.

Morreu a jovem Rosana - seu corpo físico, naturalmente - porém, com sua morte prestou um inestimável serviço àquela

gente que vivia sob o garrote de um criminoso frio, calculista e sanguinário. Foi, portanto, considerada desde logo mártir abençoada pela comunidade. No lugar em que seu corpo foi encontrado, colocou-se inicialmente uma cruz de madeira, logo substituída por uma cruz de ferro com seu nome, idade e data do funesto acontecimento e uma pequena lápide de mármore com a inscrição: "Rosana, santa vítima da sanha de um assassino desalmado."

Um fato realmente estranho aconteceu na queda de Rosana e que foi considerado desde já um milagre. O corpo praticamente não sofreu qualquer contusão de maior gravidade, principalmente seu rosto ficou intacto, fisionomia serena e parecia dormir, a não ser pelo filete de sangue que lhe escorria da boca. Ora, sabiam todos o estado em que ficava algo caído por aquele despenhadeiro, carroças, o automóvel, cavalos, tudo ficava em frangalhos. E o corpo da garota - da santinha, como já se dizia - ficara milagrosamente ileso, como se o tombo fosse da altura de um degrau qualquer e não uma queda naquela tremenda ribanceira rochosa, pura rocha! O certo é que o local passou a ser assiduamente frequentado por populares. Depois então que uma mulher angustiada pela doença de seu filhinho disse ter conseguido alcançar a graça de

- li cura através de uma rogativa feita à Rosana, a jovem mártir passou a ser considerada mesmo santa. E o lugar transformou-se em ponto de concentração de devotos que lá iam fazer suas preces, depositar seus pedidos de intercessão e acender suas velas por intenção da santinha. E com o tempo, muitos milagres foram sendo atribuídos à virgem mártir.

Quando vieram pela manhã dar a trágica notícia à Dona Balbina a velha custou a crer que tudo houvera acontecido ; daquela forma e naquele horário porque Rosana estivera com ela e, tranquila como sempre, serena, risonha, assegurava-lhe que tudo estava bem e que o doutor logo viria atendê-la. E INSO realmente aconteceu, o médico compareceu à residência da chácara e contava isso a quem quisesse ouvir que assim procedera por ter tido um sonho estranho com Rosana, chamando-o insistentemente para atender a sua avozinha Acordado, - o doutor Sérgio ficou tão impressionado com o sonho, assim tão claro e nítido, que achou melhor pegar o carro e ir até a chácara ver o que estava acontecendo!...

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 31*

**V**

*O Grito revelador*

Mas vamos aos lances que levaram à descoberta do estuprador misterioso, assassino que vinha aterrorizando aquela comunidade há tantos meses. Todos supunham o indivíduo como o protótipo do criminoso clássico, forte, truculento mas

também arguto, perspicaz, enfim que unisse força física à inteligência... Porém, enganaram-se redondamente! O tarado, estuprador, assassino, elemento satânico, não passava de um porcaria a que ninguém dava o menor valor em toda a localidade! Um indivíduo inexpressivo, um palerma de marca maior, isto é, o último dos homens de quem se pudesse suspeitar.

E justamente por isso foi que o danado agiu impunemente por tanto tempo, ninguém nem de longe poderia imaginar que aquele droga pudesse fazer seja lá o que fosse além de sua miserável insignificância. Principalmente praticar tantos atentados tão arditosamente, nas fuças de todo mundo, sem ser descoberto por ninguém! O canalha, desafiando toda a população, vingara-se estrondosamente do desprezo que sempre merecera por parte de todos dali. Desde as crianças até os mais vetustos senhores, dos gaiatos aos mais sérios e responsáveis da comunidade, homens, mulheres, jovens, **todos**, sem exceção, jamais haviam dado a mínima atenção ao tomto do Ladislau, o Lalau Açougueiro, o Fanho!

Rapaz desengonçado, aí de seus 28 anos, mas de idade indefinida e de indefinida personalidade, solteiro porque feiode doer, e mulher alguma, por mais necessitada, aceitaria ter pela frente aquela caratonha pela vida à fora, morando com a mãe já velhinha. E para piorar o quadro, o estupor era completamente fanhoso, falava de modo rouquenho, pelo nariz, como fole velho e ressecado. E por tudo isso evitava encarar as pessoas e só falava por monossílabos, ainda assim só em casos de absoluta necessidade!

Quando lhe perguntavam algo no açougue, indicava com um gesto seu patrão, "seu" José, para que as pessoas se entendessem com ele. Mas sempre havia alguns gaiatos que lá iam apenas para se divertir às suas custas e tanto insistiam que o pobre coitado tinha que dizer alguma coisa, nem que fosse um "Não enche, pô!", naquele horrível tom anasalado, som de taquara rachada, muito mais para gralha que para voz humana!...

E foi exatamente esse tom fanhoso inconfundível que o perdeu. Quando Rosana arranhou-lhe a caratonha, o estafermo não conseguiu evitar um grito de dor. Foi apenas um "Ai!!", mas tão fanhosamente gritado que os namorados não titubearam em identificar, mesmo na maior escuridão, o autor do berro. Não havia dúvida possível: fanhoso assim só mesmo o Ladislau do açougue do "seu" José, ora...

Quando o namorado - após prudentemente ter deixado a garota em casa para que não fizessem suposições apressadas sobre o que estariam fazendo àquela hora e em tal lugar ermo - chegou à Delegacia de Polícia, só encontrou acordado o Cabo Josias. Em poucas palavras narrou o que presenciara e foi logo

revelando a identidade do famigerado estuprador assassino: "E o Lalau Açougueiro, o Fanhoso!..."

### **32** *João Duarte de Castro e António Carlos*

Com tal revelação, o Cabo foi quem precisou de algum tempo para se recuperar do choque: "Aquele estupor, não é possível!..."

E quando o Cabo Josias chegou acompanhado de dois soldados à casa de Lalau, estava ele abraçado à sua mãezinha, tentando fanhosamente consolá-la das inevitáveis consequências de seus desatinos. Ao chefe da escolta apenas pediu que não o deixassem na cadeia local porque certamente seria trucidado pela população.

O anormal nem precisaria ter feito tal pedido, porque o Delegado, sabedor da justa revolta contra o celerado, determinou que fosse ele transferido imediatamente para o Presídio de Segurança Máxima da região.

Quando o dia amanheceu e todos tomaram conhecimento dos detalhes da morte da jovem Rosana e do desfecho do rumoroso caso, um clamor de vingança elevou-se de todas as gargantas, mas felizmente o linchamento que fatalmente aconteceria, foi possível evitar pelas providenciais medidas acautela tórias do Delegado de Polícia, transferindo o criminoso para lugar seguro. Lá seria ele julgado e condenado, tudo conforme a Legislação Penal, não cabendo obviamente ao povo fazer justiça com as próprias mãos.

A estupefação, entretanto, ecoava de todas as bocas e em todos os recantos da cidade: "Mas, gente, não dá para acreditar! O Lalau, aquele estafermo que não vale um tostão furado, é o misterioso bandido estupradorL. Essa, não!..."

## **VI**

### *Um Outro Crime Acontece*

Um ano já se passara após a morte de Rosana e da captura de Lalau Fanhoso, o açougueiro estuprador e assassino. Durante meses a coisa ainda permanecera em evidência, tema obrigatório de todas as conversas. Como tudo, aliás, |H\*idendo-se o sabor da novidade mesmo pelo interior onde há escassez de assuntos para alimentar as nefandas fofocas, desaparece o interesse de um assunto. Um tema, por mais palpitante, acaba se esvaziando e caindo no esquecimento.

E as proezas do ex-misterioso assaltante perderam completamente a aura romântica, deixando de insuflar os sonhos dos jovens de ambos os sexos que viam no enigmático facinora algo de cinematográfico. Tal aconteceu quando se descobriu a identidade do autor dos atentados. Muitos não perdoaram o maníaco sexual, principalmente por ser ele, nada mais nada menos que a figura mais ridícula e grotesca da comunidade.

Para alguns, mesmo, o maior crime do facínora fora ser lie, simplesmente, o Lalau Fanhoso!...

Assim, a tradicional quietude e monotonia do lugar voltaram a prevalecer, encerrado o momentoso caso. Um outro crime de morte, no entanto, estava para ser cometido ali, voltando a colocar a localidade em evidência, como a mais vio<sup>34</sup>

*João Duarte de Castro e António Carlos Lúixana, a Terceira Vítima Fatal 35*  
lenta da região.

Rafael, a vítima, era um rapazinho de 13 para 14 anos de idade, aluno do Colégio Estadual do lugar, cursando na ocasião a 7a Série do Primeiro Grau. Filho único, não possuía avós vivos nem mantinha contacto com outros familiares seus, já que não residiam por aquelas bandas.

Morava Rafael num sítio de propriedade de seus pais, localizado próximo ao perímetro urbano. Como era pequena a distância que separava a propriedade agrícola do Colégio, o rapaz, frequentando o período matutino de aulas, ia para a escola costumeiramente de bicicleta.

Rafael era menino muito bom, estimado por colegas, professores e por todos os que o conheciam. Sonhador, gostava de apreciar a Natureza, amava os animais, e sua distração predileta era fazer longos passeios, a pé ou de bicicleta, pelas imediações.

Seus pais viviam bem e Rafael amava-os muito, formando os três uma família harmoniosa e feliz.

Quando tinha onze anos de idade, o menino fez uma descoberta surpreendente para ele. Casualmente, ficou sabendo que não era filho legítimo daquele que acreditava ser seu pai. Apenas era filho verdadeiro de sua mãe porque o homem que sempre amara e respeitara como pai, não era em realidade seu progenitor.

Chorou muito às escondidas, chegou a se revoltar contra ambos por aquela mentira, mas, finalmente, ponderando com muita sensatez, concluiu que pai não é aquele que apenas possui laços carnis com seus filhos, mas sim aquele que assume a grande e difícil tarefa de por eles zelar, contribuindo efetivamente para sua formação. O amor, verdadeiramente, é o elo autêntico a ligar pais e filhos.

Assim se deu a descoberta de tal circunstância: um dia, tendo seus pais saído e desejando usar seu relógio novo, Rafael foi ao quarto do casal e procurando pelas gavetas da cômoda acabou encontrando alguns recortes de jornais edocumentos, Foi através dos documentos que descobriu ser filho legítimo apenas da mulher. Pelas notícias estampadas nosrecortes, ficou sabendo que seu verdadeiro pai era um elemento perigoso, ladrão e assassino e que, na ocasião das informações jornalísticas, estava cumprindo pena num presídio.



Tais constatações foram, como não poderia deixar deser um choque, uma grande decepção para o menino. Posteriormente, como vimos, chegou à conclusão de que amava a seu pai adotivo porque o conhecia muito bem, por ser ele um homem bom, amoroso e honesto. Se lhe haviam escondido aqueles fatos, deviam ter razões procedentes para tanto e não lhe cabia o direito de interpelá-los.

Rafael procurou esquecer tudo aquilo e não deixou que percebessem ter descoberto a verdade. E, realmente, só se lembrava disso de longe em longe. Conscientizara-se de que as revelações não deveriam influenciá-lo negativamente nem modificar sua maneira de ser. Assim, continuou sendo absolutamente o mesmo, quer com relação a seus pais, em particular, ; < como com relação à sua vidinha, de um modo geral.

Passou-se o tempo. Certa vez, ao chegar da escola mais cedo, Rafael ouviu forte discussão na cozinha de sua casa edirigiu-se para lá. Viu então que um desconhecido apontava um revólver para seu pai, exigindo em altos brados a entrega de grande quantia em dinheiro, porque, em caso contrário, atiraria. O rapaz incontinentemente, correu em defesa do pai, tentandotomar ; a arma do desconhecido, mas o revólver disparou. Rafael foi atingido pelo balaço mortalmente no peito.

Sentindo a violência do impacto, o garoto caiu, uma dor M'mia tirou-lhe a respiração, sua vista escureceu, perdendo os sentidos. Mas antes de perder a noção das coisas, percebeu o desconhecido fugir apavorado e ainda ouviu seu pai dizendo: "Miserável! Matou seu próprio filho!..."

*WDSana, a Terceira Vítima Fatal 37*

**\ j /**

*O Despertar numa Outra*

*Dimensão*

Surpreendentemente, Rafael sentiu que não mais respirava, porém não sentia falta de ar. De forma nítida, percebeu que seu coração parava de bater. Tentou levantar-se... e conseguiu! Encostou-se na parede da cozinha, ainda atônito...

Viu ainda o desconhecido que fugia ao longe em desabalada carreira. E viu também seus pais chorando desesperadamente ao lado de um corpo inerte, que era exatamente o seu!

Observou que seu corpo estava banhado em sangue e não conseguia entender o que se passava, precisamente. Via-se de pé, apoiado na parede, e, ao mesmo tempo, via seu corpo estendido no ladrilhado da cozinha!

"Que coisa mais estranha! - pensava o rapaz. Afinal, que está acontecendo comigo?!..."

Ainda sem compreender a situação, Rafael foi tonteando, desfalecendo, as coisas foram sumindo vagarosamente, como

cenar em câmera lenta na televisão...

Ao acordar, Rafael percebeu que estava em outro lugar que lhe era completamente estranho.

Sentou-se, observando cuidadosamente o local onde se encontrava. Viu, então, que estava agora num quarto de aspecto muito agradável, branco e azul, num leito limpo e confortável.

Prosseguindo em suas atentas observações, o rapaz notou também que trajava um pijama claro que certamente não era o seu porque não o conhecia. Contudo, Rafael sentia-se bem ali. Uma enorme tranquilidade pairava no ambiente.

Nisso, a porta se abriu e um moço simpático, risonho, entrou cumprimentando-o:

— Olá, Rafael, como está passando?

— Eu estou bem. Mas, o que faço aqui?

— Recupera-se.

— Sim, mas recupero-me de quê?

Leonardo, o atendente, nem precisou responder. Recordações vieram à mente de Rafael. A discussão de seu pai com o desconhecido, sua interferência para evitar que o indivíduo atira-se

! em seu progenitor, o tiro, o impacto da bala, o ferimento...

Ato contínuo, Rafael apalpou-se, examinando-se atentamente.

Nada em seu peito... nem mesmo qualquer cicatriz!

O perispírito pode ficar com lesão ou cicatriz por opção do desencarnado ou por ação do remorso, ocorrência comum quando se trata de suicidas ou criminosos. No caso específico de Rafael, seu perispírito não fora lesado. Fora prontamente atendido e, assim, sentia-se perfeitamente bem, forte, saudável.

— Tudo muito estranho - disse Rafael. Pensei que houvesse morrido. Mas... não levei um tiro?

O jovem atendente sorriu, esclarecedoramente. Rafael concluiu que realmente havia desencarnado, mas que apenas seu corpo morrera. Não fora, portanto, um simples sonho tudo

que lhe acontecera. Interessante sentir-se bem disposto, -

De fato, conforme já ouvira dizer, a vida continua mesmo

Além da morte

física!

Em verdade, estava Rafael em um Educandário próprio para aqueles que desencarnam jovens e em bom estado espiri<sup>38</sup>

*João Duarte de Castro e António Carlos osana, a Terceira Vítima Fatal* 39  
tual. Leonardo era um dos professores do estabelecimento.

Era o moço um dos muitos trabalhadores do Educandário que contava com muitos outros jovens auxiliares, todos com experiência na área de Educação. Ali só trabalham pessoas com estudo e que tenham vivência na tarefa educativa. Leonardo desencarnara jovem, aos 25 anos de idade física, fora professor

e trabalhara num grande orfanato. Agora, como orientador naquele Educandário sentia-se realizado, era muito dedicado e amava o que ali fazia.

— Onde estou, moço? - prossegue Rafael.

— Está entre amigos, Rafael. Meu nome é Leonardo.

— Será que morri, mesmo? Diga-me a verdade.

— Seu corpo morreu, você próprio já chegou a esta conclusão...

— E que faço agora, Leonardo? Sinto-me desorientado...

— Continuará vivendo, apenas que em outro corpo.

— Você quer dizer que agora eu sou uma Alma?

— Você, agora, vive em Espírito. Fique tranquilo, logo se habituará à sua situação atual. Que tal levantar-se e conhecer o jardim?

Rafael pulou da cama imediatamente e não apenas por curiosidade em conhecer tudo por ali. Sentia-se alegre, satisfeito, feliz com a extraordinária transformação para melhor em sua vida. Não sentia receio algum naquela forma de existência, nova e palpitante. Sentia-se realmente bem, seguro, protegido. Leonardo, pegando-o pela mão, levou o recém-chegado para o pátio.

Rafael, olhando ao redor, percebeu que estava em um Hospital, grande, limpo e agradável. O prédio, todo em branco e azul, era rodeado por um enorme jardim com gramados amplos, árvores e muitas flores.

Caminhando ao lado de seu orientador, Rafael estava simplismente encantado com o que lhe era dado observar. tudo parecia ter um colorido extremamente belo, flores, pássaros, borboletas, as árvores frondosas... E uma paz infinita ninando no local, um ambiente acolhedor, amorável. Além do portão, Rafael pôde divisar ruas amplas arborizadas e prédios e casas em meio a gramados, tudo muito limpo e muito belo.

— Diga-me, Leonardo, aqui é o Céu, o paraíso?

Leonardo sorriu, divertido:

— Rafael, aos poucos você saberá tudo o que deseja. Céu como muitos imaginam lá na Terra, não existe, é pura utopia. Aqui é uma das muitas moradas da Casa do Pai, moram dos mortos no corpo material, vivos em Espírito. É uma

Cidade, uma Colônia Espiritual, linda e acolhedora, para abrigar jovens que a isso façam jus.

— Mas que lugar lindo, reconfortante, diferente de tudo que conheci até então! Como me sinto bem, Leonardo!

— Que bom que você tenha gostado, irmãozinho. morará aqui por um bom tempo para estudar, aprender, trabalhar. Venha, vamos conhecer novos amigos.

Rafael foi cercado por garotos de sua mesma

faixaHetária, Sorrindo, foram se apresentando, procurando deixar o ••• ; ; ; <> companheiro bem à vontade. Todos muito simpáticos, oferecendo-lhe companhia, amizade.

Rafael gostou tanto que nem mais se lembrou de sua i encarnação.

Foi apenas ao despertar na manhã seguinte que se lembrou de seus pais, sentindo que choravam e sofriam por sua morte. Aquele desespero parecia vir de dentro dele!

Rafael, angustiado, apelou para Leonardo que já se encontrava em seu quarto a fim de dar-lhe o amparo que sabia indispensável.

— Morri, mas sinto a presença de meus pais que sofrem! Que se passa comigo?!

*40 João Duarte de Castro e António Carlos . ma, a Terceira Vítima Fatal 41*

Leonardo sorriu, sentando-se perto do leito do garoto.

— Rafael, a morte do corpo sempre traz perturbação.

Você já sabe que se ausentou de seu domicílio terreno, mudou-se para cá, uma nova moradia, só que no Plano Espiritual.

Mais precisamente, você agora se encontra em uma Colônia, num Educandário para onde são encaminhados os infantes e jovens, bons, quando ocorre a morte de seu corpo de carne.

Não se assuste, no momento seus pais choram e se desesperam por sua causa. Nada mais natural, eles o amam e sentem sua ausência.

Rafael continuava, porém, angustiado.

— Não se deve deixar perturbar com o sofrimento de seus pais, Rafael. Para eles, você de fato morreu. Você, no entanto sabe que está vivo e em situação bem melhor que a de antes. Não deve se preocupar com seus pais, com seu desespero. Pais sempre choram por seus filhos. Se você se perturbar aqui, a imantação negativa permanecerá e o sofrimento deles será permanente. Se orar por eles, procurar ajudá-los com seus pensamentos de paz e harmonia, este transe logo passará. Sentindo que você está bem e que não morreu mas apenas passou por uma transformação, seus pais em breve estarão conformados e recuperarão seu equilíbrio, irmãozinho.

Por muitas outras vezes ainda, Rafael sentiu o impacto do desespero de seus pais, mas procurava lembrar-se das orientações de Leonardo. Orava por eles e procurava distrair-se, concentrando-se nas boas coisas de sua nova vida. Com o tempo, conseguiu disciplinar-se nesse sentido e percebeu que quanto mais procurava desligar-se da angústia de seus pais, mais se sentia tranquilo e mais tranquilidade transmitia a eles. Tratou logo de se entrosar com seus novos companheiros, gostava de conviver com seus novos amigos.

Distraía-se muito admirando as plantas, as flores, pássaros e borboletas, enfim, extasiando-se com aquela exuberante Natureza do outro mundo.

Gostava do Educandário e desejaria também frequentar aulas junto com seus colegas e falou a respeito com Leonardo

— Amigo Leonardo, já me considero bem ajustado em minha vida atual. Apenas me sinto um pouco só, enquanto • u amigos estão estudando. Será que já estou preparado para frequentar a escola também?

— Ótimo, Rafael, sinto-me feliz por seu desejo de estudar

i.' e de participar mais ativamente da vida da Colônia.

Justamente vim para convidá-lo para isso. Amanhã mesmo seu desejo será satisfeito e iniciará sua nova fase aqui. Ainda hoje

você será transferido para sua nova residência, assim ficando in condições de ir para a escola.

*muna, a Terceira Vítima Fatal 43*

*CEdwardánc*

No final da tarde daquele mesmo dia, o atendente veio à enfermaria do hospital onde Rafael estivera em recuperação, a fim de levá-lo ao Educandário, propriamente dito. Lá seria sua residência daí por diante, enquanto permanecesse na Colônia. O Educandário, escola de jovens e crianças, é um prédio muito grande, rodeado de jardins floridos e parques com brinquedos variados. É local de estudo e também alojamento para os que não têm parentes na Colônia. Do lado direito, estão as classes destinadas aos jovens e, do outro lado, as salas das crianças.

No Educandário residem alguns trabalhadores, professores e internos e todos vivem felizes na comunidade.

Rafael, ao lado do atendente, um rapaz muito gentil por nome Estêvão, atravessou o portão de entrada, dirigindo-se à ala da Administração. Estêvão encaminhou o novo residente a uma Orientadora, uma senhora muito simpática, que cumprimentou Estêvão e abraçou carinhosamente Rafael. Era Lúcia, Psicóloga, encarregada de receber os recém-chegados.

— Mas que rapazinho bonito! Seja bem-vindo ao Educandário, Rafael. Como está passando? Que achou deste local?

— Bem - respondeu Rafael, um tanto encabulado -, tudo aqui é muito lindo e agradável.

— Gostará ainda mais daqui, Rafael, à medida que for conhecendo melhor as instalações, colegas e o pessoal da || O Professor Leonardo deu-nos excelentes referências nus, moço. Estamos certos de que vamos nos dar muito bem. Rafael recebeu algo surpreso a informação de que Leonardo, o rapaz que o atendera desde sua chegada e a quem aprendera a estimar, era em verdade um Professor. O jovem revelara-se tão simples e humilde que Rafael supusera ser

ele

apenas um atendente ou mesmo enfermeiro. Agora passava a

loNejar que o matriculassem na classe do Professor Leonardo.

— Hoje mesmo conhecerá todo o Educandário, Rafael.

Estevão vai levá-lo agora até seu quarto e depois terei a satisfação de mostrar-lhe a escola, inclusive conhecerá a classe que frequentará.

— Dona Lúcia, será que posso ser matriculado na classe do Professor Leonardo? Já nos conhecemos bem e gostaria de continuar sob sua orientação.

A orientadora sorriu, satisfeita:

— Certamente, Rafael. Inclusive, é este também o desejo do próprio Professor Leonardo. Aliás, a sua é uma classe especial, destinada a jovens de onze a catorze anos que tiveram

uma desencarnação incomum. São Espíritos muito inteligentes e com bons conhecimentos anteriores.

— Como assim, *desencarnação incomum*, dona Lúcia?

— A sua, por exemplo, foi uma morte física violenta, traumática, e não uma desencarnação normal. O mesmo

acontece com todos os integrantes da classe do Professor Leo-

| Seu mestre, que é muito dedicado e grande amigo de todos discípulos, explicar-lhe-á melhor essa questão. Por isso mesmo, você não terá outros orientadores neste período, além do Professor Leonardo. Mas agora acompanhe o nosso Estevão para que depois eu possa mostrar-lhe todo o Educandário,

*44 João Duarte de Castro e António Carlos*

Rafael.

R

afael

foi

recebid

o na

porta

de seu

quarto

por

Sandro

, um

garoto

de

treze

anos

de

idade,

que

seria  
seu  
colega  
de  
classe  
e  
vizinh  
o de  
alojam  
ento. O  
rapazin  
ho já  
era  
conhec  
ido de  
Rafael  
e o  
novo residente ficou ainda mais feliz por  
tal circunstância.

Sandro também tivera uma  
morte violenta, desencarnara num  
acidente. Já havia tido a oportunidade  
de conversar com Rafael a respeito,  
relatando-lhe como se sentira ao chegar à  
Colônia. Sua experiência e incentivo  
foram muito importantes para a  
adaptação inicial de Rafael.

Rafael gostou muito de seu  
alojamento ou quarto, um cómodo  
amplo, arejado, pintado em cores bem  
alegres. O local era decorado com  
simplicidade, mas com muito bom  
gosto, com bonitos quadros nas paredes  
e lindas cortinas na janela. A janela, bem  
grande, dava vista para o jardim.

Estêvão colocou os pertences de  
Rafael sobre a cómoda a fim de que o  
rapaz os guardasse depois, dispondo-os  
de acordo com sua preferência.

Assim que as coisas foram  
acomodadas no quarto, Estêvão  
apressou-se a conduzir Rafael até a  
orientadora Lúcia, que o aguardava para  
a prometida visita às dependências do  
Educandário.

O estabelecimento, muito limpo,  
bem pintadinho, com plantas  
ornamentais e muitas flores em todos os

recantos, encantou Rafael. O moço observava tudo maravilhado, jamais soubera de um Educandário assim tão grande, tão bem iluminado, arejado e com uma decoração tão apropriada. Lúcia ia explicando-lhe tudo em detalhes:

—

Aqui ficam as moradias para os funcionários residentes, aqueles que não têm ainda casa na Colónia.

Vários professores também moram aqui, como é o caso de seu mestre. São muitas as pessoas que aqui trabalham visando o bem-estar de nossos jovens e crianças.

*u*

*m*



a  
,  
a  
T  
e  
r  
c  
e  
i  
r  
a  
V  
i  
t  
i  
m  
a  
F  
a  
t  
a  
l  
A  
p  
o  
n  
t  
a  
n  
d  
o

para um local próximo,  
continuou:

— Aquela é a sala das  
crianças, as quais são  
distribuídas conforme sua faixa  
etária. Ali está o berçário, Rafael.  
O jovem viu crianças de  
todos os tipos, muitas delas  
sorrindo felizes nos parques.

— Você, com o tempo, terá  
oportunidade de conhecer  
tudo mais detalhadamente,  
Rafael. Venha, neste setor estão  
as  
Salas de aula. Veja, esta é a sua.  
Lúcia, ato contínuo, abriu a  
porta da classe que no momento

estava vazia porque já se encerrara  
o período de aula-; Rafael  
admirou a sala muito ampla,  
espaçosa, com muitos quadrosnegros  
na parede e nas laterais,  
com armários no fundo, e  
material didático farto,  
cuidadosamente arrumado  
...na mesa destinada a tal fim. A  
mesa do professor ficava  
sobre um estrado mais alto para  
favorecer a visão, tanto do  
mestre como dos alunos.  
O garoto sentiu-se muito bem ali,  
onde certamentepassaria muito  
tempo. Fez o propósito, desde já,  
de aprender e estudar,  
aproveitando a experiência que lhe  
fosse transmitida pelos colegas.  
Desejava Rafael assimilar  
também todosos ensinamentos  
qu  
e  
se  
u  
a  
m  
ig  
o  
e  
pr  
of  
es  
so  
r  
ce  
rta  
m  
en  
te  
lh  
e  
tra  
ns  
mi  
tiri  
a.  
O

r  
a  
p  
a  
z  
t  
i  
n  
h

a a intenção de, sobretudo, tornar-se bom. Melhorar-se intimamente, acumular os bens espirituais que o ajuda-sem a superar a dura travessia de uma próxima incarnation. Naquele momento o jovem sentia profundo desejo de reconciliar-se com seu pai carnal, apesar de ter sido morto por ele.

São numerosas as colónias espirituais. Não apresentam as mesmas condições nem idênticas características. Há enormes multiplicidade de meios em tais planos. Seus habitantes se >identificam pelas fontes comuns de origem e pela grandeza dos fins a que se destinam. Contudo, cada Colónia permanesse

r

*João Duarte de Castro e António Carlos*

no degrau evolutivo e nas condições correspondentes, conforme a própria situação de seus hóspedes. Logo, cada organização apresenta características especiais.

O corpo terreno é a causa principal das necessidades, das doenças, das fraquezas e das paixões humanas. A grosseria característica do invólucro material dificulta a delicadeza de sentimentos, inibe potencialidades e prejudica as percepções do Espírito. Fora do corpo e estando em razoável condição evolutiva, o ser espiritual readquire a ampla capacidade perceptiva, temporariamente embaraçada pela materialidade do homem encarnado.

A Colónia para onde fora encaminhado Rafael destinava-se a abrigar jovens e crianças em boa situação espiritual. Assim, pelas boas condições dos albergados, o educandário também apresentava superior padrão vibratório.

Daí Rafael e todos os demais estagiários sentirem aquele inefável anseio de bondade, de perdão, de amor e de reconciliação.

X

aprendizado

Na manhã seguinte, Rafael acompanhou Sandro até sua classe. Os alunos já estavam em seus lugares e já aguardavam a chegada do novo colega.

Foi com emoção que Rafael cumprimentou seu amigo Professor Leonardo. O mestre recebeu-o carinhosamente, tratando-o com a mesma consideração com que o rapaz já se acostumara quando não sabia ainda que seria ele seu professor. O jeito encabulado de Rafael parecia falar por si mesmo: "Desculpe-me, caro amigo, por tê-lo suposto um enfermeiro ou mesmo um atendente. Porém, o sorriso sempre amável do jovem mestre encarregou-se de colocá-lo à vontade.

— Para quem não teve ainda a oportunidade de conhecê-lo, este é nosso amigo Rafael, recém-chegado do lar terreno.

O Professor pediu para os colegas que ainda não haviam ilavado conhecimento com o novo aluno que levantassem As mãos. Apenas oito, dos vinte alunos da classe, indicaram não conhecer Rafael pessoalmente, sendo, assim, feitas as devidas apresentações.

— Sente-se onde melhor lhe convier, Rafael. E considere-se | benvindo à nossa classe especial.

*48 João Duarte de Castro e António Carlos Hosana, a Terceira Vítima Fatal 49*

Sandro fez um aceno convidando Rafael a sentar-se em uma carteira vaga ao seu lado e o novo aluno acomodou-se, permanecendo atento à aula que se iniciava.

Uma particularidade que chamou desde logo a atenção do novo discípulo foi o clima existente em classe. Respeito e fraternidade entre alunos e Professor, disciplina e interesse pelo aprendizado, coisas que Rafael não se lembrava de ter jamais presenciado em seus tempos de estudante terreno.

— Bem, caros discípulos, continuemos em nosso tema de ontem. Falávamos da Caridade, da ajuda ao próximo, da aplicação do mandamento maior lecionado por Jesus. Alguém deseja falar algo a respeito, sobre o que entendeu deste assunto tão importante?

Leocádio, um rapazinho de seus 12 anos, muito compenetrado, levantou a mão e o Professor convidou-o a falar.

— Entendi que o princípio fundamental do maior mandamento pregado pelo Sublime Amigo está, justamente, em sua recomendação: fazer aos outros aquilo que desejamos que ele nos faça; ou, em outras palavras: tratar todas as pessoas como desejamos que elas nos tratem. Não se pode mesmo ter outro procedimento. Ora, esta é realmente a expressão mais completa da Caridade. Com que direito exigiríamos de nossos

semelhantes melhor tratamento do que aquele que nós próprios lhes dispensamos? Penso que a partir do momento em que os homens assim procederem, compreenderão a verdadeira fraternidade, e a paz e a justiça reinarão na Terra. Não mais haverá ódio nem desentendimentos.

— Muito bem dito, Leocádio. Você enfocou bem a questão. Mais alguém deseja abordar o assunto?

— Com licença, Professor - disse, levantando-se, Roberto. Para mim, o aspecto mais significativo do tema está relacionado com as formas de praticar a Caridade. Muitos confundem Caridade com esmola, Praticam a Caridade material, apenas, dando, quase sempre com orgulho e altivez, o que lhes sobra da mesa, da bolsa ou do guarda-roupa. Esta maneira de se ajudar o próximo é, realmente, a mais fácil, porém a menos importante. Se apenas houvesse esta forma de ajudar, somente os ricos estariam em condições de socorrer os pobres, no entanto, estariam privados de sua prática. A Caridade moral, entendo que seja a mais valiosa e que pode ser praticada por todos os homens, independentemente de sua condição financeira.

— Certo, Roberto. Continue.

— Para a prática desse importantíssimo tipo de caridade Professor, é indispensável, apenas, que se tenha bom coração e bons sentimentos. A Caridade moral pode ser praticada POR pensamentos, palavras e atos. Veja, Professor, que maneira mais linda de se ajudar alguém que esteja desesperado, chateado, precisando somente de uma pessoa de boa vontade se disponha a ouvi-lo para que possa desabafar, que ofereça o ombro amigo!

— Ótimo, Roberto. Sem dúvida, o tema foi muito bem entendido e aproveitado por todos. Mas agora vamos ao trabalho de pesquisa em grupo passado ontem. Foi marcado que trouxessem hoje, para leitura à classe, a página julgada mais bela sobre o tema Caridade. Armando, por favor, leia a mensagem escolhida por seu grupo.

— Nosso grupo, Professor, encontrou várias mensagens laudas belas e oportunas sobre a Caridade, mas escolhemos a de Scheilla, intitulada "Esmolas Esquecidas" para nossa apresentação.

A seguir, com voz clara, pausada, e colocando todo o sentimento » na leitura, Armando apresentou a mensagem selecionada por sua equipe:

*' Dá o que possas, como possas e quanto possas, em benefício dos outros, mas lembra sempre essas esmolas suas:*

*O timbre da voz fraterna com quem ainda não sim*

*João Duarte de Castro e António Carlos*

*patizas; o sorriso acolhedor para a visita inesperada.*

— *O minuto de boa vontade no esclarecimento amigo; a simples conversação reconfortante com a pessoa cuja presença te desagrada.*

— *O silêncio generoso ante a provocação daqueles que ainda não te compreendem; a insignificante gentileza na via pública.*

— *A referência construtiva em favor dos ausentes; o serviço singelo aos desconhecidos.*

— *A oração pelos adversários; a consideração para com os mais velhos.*

— *O amparo à criança; a ligeira visita aos doentes.*

— *O bilhete afetuoso ao irmão necessitado de bom ânimo; o carinho em casa.*

— *O socorro aos desalentados; a palavra otimista para quem te ouve.*

— *A leitura edificante; o respeito às situações que não conheces.*

— *O auxílio à Natureza; a cooperação desinteressada no Bem.*

*Não te afastes do abençoado serviço a todos..*

*Os pequeninos gestos espontâneos de verdadeira fraternidade são alicerces seguros na construção do Reino de Luz e Amor."*

Em seguida, outros representantes de grupo apresentaram também a mensagem apontada por sua turma como a mais bela e sugestiva, dentro do tema em estudo.

E o tempo passou rápido e de forma agradável, com grande atenção e interesse por parte de todos.

Quando a sineta soou anunciando o término das aulas daquele período, Rafael sentia-se empolgado pelo que lhe fora dado observar, sentir e aprender. O rapaz estava gratificado pela oportunidade que lhe estava sendo proporcionada e agradeceu fervorosamente ao Pai Misericordioso, pelo feliz ensejo...

### ***Encontrando o Equilíbrio***

Muitas vezes, ainda, Rafael sentira o desespero de seus pais. Era um apelo tão forte que seu coração parecia querer transbordar de tanta angústia.

Ensinara-lhe o Professor Leonardo que isto era muito normal: os pais encarnados ainda não conseguem entender e aceitar com resignação a chamada perda de seus filhos.

Muito compreensível,

assim, aquela sensação extrema de perda.

o sofrimento na Terra será, talvez, comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração enregelado e que o ataúde transporta para o grande silêncio. Ver a sombra da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que

mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus

lidscritível, é como despedaçar a própria alma, e prosseguir vivendo.

E quando a saudade torna-se depressiva, quando desespere d transforma-se em revolta, inconformação sentimento, negativo atinge os entes queridos que partiram mais cedo, perturbando-os também. Neste momento crucial, contudo, é preciso que haja o equilíbrio de parte a parte a benefício comum, Os que atravessaram a faixa do sepulcro fizeram como quem se desvencilha da noite, mas, no alvorecer do novo dia, *52 João Duarte de Castro e António Carlos una, a Terceira Vítima Fatal 53* inquietam-se também pelos que ficaram... Ouvem-lhes os gritos e as súplicas e tremem, igualmente, cada vez que os laços afetivos da retaguarda se rendem à inconformação e à angústia desmedida. A ajuda, então, deve ser recíproca e a prece é o melhor recurso para sanar a dor terrível da separação e para promover o necessário equilíbrio espiritual, lá como aqui. Com o tempo, porém, Rafael foi sentindo que os períodos de tristeza tomavam-se mais espaçados e menos intensos. Também seus pais sentiam-se mais conformados. Permanecendo na viagem pelo mar das provas redentoras, entende e aceita que a vida continua para todos e que a despedida é temporária porque, em futuro mais próximo do que se possa imaginar, estarão todos respirando na mesma atmosfera da existência.

Assim, o equilíbrio emocional foi sendo conseguido através desse intercâmbio amorável proporcionado pelas preces, pelas rogativas de amparo e reconforto endereçadas ao Alto, tanto pelos que permaneciam enclausurados no corpo de carne, como pelo rapaz cujo Espírito já se encontrava liberto. E Rafael, recebendo as orações fervorosas da parte de seus pais, sentia-se lembrado, querido. Receber orações lá no outro Plano é como receber cartas, presentes, são lembranças carinhosas que fazem muito bem. Também quando os pais dedicam-se à Caridade, ao auxílio ao próximo, fazendo-o por intenção de seu ente querido, estão ajudando-o e dando-lhe a maior demonstração de amor que lhes é possível proporcionar. Principalmente naquele período de adaptação ao novo sistema de vida, receber orações com otimismo e atos de auxílio fraterno por sua intenção, ajuda muito os que partiram antes.

Ainda atendendo à orientação de seu querido Professor, bem como aceitando os conselhos dos colegas mais experientes, Rafael procurava imprimir um ritmo saudável à sua existência no Educandário. Tratou logo de se entrosar com os amigos. Apreciava muito tudo o que ali lhe era proposto

Ao rapaz, parecia-lhe estar mesmo numa verdadeiracolônia

de Férias ou num parque recreativo. Adorava passear, aproveitava bem suas horas de lazer. Gostava muito também da escola, dos estudos, de seu mestre, de todos os companheiros de classe.

Do Programa de Ensino constavam aulas de Moral  
iii. estudo e interpretação dos Evangelhos, Conhecimentos Gerais, Artes.

Aquela era uma Colônia que, como muitas, tinha uma Forma especial para acolher os que desencarnam na infância e

Na adolescência. Crianças e jovens ao desencarnar, embora sendo espírito milenar, são tratados com imenso carinho pelos dedicados socorristas.

Criança é difícil vagar, a não ser quando tenha praticado muitos delitos e quando o Espírito, desencarnado na infância pertence ou pertenceu a alguma organização do Mal antes de reencarnar.

Jovens também vagam e sofrem, dependendo de sua situação

Jovens frios, assassinos, malfeitores, ladrões, viciados que desencarnam revoltados, não podem ser socorridos, .... eles o querem. Nos Centros de Recuperação estão apenas aqueles que foram socorridos após vagar por mais ou por menos tempo, somente quando se arrependem e rogam sinceramente auxílio. Viciados desencarnados são atraídos por seus afins,

\* | sendo isso, contudo, uma regra absoluta, cada caso é um caso particular.

Para os educandários seguem diretamente apenas crianças e jovens bons, de boa formação moral, que tenham sido bons

filhos, responsáveis, amorosos. Estes locais geralmente encontram-se

em uma Colônia Espiritual. Toda Colônia é grande, bonita limpa e organizada. Há sempre muito verde, jardins, terrenos gramados e bosques com riachos e lagos de água

*54 João Duarte de Castro e António Carlos*  
cristalina.

Em pequenos bosques com lindas árvores e muitas flores, ficam os animais. São esquilos, coelhos, pássaros, borboletas, e tantos outros bichinhos, dóceis, amorosos, que ficam livres, tranquilos, sem medo das pessoas. Ao chamado dos visitantes, pássaros pousam-lhes nos ombros, animaizinhos



vão para seus colos.

Na ala direita do Educandário está localizado, justamente, o bosque; na parte central estão os prédios onde ficam os alojamentos, salas de aula, biblioteca, salões de música e de Artes em geral, recintos para teatro e palestras.

A biblioteca é muito ampla, linda, com muitos livros infanto-juvenis; são volumes que proporcionam a quem os lê, boas informações e aprendizado. Muitos são cópias de livros escritos por encarnados. A Literatura Espírita é muito lida também lá, e há até fãs-clubes de alguns escritores.

A parte do Internato onde estão os alojamentos, é dividida por faixa etária e, após os sete anos, também por sexo. O alojamento dos pequenos ali é denominado Parque. É muito bonito, com um enorme parque contendo brinquedos variados, com muitas "tias" e "tios", pessoas experientes e bondosas que cuidam carinhosamente dos pequenos.

Antes dos sete anos os que desencarnam podem voltar a ter a aparência que tinham antes de reencarnar, se assim o desejarem, não ficando então no Educandário. Há os que reencarnam logo e há os que ficam e gostam muito dali. São crianças felizes, ativas, que cantam em corais e que estão sempre rindo e em festa.

Rafael em breve também passou a fazer parte de um Coral e pretendia futuramente integrar um grupo de teatro. O rapaz apreciava muito a leitura e passou a ser um frequentador assíduo da Biblioteca. Enfim, o jovem sentia-se feliz, integrado naquele sistema de vida tão puro e tão gratificante.

## **XI**

Libertando-se da Altopiedade

Os alunos frequentam as aulas do Educandário conforme seu grau de conhecimento e as circunstâncias de sua desencarnação. Rafael integrava uma classe especial onde todos os alunos haviam tido morte física incomum, muitodorolosa ou violenta.

Crianças, jovens, que tiveram mortes incomuns passam um tempo em salas especiais localizadas na ala centro-direira, perto do bosque. Depois, dependendo de cada caso, juntam-se com outros nas classes comuns.

O Currículo de estudos naquelas escolas do outro mundo possui diversas matérias de conhecimentos gerais e também alguns estudos específicos, como aqui na Terra. Os professores e orientadores, no entanto, preocupam-se muito com a Educação Espiritual dos discípulos. Os educandos aprendem como viver desencarnado, como é o Plano Espiritual, aprendem a interpretar corretamente as lições do Evangelho e recebem orientação de como se comportar diante dos problemas da vida e de como ajudar a todos os irmãos. Os mestres tudo fazem para que a Colônia seja um lugar de

felicidade, de paz, de harmonia, de equilíbrio. A morte física é mudança, é informação, e os orientadores procuram fazer com que não

*56 João Duarte de Castro e António Carlos*

seja uma mudança brusca, drástica.

Há regiões particularmente destinadas aos Espíritos libertos do invólucro carnal. São planos, esferas, espécies de campos, colónias espirituais, posições intermediárias entre mundos, propriamente ditos, graduados de acordo com a condição dos Espíritos que aí têm acesso. São locais para gozo de maior ou menor bem-estar de seus habitantes, para refazimento, trabalho, estudo ou esclarecimento, para preparação de novas encarnações.

No plano incorpóreo, o Espírito pode melhorar-se conforme seja seu desejo e a vontade de consegui-lo. Entretanto, só na existência corporal poderá pôr em prática o aprendizado que recebeu; e os erros cometidos na matéria somente poderão ser resgatados durante a reencarnação. E por isso que o povo diz, sabiamente: "Aqui se faz, aqui se paga"! Na erraticidade, os Espíritos são felizes ou desgraçados, conforme seus próprios méritos ou o grau de desmaterialização a que tenham atingido. O mundo físico é a escola preparatória do Espírito encarnado, é a oficina ou forja para sua depuração.

Os jovens que desencarnam com idade superior a 15 anos vão para uma parte do Educandário destinada aos adolescentes. Aí não há brinquedos, mas sim outras atividades recreativas mais a gosto deles. Idade é, de fato, um estado íntimo; há os que desencarnam jovens mas se sentem adultos, amadurecidos, passam algum tempo no Educandário e depois são integrados na Colónia para estudos e trabalho. Outros desencarnam não tão jovens, mas se sentem imaturos, gostam do Educandário e lá permanecem. O período de permanência é, assim, adequado às necessidades de cada um, alguns lá ficam por mais tempo, outros saem logo e, por diversos motivos próprios de cada individualidade, reencarnam, ou vão para outros locais, geralmente por necessidade de outros estudos ou de trabalho.

Jovens que foram, enquanto encarnados, deficientes

! *ma, a Terceira Vítima Fatal*

Mentais, recebem tratamento especial no Hospital. Recuperados, podem, se necessário, estudar no Educandário.

Rafael gostava muito de estudar ali porque tinha um mestre dedicado e amoroso, seus colegas eram muitofraternos e todos procuravam colocá-lo à vontade, narrando-lhes suas próprias experiências. O aprendizado é feito objetivamente de forma clara, simples, os alunos têm interesse em estudar e vontade de aprender.

Apesar de se sentir bem integrado à nova condição e muito

feliz em sua atual forma de viver, o rapaz, às vezes, sentian grande tristeza por ter sido assassinado pelo próprio pai, Sentia-se mesmo com piedade de si próprio e até enver-

Onhado pela inusitada maneira com que tivera interrompida sua vida física. Sentindo a um só tempo, pena de si mesmo e vergonha, chegava a imaginar que apenas ele, dentre tantos jovens

que haviam tido morte incomum, acontecia ter um pai marginal, ladrão, e assassino do próprio filho!

Nessas ocasiões depressivas, as preciosas orientações do professor Leonardo e os relatos de seus colegas eram para Rafael um refrigério. Podia ele, assim, entender e aceitar que todos ali tinham experiências drásticas; e saber que outros haviam passado por dramas extraordinários em sua morte carnal, confortava o jovem. Logo, Rafael ficava sabendo que não tinha motivos para ter dó de si mesmo, que devia fugir da piedade e que também não devia sentir vergonha pelo pai que tivera. O objetivo comum ali devia ser aprender e construir, não se aborrecendo com erros alheios, procurando | levar a imperfeição dos outros e, ao mesmo tempo, buscar a calma íntima.

Rafael ia assim aprendendo que para tudo há explicações | e, apesar de não se entender num dado momento as causas dos sofrimentos e das dificuldades por que se passa, deve-se aceitá-las, acreditando serem certas, porque Deus é justo e deve-se confiar sempre no Pai.

57

*58 João Duarte de Castro e António Carlos <ma, a Terceira Vitima Fatal 59*

Assim, tanto em classe como nas conversas com os colegas, o jovem progredia em seu aprendizado e deixava de sentir autopiedade ao verificar que no Educandário, principalmente em seu grupo, todos tinham razões até muito mais procedentes para lastimar seus dramas particulares, mantendo-se firmes e resolutos, porém.

Foi sobre isso que lhe falou, certa vez, seu colega Honório:

— Rafael, todos nós aqui, alunos ou residentes deste Educandário, temos histórias interessantes e dramáticas referentes à própria desencarnação. E você já observou, caro amigo, como a turma de nossa classe forma um grupo um tanto diferente dos demais educandos. Os outros são mais saudosos de seus lares, têm vários professores, são mais infantis. Nós, no entanto, formamos um grupo que apresenta ser mais adulto, amadurecido, mais consciente de seus acertos e erros. Temos apenas um professor, mestre especial, sábio, amoroso, que se comporta como um amigo mais velho e mais experiente que procura ensinar, ajudar, com sua bondade e compreen

são.

Rafael ouvia, atento:

— Sabe, companheiro, é triste ver os amigos sofrerem quando seus familiares não aceitam suas mortes físicas, chamam os chorando em desespero, e eles sentem aqui os apelos desvairados. Muitas vezes entram em crise e choram também porque não têm ainda a devida maturidade para se desvencilhar da imantação negativa que lhes chega dos entes queridos em desequilíbrio.

— Concordo com você, Honório. Nós estamos em condição privilegiada porque já temos compreensão, somos mais adultos e precisamos manter nosso equilíbrio emocional. Mas, como procedem os orientadores para auxiliar esses jovens em suas crises?

— Crianças e jovens em estado de desespero são ajudados pelos orientadores que, quase sempre, os adormecem para que se recuperem. Todos nós sentimos no começo muita saudade disso é natural no período de adaptação. Felizes daqueles que contam com a ajuda de seus entes queridos encarnados e que se os amigos e familiares compreendem, aceitam, tudo se torna mais fácil.

— Outra coisa, Honório. Por que as crianças e jovens se acostumam tão bem aqui na Colônia?

— Esta fácil adaptação de crianças e jovens nesse estágio, decorre de seu pouco apego à matéria, a bens que geralmente os adultos julgam possuir. Os jovens são mais desprendidos das coisas materiais, daí terem mais facilidade de adaptação no Plano Espiritual. Mas todos, desde que compreendam a vida como um todo, entendendo que a existência é constituída de segmentos contínuos, vividos ora no mundo material ora no mundo extrafísico, aceitam e passam a amar a vida desencarnada bem mais, às vezes, que a própria vida encarnada.

Um outro esclarecimento que Rafael há muito tempo desejava receber relacionava-se ao intercâmbio entre familiares encarnados e desencarnados. Tal informação chegara certo dia através da explicação dada pelo Professor Leonardo em resposta à indagação de um colega durante a aula.

— Como muitos aqui já têm conhecimento - falou o mestre -, o relacionamento entre familiares, entes queridos, encarnados e desencarnados, prossegue normalmente. A morte material não interrompe a vida, assim como não desfaz os ímãs que interligam aqueles que se amam. Aqui todos podem

de seus amados e, em certos casos, através do desligamento parcial durante o sono físico, pode-se até mesmo receber a visita de alguns membros da família encarnada. Visitas

:

sempre possíveis e até mesmo mais fáceis entre familiares e amigos todos desencarnados, que estejam bem espiritualmente e

que se visitam porque estão todos na mesma situação.

*60 João Duarte de Castro e António Carlos*

— E quanto às visitas a nossos entes queridos encarnados lá em nossos lares terrenos - pergunta outro discípulo - é possível, Professor?

— Quando estivermos aptos, ou seja, quando já estivermos adaptados e entendermos bem a vida espiritual, poderemos visitar, sim, nossa família encarnada, Pedro. Naturalmente, primeiro acompanhados por orientadores, depois até mesmo sozinhos em ocasiões especiais. Também através da escrita pode-se manter o intercâmbio com nossos entes queridos encarnados.

Rafael ficara felicíssimo com tais informações. Há muito acalentava o sonho de entrar em contacto com seus pais, visitar seu lar terreno, verificar como iam seus amados. E semelhante desejo do rapaz estava para ser realizado bem antes do que ele poderia supor.

Naquela tarde mesmo, após as aulas, foi informado de que deveria comparecer à Recepção porque havia uma visita à sua espera.

Estava sendo colocado em prática o projeto destinado a concretizar a visita de Rafael à Terra.

*Reencontro no plano Espiritual*

Rafael dirigiu-se rapidamente à Recepção, estava curioso por saber quem o procurava.

Seis meses haviam se passado desde sua chegada ao educandário e apesar de se sentir muito bem ali, desejavasaber como estavam seus familiares após sua partida. Tinha vontade também de saber algo a respeito do destino de seu pai

Interessante, ultimamente pensava muito em seu verdadeiro pai, não o odiava, há muito o havia perdoado, melhor ; dizendo jamais o havia responsabilizado por sua morte. Razões procedentes deveriam existir para que tudo acontecessedaquela forma. Sabia que seu assassino era mesmo seu proge-nitor pela horrorizada expressão proferida por seu pai adotivo:

Miserável, matou seu próprio filho!" Uma bela jovem era a visita para Rafael. A moça, assimque viu o rapaz se aproximou, levantou-se do banco em que estava sentada junto à Recepção e foi ao seu encontro, dizendoalegremente:

"Oi, Rafael". Foi grande a surpresa do moço ao constatar que apessoa que o procurava era a sua colega Rosana, a terceira vítima fatal do estuprador. Em nenhum momento havia cogitado de

f  
*62 João Duarte de Castro e António Carlos una, a Terceira Vítima Fatal 63*  
ser ela a visita anunciada.

— Oi, Rosana, mas que surpresa agradável! Que a traz aqui, querida amiga?

Rafael não pode deixar de observar cuidadosamente que sua amiga estava ainda mais bela agora. Sempre fora muito bonita, mas agora estava simplesmente linda!

— Sou residente aqui do Educandário, amigo. Moro na ala feminina. Para cá fui trazida logo após minha morte violenta. Já havia sido informada de sua presença nesta Colónia, embora sem ter maiores detalhes a respeito de seu desenlace. Venho não apenas pelo grande prazer de visitá-lo, mas também porque fui incumbida de acompanhá-lo a uma outra visita... só que lá na Terra! Sabia que nós podemos nos comunicar com nossos entes queridos, Rafael?

— Sim, Rosana, estou sabendo desta possibilidade de comunicação. Mas como será, precisamente, este contacto que faremos? Vamos aparecer diretamente para aqueles a quem amamos? Imagino que não, pois se assim fosse seríamos tomados como fantasmas, não é mesmo?

Rosana sorriu com a brincadeira do amigo.

— Claro que não, Rafael. Sem essa de fantasma! Você vai se comunicar com seus pais utilizando pessoas com a devida Mediunidade para tal intercâmbio. Médiuns que trabalham para o Bem.

— Então me explique melhor como funciona este mecanismo mediúnico, Rosana. Você parece estar bem informada a respeito.

— Para a sua comunicação, que já foi concedida pela Espiritualidade, vai funcionar assim: seus pais estão sendo intuídos a procurarem o médium Francisco Cândido Xavier a fim de pedir uma mensagem sua. No momento certo, você ditará a carta cujo texto já terá sido feito por você com minha ajuda e a supervisão do Professor Leonardo.

— Espere um pouco, Rosana, mas vou ditando assim à Em voz? É tão simples este processo de comunicação?

Rosana fez uma pequena pausa. -Vou tentar explicar-lhe da melhor maneira. Como disse você irá escrever a carta a ser ditada. Venho como encarregada de ajudá-lo. Para transmitir a mensagem, basta que você se aproxime do médium; trabalhadores desencarnados fazem a ligação de uns fios que vão de sua aboca até a cabeça do mediano Chico Xavier; o ditado é telepático e para isso

você fica ali, próximo, coloca sua mão sobre a do médium e assim a carta é escrita. Rafael fez cara de espanto:

— Mas que interessante! Quer dizer que nós vamos funcionar como se fôssemos aparelhos elétricos ou eletrônicos-

— E isso mesmo, meu jovem. Você usou a palavra correta o médium funciona exatamente como um aparelho e, em verdade, é ele um instrumento da Espiritualidade.

— E depois, que faremos?

— A carta será portadora de questões muito importantes

! que também me dizem respeito. Você saberá de tudo no momento oportuno. Depois, vamos fazer umas visitas: iremos até sua casa para estar com seus pais e também visitaremos a avó Balbina e meus irmãozinhos, certo?

— Tudo bem, amiga. Fiquei muito feliz por este nosso encontro e também porque vamos participar juntos deste projeto. Ainda dispomos de algum tempo para podermos conversar um pouco mais?

— Sim, temos tempo ainda. Vamos até o jardim para conversarmos mais à vontade?

Os dois jovens dirigiram-se, então, para o jardim interno do educandário

Andando lado a lado, vagarosamente, caminhavam por grandes canteiros gramados e repletos de flores lindas dos mais variados matizes. Estavam em meio a um ambiente

*64 João Duarte de Castro e António Carlos*

extraordinário de beleza, cores, luzes, paz, harmonia. Ambos confessaram estar gratificados por poderem conviver em lugar tão especial, num tal estado de beatitude. Tudo tão belo, harmonioso, na mais completa paz, em meio a criaturas dispostas apenas para o Bem, para a fraternidade, para o Amor!

É esta, sem dúvida - comentavam os amigos - a felicidade tão sonhada pelos homens na Terra mas que, no entanto, não estão eles ainda em condições de desfrutar, em razão de seu próprio estado de inferioridade. Também ali, concordaram os jovens, estava o paraíso verdadeiro: não um Céu em que os seres ficassem estáticos em eterna contemplação e na mais absoluta inutilidade, mas integrados na obra da Criação pelo trabalho, pelo estudo, na preparação de futuras jornadas no corpo físico!

### **XIII A**

*Historia de Rosana*

Após alguns instantes em que permaneceram silenciosos, sentindo-se profundamente gratificados por serem parte Integrante daquele ambiente esplendoroso, Rafael foi o primeiro a falar:

— Rosana, desculpe-me se a perturbo tocando em tal

assunto, mas gostaria de que você me falasse a respeito dos acontecimentos que precipitaram sua desencarnação.

Fiquei

sabendo de muita coisa por lá depois que você partiu, mas gostaria de ouvir de você mesma a verdade dos fatos. Sabia que

você agora é reverenciada como "santa" lá em nossa cidade?

— Santa, eu?! Ainda tenho muito, mas muito mesmo, que melhorar, aperfeiçoar, aprimorar, caro amigo! Mas é isso

"MESMO o que acontece sempre: as pessoas, para crer, para alimentar a própria fé, ficam criando seus ídolos, concorda? principalmente nossos patrícios com todo o seu misticismo, procuram encontrar algo de sobrenatural e maravilhoso em que se apegar. O certo é que Deus não precisa de milagres

pura atestar Seus poderes, embora possa fazê-los, mas os homens

ainda necessitam de acontecimentos supostamente milagrosos para poderem crer. Mas é bom conversarmos sobre aqueles acontecimentos. Depois quero que também me conte

*66 João Duarte de Castro e António Carlos*

como as coisas se passaram no seu caso.

E assim Rosana foi relatando ao amigo Rafael como tudo havia acontecido. O rapaz ouvia encantado a narrativa da moça, principalmente porque, além de sua bela figura, Rosana possuía uma voz maravilhosa.

— Como já é do seu conhecimento, Rafael, meus pais desencarnaram ainda jovens em um acidente de carro, deixando a mim e a meus irmãozinhos - João e Janete - sob os cuidados da vovó Balbina. A avozinha, além de muito idosa, estava sempre adoentada, não tinha uma boa saúde física. Justamente por isso, ficava permanentemente sob os cuidados médicos do Dr. Sérgio. Nossa chácara distava três quilômetros da cidade, você sabe disso, pois estive lá várias vezes. Eu tinha que fazer tal trajeto todas as noites, ida e volta, para frequentar a escola. Você fazia o curso diurno, mas eu tinha que estudar à noite porque todos os estudantes daquele Bairro trabalhavam durante o dia no campo e eu precisava de companhia para fazer o percurso.

— E por que foi, então, Rosana, que você foi sozinha à cidade naquela noite?

— Por ser exatamente a noite de um sábado. Assim, não havendo aulas, meus colegas permaneciam em suas casas, em sua maioria. Vários rapazes, mesmo aos sábados, iam para a cidade, você sabe disso, mas a passeio. Acontece que vovó começou a se sentir mal já um pouco tarde, após as 21 horas, quando os jovens vizinhos já haviam saído. Logo, não houve



outro recurso senão enfrentar a travessia sozinha...

— E você sentiu medo enquanto atravessava o caminho deserto, Rosana?

— Eu estava simplesmente apavorada, Rafael! Sabia do perigo que estava enfrentando com aquele maníaco à solta por lá, mas não tive outra alternativa a não ser correr o risco, porque a avozinha estava realmente passando muito mal. E como chamar o Dr. Sérgio em tais circunstâncias? Só mesmo *Rosana, a Terceira Vítima Fatal* indo à sua casa, entende?

— Diga-me, Rosana, em que ia você pensando naqueles momentos?

— Sei lá, Rafael, eu estava com o pensamento fixo na determinação que tinha a cumprir, mas não conseguia deixar de pensar também no perigo representado pelo maníaco sexual! Mas, muitos eram os casos já acontecidos até então, inclusive com duas vítimas fatais. Você deve se lembrar de que, naquela época, não se falava de outra coisa a não ser nos Biques do tarado! Nós, as moças que estudávamos no período noturno, apesar de não transitarmos desacompanhadas, morríamos! de medo!

A jovem parou um pouco, virou-se para seu companheiro como que para forçar suas recordações.

— Sabe, amigo, eu ia rezando sem cessar para me esquecer da ameaça que me rondava, mas mesmo assim não conseguia evitar de pensar no tal maníaco...

— E como foi o seu encontro com o sujeito, Rosana?

A moça encolheu os ombros antes de responder, como se viesse um arrepio.

— Só me lembro bem que já estava quase atravessando "bosquezinho lá perto da grande ribanceira... quando aquele homem surgiu bem à minha frente! Quase morri ali mesmo, de tanto medo!

Apesar do medo, consegui evitar um grito de socorro, "COM todas as minhas forças...

— Mas você, segundo consta, ainda conseguiu reagir ao «laque do sujeito, não foi assim mesmo?

— Sim, é verdade. Fiquei tão desesperada ao pensar que ele poderia me agredir sexualmente que não sei onde fui buscar energia suficiente para arranhar-lhe o rosto! Ainda me recordo de seu grito de dor ao ser atingido por minhas unhas. coisa que ainda não entendi, Rosana: por que,

67

*João Duarte de Castro e António Carlos*

afinal, você acabou correndo para o lado do precipício, ao invés de se dirigir para outra direção?

— Acredito que isso se deu pelo pavor que eu estava

sentindo e também por ser aquela uma noite muito escura. Assim, desorientada e sem conseguir raciocinar sequer naquele momento, acabei me precipitando ribanceira abaixo!... Ambos pareciam reviver a angústia daqueles instantes dramáticos.

— E como é que você se sentiu, então, Rosana? O que eu queria saber mais precisamente, é o seguinte: você sentiu muita dor com o impacto de seu corpo contra as pedras? Foi difícil seu desprendimento?

— Interessante, Rafael, mas não senti dor alguma ao me chocar contra as rochas do precipício! Em verdade, pareceu-me que mãos delicadas ampararam-me durante a queda, depositando-me suavemente no asfalto lá embaixo. Meu desligamento foi muito natural, sem qualquer traumatismo. Meus pais estavam à minha espera, sorridentes e felizes pelo reencontro. Vários benfeitores espirituais também ali se encontravam para me receberem, entende? Tudo muito belo e completamente diferente da ideia que se tem sobre o momento da morte física!

— E daí, Rosana?

— Fiquei logo sabendo que seria encaminhada para cá, para uma Colônia especial para jovens, o que de fato aconteceu. Quando acordei já estava aqui. Não necessitei, praticamente, de qualquer recuperação ao ingressar na Colônia. O resto, você já sabe...

— É, eu já imaginava qualquer coisa assim, Rosana.

Realmente, uma coisa que impressionou a todos após sua queda e que logo se classificou como autêntico milagre, foi justamente o estado quase íntegro de seu corpo, apesar da queda terrível. Quando o lógico seria se quebrar todo após se projetar por aquele impressionante despenhadeiro, em meio a

"• *Isana, a Terceira Vítima Fatal 69*

"»pedras pontiagudas, o frágil corpo de uma jovem não sofreu fraturas nem equimoses de vulto! Só mesmo sabendo que você foi amparada por benfeitores espirituais e suavemente depositada em chão firme, é que se pode compreender tal fenômeno Rosana. Não é de se admirar, portanto, que as pessoas tenham visto aí um verdadeiro milagre, concorda? Os jovens interromperam um pouco a conversação, meditativos. Após a pequena pausa, indaga Rafael:

— Afinal, Rosana, você foi informada da identidade de seu agressor? Sabe quem era o maníaco sexual e assassino que por tanto tempo colocou em polvorosa aquela região?

— Não faço a menor ideia, Rafael. Mas de uma coisa estou convicta: não lhe guardo o menor rancor, perdoei-o de imediato. Pobre infeliz, desequilibrado, que terá dolorosos débitos a saldar com a Justiça Divina!...

— Pois o tal monstro, maníaco sexual e assassino, outro não era senão o Lalau "Fanhoso"!...

— Incrível, Rafael, aquele rapaz de aparência tão inofensiva, empregado do Sr. José Açougueiro?! Como as aparências enganam mesmo, não?

— É isso aí, cara amiga.

Como o tempo disponível já se esgotara, os dois amigos tiveram que se despedir. Um novo encontro ficou, no entanto, marcado para os próximos dias. Afinal, muito tinham ainda por conversar, além dos detalhes do projeto de que participariam juntos e que precisariam ser acertados...

68

<uni, a Terceira Vítima Faial 71

x/v

*Pedidos. Promessas. Milagres*

Durante as aulas do dia imediato, Rafael aproveitou a oportunidade oferecida pelo Professor Leonardo para perguntas sobre temas diversos. Desejava o rapaz explicações sobre o comportamento de pessoas que transformam criaturas em santas apenas por terem desencarnado, atribuindo-lhes poderes sobrenaturais e capacidade de produzir milagres. Rafael ficara intrigado porque, ao conversar com Rosana, ficara sabendo que não tivera ela qualquer participação no atendimento aos pedidos feitos em seu nome.

— Primeiramente, Professor, gostaria que nos falasse a respeito do poder da prece e se os pedidos são mesmo atendidos sempre pela entidade por cuja intenção é feita a rogativa.

— Muito bem, Rafael, você tocou num assunto de capital importância e que, certamente, vai trazer esclarecimentos para todos. A prece pode ser definida como invocação, uma rogativa. Pela prece, o solicitante coloca-se em relação mental com o ser a quem se dirige. Pode a prece ter por objetivo um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação, compreendido? É muito grande o poder da prece, sim!

O tema de fato despertou o interesse de toda a classe e logo perguntas foram sendo feitas pelos alunos sobre a questão.

- Professor, por quem é que se pode pedir? outras as entidades que recebem a prece e como é seu procedimento?  
- quis saber Teodoro. -Ainda há um ponto a ser esclarecido na pergunta

! pelo Rafael. Deseja ele saber se as rogativas são atendidas sempre pelas entidades solicitadas. Vamos chegar lá amigo, agora vejam bem: pede-se por si mesmo ou pelos

. pelos vivos ou pelos mortos. As preces dirigidas aos dois são ouvidas por Espíritos encarregados da execução de bondade

As que são dirigidas aos bons Espíritos - os "santos", os Benfeitores Espirituais, Espíritos puros, enfim - são levadas a Deus. Quando se ora a

um determinado espírito Superior, as preces são recebidas por socorristas encarregados de tal tarefa.

— O procedimento é sempre o mesmo, Professor? Em todo e qualquer caso, é assim que tudo funciona?

i— Nem sempre, Saulo. Se os pedidos são mais complicados, são encaminhados a Ministérios próprios, e analisados

pelos que lá trabalham. Quando se ora, entretanto, a outros que não a Deus diretamente, isto é apenas a título de intermediários, intercessores, porque nada se pode fazer sem a permissão do Pai.

Rafael voltou a intervir, desejava esclarecimentos mais só sobre o caso de Rosana. Ora, por ser considerada santa pelo povo, faziam invocações em seu nome e, se tais | eram atendidas, atribuía-se à sua intervenção direta, quando em verdade não participara ela do processo. Nem « estava ela sabendo que lhe atribuíam milagres nem O faziam e pagavam promessas em seu nome. Como pode isso?

— Certo, Rafael. Acontece que em lugares de romaria onde muitas pessoas se reúnem, ora e fazem pedidos, há

b grande concentração de socorristas. Estes abnegados i ideiros atendem em nome de Nossa Senhora, dos diversos *72 João Duarte de Castro e António Carh* santos, de Jesus, etc. No caso especial que estamos analisando os Benfeitores atendiam os pedidos feitos por intenção de Rosana, entendido? Se tal for permitido, os socorristas vão i ajudam a pessoa, não importando para eles em nome de quem foi feito o pedido, embora havendo equipes especializadas trabalhando para atender as rogativas a Nossa Senhora, santos do lugar, e assim por diante. Pode também haver o atendimento pelos próprios Espíritos invocados que nada mais são que servos de Deus. Alguma dúvida mais dentro desse tema?

— Professor, por que é que algumas petições têm atendimento enquanto que outros pedidos não são atendidos? pergunta agora Leocádio.

— Acontece que para o devido atendimento são levado em consideração certos critérios. Primeiro, se o pedido vai resultar em benefício do solicitante ou para quem quer que seja; às vezes, uma graça que seria um bem naquela oportunidade pode ser causa de dor no futuro. Geralmente, pede-se algo com muita fé, acreditando que se tem daquilo extrema necessidade e que resultará com seu atendimento um grande bem-estar, certo? Em não sendo atendido, porém julgase ali mesmo preterido pela Providência. Posteriormente, no entanto, vai-se verificar que se tivesse recebido o que tão

ardente mente solicitara teria sido aquilo, verdadeiramente, um mal« que o que foi concedido, sim, foi o melhor que lhe pode acontecer naquele dado momento. As pessoas, em verdade não estão ainda em condições de avaliar os desígnios divinos

— E no caso de solicitações de curas, para a interrupção de sofrimentos, Professor?

— Se o que se pede é o fim de sofrimento, de doenças, só é possível a graça se não incorrer na interrupção deseu resgate. Também é considerado se aquele estado de dor, ou dificuldade é, ou não, o melhor para o Espírito em depuração Também leva-se em conta se, recebido o benefício, o agracia do melhora interiormente, voltando-se mais para ascoisas de Deus. »

### *Hosana, a Terceira Vítima Fatal*

DProfessor Leonardo, e quando a pessoa pede para enriquecer, para ser beneficiada por bens materiais?

— Pedidos feitos com fins egoísticos, para benefícios materiais, para enriquecimento, posse, poder, não são levados em consideração. Como para se ganhar na loteria, por exemplo. É preciso que se compreenda que nem tudo o que se pede, por mais fé que se tenha, será alcançado. Não basta crer e pedir, é preciso haver necessidade e merecimento. é indispensável traduzir o sentimento em obras. São muitos os ensinamentos nesse sentido: "A cada um conforme suas obras", ou "A fé sem obras é morta em si mesma", ou ainda, é dando que se recebe".

— é certo fazer promessas, Professor?

— Pedrinho, eis aí algo que precisa ser devidamente esclarecido. Promessa é algo irracional, é uma tentativa de suborno, é troca, é barganha: "Me faça isso que eu faço aquilo. Dá cá, toma lá". E geralmente o que se oferece em pagamento da promessa é de valor infinitamente menor do que o benefício solicitado. Depois, a Espiritualidade não faz transações de qualquer natureza. Deus, Jesus, os Espíritos bemfeitores não estão interessados em pagamento nem em troca, mas sim em fazer o Bem e melhorar interiormente os encarnados.

— E quanto aos chamados milagres, Professor Leonardo?

Gostaria que nos falasse algo a respeito desse assunto. **-era** ainda Rafael a perguntar.

— Muito bem perguntado, Rafael. Vulgarmente, milagre é um feito extraordinário que contraria as leis da Natureza; maravilha, prodígio, sucesso que, por seu caráter inusitado, causa pasmo e admiração; algo sobrenatural. Os fatos relatados nos Evangelhos e considerados milagrosos, pertencem, em sua maioria, à ordem dos "fenómenos psíquicos". Têm, portanto, como causa primária e fundamental, as faculdades e os atributos da Alma. Todos os milagres atribuídos a

73

*João Duarte de Castro e António Carlos*

Jesus podem ser explicados racionalmente.

— E por que então, Professor, o povo acredita tanto em milagres?

— Vai aí muito da ignorância e de superstição - as duas grandes responsáveis pela produção de "milagres"! Muitos fenómenos que no passado foram considerados milagrosos por não contarem na ocasião com a devida comprovação científica, são, hoje, fatos corriqueiros. Basta que um acontecimento possa ser reproduzido pela experimentação ou por qualquer outro método científico, para perder seu caráter sobrenatural! A simples possibilidade da reprodução de um fenómeno em idênticas condições, atesta isso sua categoria de fato sujeito a uma lei, seja ela física ou psíquica, o que demonstra não ser aquilo algo maravilhoso, sobrenatural, mas que se enquadra dentro das leis da Natureza.

— Muitas coisas são consideradas como milagres pelas pessoas só por ficarem impressionadas com o seu efeito ou resultado incomum. Certo, Professor?

— Exatamente, mas basta que seja identificada a causa do fenómeno tido por sobrenatural, fica o mesmo colocado no campo dos fatos naturais.

— E não existem espertalhões que exploram a boa-fé dos simplórios, Professor Leonardo?

— Claro que sempre existem os velhacos e os aproveitadores, José. Pela burla e pela charlatanice, os espertalhões fabricam os maiores portentos, torcendo a verdade dos fatos a fim de ludibriar os incautos. Depois, temos a considerar que a Ciência todos os dias está produzindo autênticos milagres aos olhos dos ignorantes. As grandes descobertas e as grandes invenções no campo do conhecimento, sempre foram vistas pelo homem comum como verdadeiros milagres! Leonardo, finalizando a proveitosa explanação, explicou que verdadeiramente não há milagres no sentido vulgar do termo, porque o que acontece é decorrente das leis eternas da evolução;

leis perfeitas e imutáveis. Os homens, contudo, ainda precisam testemunhar fatos a fim de poderem crer nas palavras. Mais ainda: precisam de prodígios para alicerçar a própria fé!

74

;

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

XV

*Rafael Conta Sua História*

Rafael estava verdadeiramente ansioso para que chegasse a hora do reencontro com Rosana. Apreciara muitíssimo a convivência com a bela amiga. Fora a tão esperada oportunidade

de falar com alguém de suas relações sobre os acontecimentos de sua vida terrena.

Também ficara muito feliz pelo projeto em perspectiva de escrever a seus pais e de fazer-lhes uma visita em companhia da linda Rosana. "Que interessante - ponderava, entretimentos, o rapaz - a beleza física é muito limitada com relação beleza evidenciada na vida espiritual! Rosana foi indiscutivelmente uma bela moça enquanto encarnada, porém está agora incomparavelmente mais bonita! De fato, a vida liberta dos empecilhos materiais torna-se muito mais esplendorosa, em todos os seus aspectos..."

O moço apenas estava deveras preocupado por estar deixando transparecer um entusiasmo talvez excessivo por sua magnífica companheira. Seria certo abrigar tais sentimentos por alguém, nos termos de um amor não propriamente universal nem exclusivamente fraterno?! Rafael sentia-se algo confuso a respeito da inusitada situação. Contudo - considerava intimamente o rapaz - não havia porque se condenar, afinal naquele Plano tudo é realmente puro, cândido, até mesmo admiração sentida por uma jovem tão linda e tão meigacom Kosana. Logo...

Quando Rafael chegou ao banco do jardim que fora marcado para o encontro, surpreendeu-se por lá já estar Rosana. Por mais pressa que tivera o rapaz, ainda assim era precedido pela amiga!

Após as efusivas saudações, passaram a conversar intimamente. Rafael relatou a Rosana, então, tudo o que foi tratado durante as aulas. A moça ficou muito satisfeita com a abordagem feita pelo Professor Leonardo sobre prece, pedi dos, atendimentos, milagres e tudo o mais, porque assim pôde empreender o procedimento das pessoas ao considerá-la "santa", atribuindo-lhe a concessão de tantas graças especiais.

— Sabe, Rosana, uma outra coisa que eu desejava é que explicasse refere-se a seu aparecimento ao Dr. Sérgio durante

o sonho. E também quanto à visão da vovó Balbina que afirmou tê-la visto mesmo após os acontecimentos que culminaram com sua morte, quando você lhe teria assegurado que tudo estava bem e que o médico logo viria para atendê-la. Aconteceu, realmente, tudo isso ou esses encontros também são frutos da imaginação das pessoas envolvidas?

— Bem, Rafael, não há o que admirar de tais ocorrências, pois são fenômenos absolutamente possíveis e naturais.

Logo que ocorreu o meu desprendimento, contive-me muito preocupadíssima com a situação de vovó. Imediatamente, foi deliberado que deveria aparecer em sonho ao Dr. Sérgio que

já estava e dormindo àquela hora. E teve ele uma visão tão nítida e indicativa durante seu sonho que não Lha testou qualquer dúvida quanto à sua autenticidade

Acordando, foi imediatamente verificar o que estava acontecendo com a vovozinha. Já a visão tida pela avó Balbina foi ainda mais clara e nítida por ser ela vidente,

**pel.J**

:

podendo, portanto ver-me,

*78 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vítima Fatal*  
*79*

em pessoa, digamos assim.

— É, tudo muito natural mesmo, não, Rosana?

— E então, Rafael? Pode agora contar-me sua história?

Francamente não consigo entender esta sua alegação de ter sido morto por seu próprio pai! Afinal, conheci bem o senhor Américo e nunca soube de nada que o desabonasse. Como teria sido possível, assim, que um homem tão bom, digno e pacato como ele, viesse a matar o próprio filho?! Faça-me o favor de trocar tudo isso em miúdos porque, realmente, não consigo entender esta história...

— Mas aí é que está o "xis" da questão, Rosana. O senhor Américo não é meu verdadeiro pai!

Rosana, intrigada com o que ouvira, fez um ar interrogativo e voltou a indagar:

— Que é que você está me dizendo, Rafael? O senhor Américo não é de fato seu pai?! Essa, não! Mas como é que se explica isso, rapaz?

O moço não respondeu de imediato, parecia querer pôr suas ideias em ordem. Depois de uma pequena pausa, falou vagarosamente:

— Bem, amiga, a história é longa e um tanto complicada. Tenho que começar desde o princípio porque senão você não vai entender nada mesmo. Seu espanto é muito lógico, pois eu próprio quando tomei conhecimento dessa situação, demorei a me acostumar com a ideia e foi muito difícil para mim a aceitar a questão. Mas, enfim, como não havia mesmo outra alternativa, continuei procedendo normalmente para que mãe e o senhor Américo - que em verdade considero como sendo meu pai pelo coração - não percebessem que eu havia descoberto o segredo de minha filiação.

Rafael fez outra pausa, como se buscando forças suficientes para tocar em assunto para ele tão delicado.

— Sabe, Rosana, tudo começou quando eu tinha ainda onze anos. Certo dia, tendo saído mais cedo da escola, cheguei em casa pretendendo usar meu relógio novo, justamente presente que me fora dado por papai em meu aniversário. Como não havia ninguém na residência, dirigi-me ao quarto



de meus pais e pus-me à procura do dito relógio nas gavetas da cómoda. E qual não foi minha surpresa ao encontrar numa caixa, bem no fundo de uma das gavetas, recortes de jornais e documentos.

O moço parou por um instante mais, e respirou fundo. Rosana estava impaciente.

— E daí, amigo? Você achou documentos e recortes de jornais, mas que havia de tão importante nessa sua descoberta?

— Os documentos que encontrei foram uma Certidão de Casamento e minha Certidão de Nascimento mas, estranhamente, não constava em nenhuma delas o nome do senhor Américo quer como marido de minha mãe ou como meu pai, entende? Em resumo: era outro o nome do homem que figurava tendo casado com mamãe, e que era declarado Como meu próprio pai! Ora, não havia ali qualquer dúvida possível: o senhor Américo - que eu sempre considerara como meu pai verdadeiro - não era nada meu em realidade! Meu progenitor era uma outra pessoa, tinha um outro nome, dá para entender?

Agora foi a vez de Rosana ficar embasbacada, não encontrando palavras adequadas para traduzir seus pensamentos, Apenas conseguiu exclamar; "Meu Deus!" — Veja bem, Rosana, para mim foi um choque! naquele momento cheguei a desejar que o chão se abrisse para mim sumir compreende? Sabe lá o que é você descobrir, assim, sem qualquer preparação prévia, que o homem que você considerou sempre, sempre, como seu pai, não é nada disso? que só mesmo quem tenha passado por uma experiência dessas é que tem condições de avaliar o que eu senti naquela hora.

80

*João Duarte de Castro e António Carlos*

Rosana sentira o impacto da revelação.

— E como é que você fez para esconder esta sua descoberta, Rafael? Como é que você conseguiu disfarçar seus sentimentos de tal forma para que nem o senhor Américo ou sua mãe percebessem qualquer coisa?! Fala, rapaz!

— Não foi nada fácil guardar só para mim, tal segredo, amiga. Olha, eu pensei em mil coisas naquela hora. Fiquei revoltado porque achava que eles não tinham o direito de me esconder tal coisa. Cheguei a pensar em abrir o jogo e atirar-lhes na cara o que havia descoberto. Mas, por outro lado, eu não podia ser ingrato, concorda? Desde que me entendia por gente, sempre me recordava do tratamento carinhoso, da proteção, do amor do senhor Américo por mim, sabe? Ora, eu que conhecia tantos pais verdadeiros que deixavam tanto a desejar para com seus filhos, enquanto que o senhor Américo

sempre agira para comigo como um pai exemplar, não poderia proceder injustamente então, certo?

A emoção embargava a voz do moço e ele foi obrigado a parar de falar por algum tempo...

; **XVI**

### **Desabafo**

Rosana procura animar Rafael que parecia perturbado com suas recordações.

— Ei, Rafa, coragem, amigo! Entendo perfeitamente sua situação, companheiro. Se você preferir, podemos dar um tempo ou mesmo esquecer este assunto, certo? Por mim, tudo bem...

— Não, Rosana, eu estava mesmo precisando botar isso para fora e agradeço-lhe a atenção e paciência. O negócio é que ainda não aprendi a lidar com minhas emoções, sabia? Depois, a coisa estava atravessada bem aqui na minha garganta há muito tempo, entende?

— Ora, ora, moço, não vai me dizer que está envergonhado por se emocionar, hein? Qual é, rapaz, ainda está naquela de que homem não pode chorar, que isso é coisa de mulher, e coisa e tal, é? Olha o preconceito, Rafael!...

— Não, Rosana, não é nada disso, minha amiga. E que eu pensava poder lhe contar estes lances todos aí numa boa, compreende? Sem essa de durão, companheira. Se enquanto eu estava lá embaixo não tive este tipo de preconceito, não seria agora na situação em que nos encontramos, depois de lauto aprendizado, que ia entrar nessa, concorda?

### *João Duarte de Castro e António Carlos*

— Desculpe-me a brincadeira, Rafael. Foi só para quebrar a tensão emocional, está bem assim? Mas agora continue, quero saber como você se comportou então.

— Olha, eu saí daquele quarto correndo e fui para o quintal. Precisava ficar longe das vistas de quem quer que fosse. Chorei e me descabelei. Lembro que depois que meus pais retornaram, minha mãe estranhou que eu estivesse com os olhos vermelhos e inchados. Aleguei que era por causa de um problema ocorrido lá na escola. Disse que havia discutido com uma professora e que estava arrependido por ter me comportado grosseiramente. Mamãe aceitou minhas alegações e ainda me aconselhou a que me desculpasse com a mestra no dia seguinte, o que lhe prometi fazer.

— Mas, afinal, como você conseguiu superar seu estado de ânimo?

— Olha, isso foi depois que eu cheguei à conclusão de que o verdadeiro laço a ligar pais e filhos é apenas o do amor, não os laços de sangue, propriamente. Pai mesmo, concluí, é o que assume a tarefa de zelar, de cuidar, de amparar, e não apenas o que bota o filho no mundo. Aí fiquei em paz comigo

mesmo, e fim. Depois disso, passei a amar ainda mais o senhor Américo por tudo o que ele representava. E se ele sempre me considerara como seu filho verdadeiro e sempre me tratara como tal, mesmo sem as obrigações da consanguinidade, por que é que eu não iria considerar como meu pai de verdade, ora?

— Muito bem, Rafael. Mas agora vamos virar o disco: e quanto aos tais recortes de jornal? Também quanto a seu pai de sangue e, finalmente, quanto à sua alegação de ter sido assassinado por seu próprio pai? Mas que historinha complicada, hein?

— Vamos primeiro aos recortes. Foi por essa via que fiquei sabendo ser meu pai verdadeiro, o mesmo cujo nome constava dos documentos, um indivíduo perigoso, um marginal, *Rosana, a Terceira Vítima Fatal 83* delinquente, ladrão e assassino. Também constava aí a informação de que, na data da notícia, estava ele cumprindo pena no presídio de segurança máxima lá de nossa região. Por sinal que o mesmo para onde foi encaminhado o Lalaufanhoso.

— Muito bem, amigo, passemos agora ao capítulo de sua morte, certo?

— Mas você é apressadinha mesmo, não? Quer saber o final da história sem passar pelos entretantos, é?

— Tudo bem, Rafael, mas passemos então aos finais moço...

— Quase três anos após minha descoberta e um ano depois de sua partida, Rosana, foi que a coisa aconteceu. Naquele dia fatídico, quando eu chegava da escola, ouvi forte discussão na cozinha de casa. Corri para lá e então vi um desconhecido apontando uma arma para meu pai. O indivíduo gritava exigindo alta soma de dinheiro, ameaçando atirar caso não fosse atendido em sua pretensão. Imaginei que fosse um assaltante e não tive dúvida: avancei contra o sujeito, tentando tomar-lhe o revólver. Uma loucura, já se vê, mas não pensei nas consequências naquela hora, apenas queria salvar minha família. O estampido do tiro pareceu-me o ribombar de um trovão e senti meu peito sendo atravessado pela bala!

— Rafael! E daí?

Na hora tudo ficou escuro, perdi os sentidos e caí com as mãos no peito. Ainda ouvi os gritos desesperados de minha mãe e o grito do senhor Américo que assim acabou revelando a identidade do assassino: "Miserável, matou seu próprio filho!"

— Deus meu! Que coisa horrível!...

— É, amiga foi um drama realmente.

— E o que sente você por seu pai agora, Rafael? Refiro-me ao seu assassino...

— Não o odeio, sinceramente, já o perdooi de coração,

*84 João Duarte de Castro e António Carlos*

amo-o de verdade. Afinal foi ele o intermediário para aquela minha nova oportunidade de vida no corpo. Aliás, conforme explicações do Professor Leonardo, foi justamente por esse meu sentimento de amor e perdão que conquistei os méritos indispensáveis, credenciando-me a vir para este local, certo? — Olha, amigo, foi muito bom ter conversado com você sobre tudo isso. E acredite: se eu já o admirava antes, mais ainda sinto admiração e carinho por você, Rafael!

Terminara o tempo. Os amigos tiveram que se despedir, não sem antes marcar um novo encontro a fim de dar contornos ao projeto. Encontro este que deveria contar também com a participação do Professor Leonardo.

Enquanto Rosana se afastava, após as despedidas, o rapaz ficou plantado no mesmo lugar onde estiveram conversando, vendo-a partir.

De longe, a moça, voltando-se, acenou uma vez mais para Rafael em despedida. Havia muito carinho em seu olhar...

Só então o jovem locomoveu-se a caminho de seu próprio alojamento. Sentia-se muito feliz e gratificado...

*Painel de Debates*

Rafael já se sentia bem ambientado em sua classe de estudos. O ensino era desenvolvido de forma dinâmica e atendendo ao desejo de aprendizado dos estudantes.

O relato das experiências individuais e as lições daí decorrentes, faziam dos alunos parte integrante do programa educativo. O professor em tal sistema era muito mais um monitor, um simples orientador que, propriamente, o mestre que se julga o único depositário do conhecimento.

Normalmente, os alunos já participavam do ensino, tendo todo o direito de solicitar maiores esclarecimentos sempre que o julgassem necessário e não se vexavam de admitir não ter entendido perfeitamente o tema em estudo. Eram, enfim, participativos mesmo, enriquecendo com seus próprios pareceres as explicações dadas pelo professor ou exposição de qualquer colega.

Contudo, era no Painel de Debates, realizado mensalmente, que tal forma democrática de estudos se tornava ainda mais evidente. As questões a serem debatidas eram da livre escolha dos participantes, os interessados em participar faziam previamente sua própria inscrição. Todos tinham então liberdade de fazer sua pergunta e esclarecer todas as suas

<SY> *João Duarte de Castro e António Carlos*  
dúvidas dentro do assunto focalizado, tudo em meio ao maior interesse, ordem e disciplina.

Seria aquele o primeiro Painel de que Rafael participaria

e grande era sua expectativa. Fizera antecipadamente sua inscrição com o Secretário daquele encontro - Pablo -, preocupava-se em formular cuidadosamente a pergunta a que tinha direito e pretendia estar sempre atento para aproveitar ao máximo tão magnífica oportunidade de aprendizado.

Na manhã do dia determinado para o encontro, ao adentrar a sala-de-aula, já encontraram os alunos as carteiras dispostas em semicírculo. O Secretário e o Mediador tomaram seus lugares no vão de ferradura formada pelas mesas e cadeiras.

Basicamente, competia ao Professor Leonardo dar as respostas das questões apresentadas pelos debatedores inscritos, já estando também posicionado entre as duas pontas da formação, de frente para todos. Pablo, o Secretário, tinha sobre sua carteira a lista dos inscritos, a ele cabendo chamar em voz alta cada um dos participantes, de acordo com a ordem de inscrição.

— Caros colegas - falou Amílcar -, é com grande satisfação que, na qualidade de Mediador de mais este Painel de Debates, damos por abertos os trabalhos do dia. A Prece Inicial já foi proferida e estamos assim em condições de desenvolver nossas atividades. Como temos hoje um novo participante - referia-se o Mediador a Rafael -, vamos lembrar apenas alguns detalhes do funcionamento do Painel. As inscrições já foram efetuadas durante a semana com o Secretário Pablo; o participante poderá fazer sua pergunta e também solicitar maiores esclarecimentos a nosso Professor, caso assim o julgue necessário; após a resposta e o questionamento dando-se por satisfeito, os painelistas poderão participar igualmente dentro do assunto em pauta, para isso levantando a mão e só falando quando para tal estiver autorizado; as perguntas não podem

*I(osana, a Terceira Vítima Fatal*

87

- ser redundantes, ou seja, repetitivas, para evitar que se volte a uma questão já superada; cada qual deve aguardar a própria vez de se pronunciar a fim de que a ordem e a disciplina
- sejam mantidas atendidas, a maior benefício do aprendizado.

Antecipadamente, agradecemos a colaboração de todos.

Agora, com a palavra o Secretário Pablo.

Notava-se um silêncio maior no ambiente que o costumeiro.

Muito embora normalmente já houvesse um clima de respeito durante as aulas, havia sempre um ar de maior descontração nas atividades diárias. Prova de que todos levavam muito a sério o Painel de Debates.

— Que a Paz de Jesus esteja em nossos corações e que I Hspiritualidade Superior nos ampare e inspire nos trabalhos de hoje - iniciou Pablo sua participação. O primeiro inscrito éo companheiro Randal que já pode fazer sua pergunta

diretamente ao Professor Leonardo.

Em meio à atenção geral, o painelista Randal levantouse e pronunciou a pergunta que preparara:

— Professor, por que o homem encarnado inteligente e instruído continua perseverando no erro? O lógico não seria que a criatura esclarecida enxergasse mais facilmente a verdade?

Pausadamente, o Professor Leonardo passou à resposta: •—

Querido Randal e demais alunos. A instrução é, sem dúvida, umas das portentosas alavancas do progresso humano. Sem o devido conhecimento, a mente humana permaneceria nos desvãos da ignorância, confinada à miséria, à ociosidade, à indigência e ao infortúnio. O comportamento humano permaneceria assim na prática da delinquência nas ruas com a correção na penitenciária. Não basta, entretanto, esclarecer só a inteligência. É imprescindível aprimorar igualmente o coração na prática do bem. Para alçar vôo equilibrado e seguro rumo à evolução e ao aperfeiçoamento, necessita o Espírito do concurso de duas asas: a inteligência, o conhecimento, é uma

*88 João Duarte de Castro e António Carlos*

delas; a outra é o coração, o sentimento.

— Satisfeito com a resposta, Randal? Alguém mais de seja participar do assunto em pauta? - interrogou Amílcar.

Serginho que levantara a mão, foi autorizado a falar.

— Muito boa a pergunta do colega Randal e melhor ainda a resposta do Professor. Mas seria possível, mestre, mais algumas considerações dentro deste tema com a citação de alguns exemplos de homens inteligentes e instruídos que mesmo esclarecidos permaneceram no erro?

— Amigos, quem apenas conhece nem sempre sabe.

Instrução e ciência, sem dúvida, são portas abertas à educação e à sabedoria. A cultura do Espírito, no entanto, deve ir mais longe: deve ajudar o homem a converter-se em santuário vivo, através do qual se irradia o Poder Soberano e Misericordioso.

Após pequena pausa, prossegue Leonardo:

— Vejam bem, amigos. São muitos os exemplos nesse sentido. Nero, o tirano, era discípulo de Sêneca, o grande filósofo. Tito, o príncipe admirável, que costumava dizer "Perdi meu dia!" quando a noite o alcançava sem a realização de algum precioso ato de bondade, mandou massacrar mais de dez mil israelitas doentes, abatidos e mutilados, depois de conquistar e arruinar Jerusalém. Marco Aurélio, o imperador, virtuoso e sábio, consentiu no morticínio de cristãos indefesos. Inácio de Loyola, maravilhosamente bem intencionado, tinha o cérebro cheio de letras quando incentivou a perseguição religiosa. Marat, o demagogo sanguinário, era jornalista de mérito e intelectual de renome. E muitos outros exemplos poderiam ainda ser mencionados, Serginho. Foram muitos os fazedores de guerra, ditadores e revolucionários

cruéis que gozaram do convívio com professores ilustres, que se ilustraram em páginas científicas, que eram filósofos ou que frequentaram universidades famosas! Indiscutivelmente, Razão sem luz, pode transformar-se em frio cálculo, apenas! Como ninguém mais solicitasse participação naquele

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 89*

Tema, sinal de que os esclarecimentos haviam sido suficientes, pablo convocou o próximo inscrito:

— Leocádio, é sua vez, queira, por favor, colocar sua questão.

O rapaz levantou-se, mas não fez qualquer pergunta, apenas explicando que sua dúvida fora já devidamente satisfeita por estar dentro do que fora perguntado por Randal e complementado pelo Serginho. Exatamente - declarou o rapaz -, esta era uma questão que sempre o deixara intrigado: por que o homem inteligente e esclarecido continua entranhado no mal?!

— Adiante, então - disse Amílcar.

As horas passaram rapidamente. Soando a campainha, foi avisado que os debates prosseguiriam no período da tarde. Só ao se dirigir para o pátio que Rafael se deu conta de que não havia sequer cogitado de Rosana. Tão embebido ficara com a realização de seu primeiro Painel que não tivera pensamentos para a querida amiga. A Saudade - sentimento que já fazia parte de seu ser - marcou então presença no coração do moço.

Interessante - considerou Rafael -, bastava separar-se da amada companheira, nos intervalos entre um e outro encontro, - para sentir sua falta. E era obrigado a reconhecer que o sentimento que brotara em seu íntimo era algo mais, além do mero amor universal ou da fraternidade tão própria ali daquele Plano.

Sabia ele que também Rosana lhe dedicava um afeto especial e que o mantinha como centro de seus pensamentos. A própria jovem já lhe falara a respeito. Na véspera, mesmo, quando lhe desejara todo o sucesso e completo aproveitamento no Painel de Debates, isto fora enfatizado. Rosana adiantara a Rafael que seus pensamentos estariam então inteiramente com o querido amigo.

Com esta lembrança, o rapaz apressou o passo como

*90 João Duarte de Castro e António Carlos*

que procurando fazer o tempo correr mais depressa. Naquela tarde estariam juntos uma vez mais. E poderia haver para Rafael motivo melhor para se sentir ansiosamente feliz?

*Riqueza com Miséria.*

*Provas Igualmente Terríveis*

Todos ocupando seus respectivos lugares, iniciou-se a segunda fase do Painel.

O Secretário Pablo, consultando suas anotações, concedeu a palavra a Rafael. O rapaz, levantando-se, falou com certa solenidade:

— Professor Leonardo, eis uma questão que sempre me intrigou: por que Deus concede a uns riqueza e poder, enquanto que relega outros à miséria?

— Caro Rafael, todos somos viajores da vida eterna.

Cada encarnação, do berço ao túmulo, representa apenas um ato do nosso imenso drama evolutivo rumo à perfeição. O Criador concede a uns fortuna e poder e coloca outros na situação da mais completa pobreza, numa determinada etapa, para experimentá-los de diferentes formas. Quando um homem menospreza, porém, as oportunidades de tempo e bens materiais que o Céu lhe confia, pode voltar ao mundo, em outro corpo, evidentemente, experimentando escassez de tudo! Além disso, como sabemos, estas provas podem ter sido escolhidas pelos próprios Espíritos em uma Programação Reencarnatória. São meios para mais rapidamente poderem progredir e quitar débitos anteriormente assumidos, o que *92 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vítima Fatal 93* também passa a fazer parte do elenco da provação! Entretanto, não raramente sucumbem quando recebem a oportunidade de colocar em prática seus próprios anseios de aperfeiçoamento! Prossegue Rafael:

— Sendo, então, ambas as situações, provas muito difíceis de serem cumpridas, qual delas, verdadeiramente, é a mais terrível para o homem encarnado: a prova da miséria ou a da riqueza?

— Se querem, realmente, saber, eu lhes digo que ambas as condições são provas igualmente terríveis, companheiros! A miséria porque provoca inconformação e queixas contra a Providência; a riqueza por induzir e facilitar todos os excessos! A alta posição do homem no mundo material e o fato de possuir autoridade sobre seus semelhantes, é prova tão grande e talvez ainda mais difícil que a desgraça. E isto porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais responsabilidades e obrigações tem a cumprir e mais obstáculos em seu caminho são interpostos, pois muito mais fartos são seus meios de praticar o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder. Em verdade, mesmo, ninguém é dono de nada no mundo, os homens não passam de simples usufrutuários e de fiéis depositários dos bens que o Criador coloca sob sua guarda! Eduardo solicita, então, autorização para participar:

— Professor, é certo que o rico fica sujeito a tentações muito maiores pelas facilidades que a fortuna oferece, mas também não é certo que dispõe de meios muito mais efetivos de fazer o bem?



— Exatamente, Eduardo, mas isso é o que sempre se faz. O mau rico torna-se invigilante, egoísta, desconfiado, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante. A riqueza e o poder, caros discípulos, fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da harmonia espiritual. Justamente por ser a fortuna e o poder prova tão terrível, foi que Jesus disse que mais fácil seria uma corda passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus. Esta não é, contudo, uma condenação prévia a todos os ricos, mas a advertência àqueles que fazem mau uso do patrimônio que lhes é confiado, certo?

Outras questões foram ainda sendo colocadas pelos inscritos e tanto pelos esclarecimentos dados pelo Professor como pela participação de todos, o aproveitamento foi magnífico. Quando a sineta soou marcando o término das atividades do dia, os alunos foram saindo da sala em pequenos grupos, justamente comentando a excelente oportunidade de aprendizado que todos tiveram com a realização do Painel de Debates.

Rafael, no entanto, saiu apressadamente, não participando da conversação de seus colegas.

**m**

Projeto em Andamento

Quando Rosana e Rafael chegaram à Portaria para saber onde seria a reunião para tratar de detalhes do projeto, foram informados de que deveriam dirigir-se a determinada sala. O Professor Leonardo já estava lá a aguardá-los. Leonardo recebeu-os com alegria. A sala era pequena, mas confortável. Havia ali uma escrivaninha com máquina de escrever, um armário com muitos livros, um sofá e uma mesinha de centro com um vaso repleto de flores. Nas paredes, belos quadros.

— Sejam bem-vindos à minha sala-de-estudos, amigos.

Aqui preparo minhas aulas, leio, estudo, medito, enfim organizo todas as atividades que me dizem respeito para serem aplicadas na classe e em minhas demais atribuições no Educandário. Tudo bem simples, mas prático e acolhedor, concordam?

Os amigos ficaram muito satisfeitos com o que lhes era dado observar.

— Bem, vocês já têm ideia do que iremos tratar nesse nosso encontro, não? Certamente não poderemos acertar todos os detalhes numa só reunião e voltaremos a nos reunir outras vezes. Rosana já está mais bem informada do que se trata.

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 95*

Assim, companheiro Rafael, fique à vontade para solicitar os esclarecimentos desejados.

— Em verdade, Professor, Rosana apenas me falou por alto sobre este projeto. Só sei que faremos uma visita ao plano terreno para que eu possa ditar uma carta dirigida a meus pais. Também estou informado de que um dos objetivos é encaminhar os irmãozinhos de Rosana para serem adotados por meus pais, confere? Em resumo, é só o que sei. Assim, gostaria de receber informações mais amplas e mais precisas sobre o caso.

— Certo. Este projeto teve seu início com a preocupação de Rosana, muito justa, aliás, em amparar seus irmãozinhos carnais. Sua avó está apenas aguardando a solução deste problema para poder retornar. Um mensageiro foi encarregado de fazer investigações locais para que a melhor solução pudesse ser encontrada.

— E quais as informações trazidas por este mensageiro, Professor? - indaga Rafael.

— D. Balbina, avó de Rosana, está adoentada, muito enferma mesmo, há bastante tempo já. Você sabe disso, Rafael. A velha senhora está para desencarnar, mas sente-se em grande agonia pela perspectiva de deixar os gémeos desamparados. Isto está retendo-a além do programado. Como ninguém se propôs ainda ficar com as crianças, D. Balbina prolonga sua proteção. Sabe a velha senhora que, certamente, acabarão indo para um orfanato após sua partida, podendo até mesmo acontecer de ficarem separados. Isto, se não houver uma adoção.

— E como estão atualmente as crianças, Professor?

— Joãozinho e Janete, no momento com cerca de três anos de idade, estão muito bem de saúde. São crianças adoráveis, lindas, loiras, graciosas, meigas, bem educadas.

D. Balbina sente-se desorientada e vive em permanente estado de preocupação. Roga sempre a Nossa Senhora para que envie

*96 João Duarte de Castro e António Carlos*

umas solução feliz para o caso e pede para que também Rosana interceda em favor dos irmãozinhos.

— E como foi que eu fui incluído neste projeto, Professor Leonardo? - continua Rafael seu interrogatório.

— Constatada a situação, o mensageiro ampliou suas investigações a fim de descobrir a família ideal para receber as crianças. Verificou-se, então, que seus pais, Rafael, residentes no sítio vizinho, pessoas honestas e de bons princípios, de bons sentimentos, sentem-se agora muito sós com a partida do único filho. Logo, a solução encontrada para resolver ambas as situações, seria a adoção de Joãozinho e Janete pelo casal, compreende? E assim, Rafael, você foi introduzido neste projeto para interceder junto ao senhor Américo e Dona Laura para que concordem em receber os gémeos.

— Muito providencial e oportuna, realmente, esta iniciativa, caros amigos. Mas como farei isso, precisamente?

— O plano é o seguinte: você deverá ditar uma carta a seus pais pedindo-lhes que preencham o vazio deixado em seu lar com sua partida, rogando a eles para que adotem não um filho apenas, mas dois! As indicações serão dadas e espera-se que com esse apelo tudo seja devidamente resolvido. Assim, os dois problemas serão solucionados, não é isso mesmo?

— E quanto à carta, Professor?

— Você deverá preparar um rascunho, com nossa ajuda, minha e de Rosana. Feitas as ratificações, caso tal se faça necessário, teremos a forma definitiva. No dia determinado, seus pais serão intuídos a procurar o médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba. O ditado será então feito, a mensagem transmitida. Paralelamente, vibrações poderosas serão feitas para que seus pais se encaminhem ao sítio de Dona Balbina e tomem-se de amores pelas crianças. Se tudo acontecer conforme o previsto, o caso será convenientemente solucionado para felicidade geral. Seus pais não mais ficarão sozinhos, Joãozinho e Janete receberão o amparo desejado e Dona Rosana, a Terceira Vítima Fatal 97

Balbina poderá partir tranquila. Estamos entendidos?

Chegou a vez de Rosana intervir:

— Professor, desejo saber mais detalhes a respeito da viagem que faremos para dar cumprimento a este projeto. Iremos nós três na peregrinação? A visita será apenas a Uberaba ou também poderemos visitar nossos lares?

— Muito bem, Rosana, vamos a estes esclarecimentos. Primeiro quanto aos participantes da viagem, ou melhor, das viagens porque depois da tarefa cumprida em Uberaba, completaremos o roteiro. Iremos nós três porque vocês naturalmente precisarão de amparo e esclarecimento na jornada. Para tanto, necessário é que eu esteja presente para assessorá-los, certo? Estaremos em visita a seus lares em duas ocasiões distintas: antes e depois de Uberaba. Precisamos estar bem cientes da situação de todos os envolvidos no planejamento a fim de que não ocorram falhas que possam comprometer o êxito do projeto, concordam?

Rosana e Rafael saíram juntos. Ao se despedirem, o rapaz entregou uma folha de papel dobrada à companheira, explicando que ali estava algo para ser lido somente quando ela estivesse a sós.

Rafael ainda não havia se afastado grande distância quando a moça se apressou a ler o conteúdo do papel. Estava ela ávida por saber o que desejava transmitir-lhe o querido companheiro.

Transbordante de felicidade, a jovem leu esta mensagem em versos que lhe havia feito Rafael:

' *Rosana:*

*Se o Criador me desse um dia  
Tudo no mundo pra escolher,  
Eu, sem pensar, lhe pediria,  
Que então me desse só Você!*

*98 João Duarte de Castro e António Carlos*

A moça, emocionada, suspirou: "Oh! Rafael, que declaração de amor mais bonita! Obrigada, querido!"

Rafael - um tanto quanto preocupado com a reação de Rosana - teria também sentido igual felicidade se visse sua amada prosseguir na direção do alojamento feminino, saltitante e cantarolando. Bem apertado junto ao coração, o papel com a quadrinha.

Revelação para Rafael

No dia seguinte, novamente se reuniram os participantes daquele projeto que objetivava levar os pais de Rafael à adoção de Joãozinho e Janete, irmãos de Rosana.

Rafael já estava idealizando a carta que deveria transmitir por intermédio de Francisco Cândido Xavier. No entanto, o moço desejava conhecer maiores detalhes de sua própria história para melhor poder redigir a mensagem.

E foi justamente este o pedido feito pelo rapaz ao Professor Leonardo, rogando que o ajudasse a esclarecer os pontos ainda obscuros de sua vida. Por que não vivera ele com seu pai verdadeiro? Como sua mãe havia se unido ao senhor Américo? Onde estivera seu progenitor antes de surgir ali no sítio? Por que exigira ele aquela alta soma em dinheiro?

Leonardo, ponderando as justas reivindicações de Rafael, busca encontrar uma solução para o caso.

— Sim, caro amigo, você tem toda a razão em querer se inteirar dos acontecimentos que culminaram com seu assassinato a fim de poder se situar melhor neste quadro. Também reconheço como procedente seu desejo de conhecer sua própria história. Sem isso, será muito difícil não só elaborar a carta, como se integrar perfeitamente no projeto.

*100 João Duarte de Castro e António Carlos*

— Professor - pronuncia-se Rosana - não seria possível visitarmos agora o lar de Rafael? Acredito que assim tudo será esclarecido. Que acha disso?

Rafael ficou entusiasmado com a sugestão da amiga.

— Sim, Professor Leonardo, não poderia haver melhor solução para o caso. Fazendo agora uma visita prévia a meus pais, poderíamos verificar como estão passando em minha ausência e também tentar descobrir algo sobre minha história.

E então, Professor?

Leonardo passou a mão direita pelos cabelos, gesto característico seu quando estava pensando, e logo falou:

— Realmente, estou plenamente de acordo com a su

gestão. Seria muito proveitosa, sem dúvida, tal visita. Vamos fazer o seguinte: enquanto vocês vão dar uma volta pelo pátio, vou até a sala de nosso Mentor a fim de requerer sua autorização. Estamos entendidos?

Rafael e Rosana então saíram, enquanto Leonardo tratava de cumprir a tarefa de que fora encarregado. Tinha grandes esperanças de ser bem sucedido em sua rogativa, pois o pedido era muito procedente.

No pátio, Rafael permanecera calado nos primeiros momentos. Era a primeira vez que voltavam a se encontrar depois que ele presenteara a companheira com a quadrinha. O rapaz estava algo encabulado, mostrando-se um tanto sem jeito. Mas logo se desinibiu com o que lhe disse a amiga querida!

— Rafael, quero agradecer-lhe de todo o coração por seus belos versos. Adorei sua declaração de amor. E quero que saiba que você também é muito querido por mim. Que Deus permita possamos estar juntos em uma próxima programação encarnatória. É tudo quanto desejo!

O moço - à falta de melhores argumentos porque então ficara ainda mais encabulado - tomou entre as suas, a mão da companheira.

#### *Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

E foi assim, de mãos dadas e com um ar de felicidade intensa, que retornaram à sala do Professor. Leonardo já estava a aguardá-los e também sorriu feliz ao observar os jovens. Já sabia ele que ali estavam duas almas afins que, após o reencontro venturoso, não mais desejariam se separar. Não pôde deixar então de se recordar de sua amada Lucinda que permanecera encarnada quando chegara sua convocação. Estavam em pleno noivado e com muitos planos para uma vida matrimonial que acabou não se concretizando naquela existência. Mas duas almas que se amam jamais ficam verdadeiramente separadas - sabia-o bem Leonardo - e pacientemente continuaria aguardando sua noiva. Quando ela própria regressasse, dariam prosseguimento a seus cálidos anseios de vida em comum...

— Meus queridos amigos, tenho boas notícias. A autorização para visita foi concedida. Amanhã mesmo seguiremos para o plano terreno.

Os dois jovens bateram palmas de contentamento.

No momento marcado, todos prontos para a viagem, o Professor Leonardo entre os dois, segurando-lhes as mãos, volitaram.

Do alto, a Colônia parecia enorme, muito bela com seus jardins, arvoredos e prédios.

Logo avistaram a Terra. Rosana e Rafael ficaram encantados com a visão dos lugares conhecidos. Desceram no

sítio dos pais de Rafael, entre as árvores do pomar. O rapaz sentiu-se tomado de grande emoção. Estava ansioso por rever seu antigo lar e por reencontrar seus amados pais.

— Professor, não há perigo de que eles nos vejam?

Leonardo sorriu com a pergunta de Rafael.

— Não existe tal possibilidade, amigos. Estamos vi-  
brando em dimensões diferentes. O Perispírito é matéria rare-  
feita, perfeita, belíssima. De tal modo isso ocorre que se tem a  
nítida impressão de se portar ainda um corpo denso, porém

101

*102 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vitima Fatal 103*

nossa condição é bem outra. Tenham total confiança e mantenham  
a serenidade. Podemos ver e sentir, mas os encarnados  
não nos verão. Nem mesmo os desencarnados inferiores que  
estão vagando por aí podem nos enxergar sem que o desejemos.

Os encarnados poderão, sim, sentir nossa presença, mas  
de uma forma agradável, reconfortante. Portanto, atenção e  
equilíbrio, estamos entendidos? Você está preparado, Rafael?  
O jovem apenas acenou afirmativamente com a cabeça.  
Rafael observou que por ali tudo parecia continuar igual,  
mas, ao mesmo tempo, algo parecia fora de foco. A tristeza  
reinante no ambiente cobria tudo de uma cor cinza,  
melancólica...

Seu pai dirigia o trator naquele momento, muito triste.

Sua mãe ocupa-se no preparo do jantar. Rafael, contristado,  
verificou que ambos estavam envelhecidos, cansados... Mais  
pareciam lâmpadas cobertas por uma camada de pó, o que  
impedia a livre expansão de sua luminosidade!

Com o jantar pronto, o senhor Américo entrou na casa.

Comeram em silêncio, sem demonstrar qualquer satisfação pelo  
alimento ingerido, mais parecendo a refeição um castigo, uma  
obrigação. Depois, a mulher retirou a mesa, permanecendo  
apenas a toalha. Voltou a sentar-se no mesmo lugar de antes.  
Após uma longa pausa, conversaram.

— Acho - o homem falou - que deveríamos ter pago ao  
Joaquim o que estava exigindo. Assim, talvez, tivéssemos evi-  
tado a discussão e o acidente.

Rafael percebeu que estavam falando de seu pai carnal.

Joaquim, eis como se chamava ele.

— Não, Américo, não é bom ceder a chantagens. O  
chantagista nunca se dá por satisfeito e sempre vai exigir mais  
e mais. Acalme seu coração quanto a isso. Não poderíamos  
ter evitado a tragédia. Não adianta agora estar conjecturando  
"se não fosse isso, se não fosse aquilo"... Depois, como iria  
saber que naquele fatídico Rafael voltaria mais cedo da escola?  
Você não teve culpa nenhuma, homem!

— Ele foi me defender! Amava-me!

— Como você também o amava, ora! Para Rafael você

sempre foi seu verdadeiro pai. Graças a Deus, morreu sem descobrir nosso segredo.

Calaram-se. O senhor Américo, recostado na cadeira, cochilava. Laura ficou cismando, o pensamento perdido na poeira do passado. O Professor Leonardo aproveita-se da ocasião propícia, coloca as mãos sobre a cabeça da mulher. Fazendo uma irradiação, assim incentiva suas lembranças a fim de que pudessem conhecer detalhes da história que tanto interessava a Rafael. Os pensamentos de Laura, plasmando-se, puderam ser visto pelos três amigos, como se fora filme. A medida que as imagens se desenrolavam, tudo ia sendo esclarecido. Bem jovem ainda, Laura conhecera Joaquim e por ele se sentira atraída. Apesar de sua família não aprovar tal relacionamento, a moça se rebela e insiste na relação. O rapaz era um desocupado, mau elemento. Com o prosseguimento, Laura engravida, nasce o menino, casam-se, mesmo contra a vontade de todos.

Quando Rafael tinha apenas dois meses de vida, seu pai pratica um assalto seguido de morte, Latrocínio! Laura sofre muito. Com a prisão do companheiro, vê-se sozinha e abandonada. Sua família lamentavelmente, nega-lhe qualquer amparo. Laura tem que trabalhar arduamente como doméstica a fim de sobreviver e sustentar seu filhinho.

Passado algum tempo, vem a conhecer Américo, homem já maduro, mas trabalhador e muito considerado no lugar. Pessoa de excelente procedimento, caridosa, amou-a e vieram a unir-se, assumindo Rafael como se fora seu filho legítimo.

Para começar vida nova, mudaram-se, foram residir bem longe dali. Isolando-se no sítio, viveram felizes por al-

*104 João Duarte de Castro e António Carlos*

guns anos. O filho cresceu forte, saudável, adorava a seus pais e por eles era igualmente muito amado. Tudo começa a se complicar, no entanto, logo após Rafael ter completado 13 anos de idade.

Joaquim fora colocado em liberdade condicional e passou a procurá-los. Descobrindo-os, afinal, passa a fazer chantagem contra eles: ou davam o que ele exigia, ou contava toda a verdade ao menino! A princípio, o senhor Américo cedeu às ameaças, contrariando o parecer de Laura que julgava mais conveniente denunciá-lo à polícia.

Naquele dia fatídico, o chantagista, dizendo ter uma dívida a saldar, exigiu uma quantia mais alta. Houve a discussão, Rafael chega, interpõe-se entre os litigantes e é mortalmente atingido. O acidente foi explicado a todos como tendo sido ocasionado por um ladrão que, tendo sido surpreendido em flagrante delito, acabara atirando no menino. Nada revelaram da verdadeira história, guardando segredo absoluto. Não havendo motivos para desconfiança, todos acreditaram naquela

versão.

## **XXI**

### *Conhecendo Chico*

Anoitecia. Leonardo convidou os amigos para visitarem Chico Xavier, para conhecerem o trabalho mediúnico da psicografia. Rafael beijou seu pai e sua mãe, despedindo-se. Deram as mãos e voltaram.

Em minutos, estavam em Uberaba, foram direto ao Centro Espírita onde trabalhava o Chico. Rafael e Rosana admiraram a simplicidade do local. Para os encarnados a construção do prédio é simples, um salão com cadeiras para os assistentes encarnados, na frente uma mesa com cadeiras. Mas, para os desencarnados, além do salão para os trabalhos mediúnicos, existe construído em cima um grande Posto de Socorro. Neste Posto de Socorro de construção mental astral, há um pequeno hospital, uma recepção, e sala de consulta. Tudo como a construção dos encarnados, simples e limpa, tendo só o necessário.

Apresentaram-se na recepção, um senhor de aspecto agradável e educado os atendeu sorrindo. Leonardo explicou: — Viemos, meus pupilos e eu, para conhecer o local, ver o trabalho mediúnico com Chico. Somos Leonardo, Rafael e Rosana.

O senhor procurou na lista.

#### *106 João Duarte de Castro e António Carlos*

— Aqui estão. Hoje vieram para assistir em caráter de aprendizado. No dia vinte, Rafael virá ditar uma mensagem aos pais. Certo?

— Certo.

— Puxa como são organizados - disse Rafael.

— A ordem existe em todos os lugares onde impera o Bem. Seus pais nem vieram, nem pediram mensagem e já está anotado nosso pedido - explicou Leonardo.

— Com todos que escrevem mensagens é assim? Acontece isto? - indaga Rosana.

— Não com todos. A maioria são escalados assim. Mas, há os que chegam junto com os encarnados. Se podem, se tem condições de escrever e há vaga na lista, podem ditar mensagem. Sempre os organizadores daqui deixam uma ou duas vagas para eventualidades. É marcada para cada noite uma quantidade mais ou menos certa de espíritos para ditarem mensagens. Os orientadores do Educandário pediram e marcaram para você.

— Leonardo, se acontecer de meus pais não poderem vir neste dia?

— Onofre os avisará, e será marcado outro dia.

— Muitos desencarnados pedem para escrever sem a presença dos encarnados queridos? - quis saber Rosana.



— Há pedidos assim, mas mensagens devem ser pedidas pelos encarnados. Nunca devem ser ofertadas. Quando os entes queridos pedem, entra-se na faixa mental do desencarnado e tudo fica mais fácil.

— Leonardo - disse Rafael curioso -, se encarnados aqui vierem e pedir uma mensagem de alguém que está perturbado, vagando no Umbral?

— Realmente os espíritos tem que estar bem, socorridos, para ditar mensagens. Nem todos os encarnados que pedem mensagens, conseguem obtê-las. Neste caso, o encarnado não recebe nada e a equipe que aqui trabalha vai até este desencarnado e, se for possível socorrem-no. Se os encarnados voltarem uma próxima vez, aí talvez o espírito já possa escrever.

— Existem desencarnados que não querem escrever? - indaga Rosana.

— Só em caso raríssimo. Normalmente se o desencarnado está bem, ele quer dar notícias. É tão agradável se comunicar com entes queridos.

Entraram no salão e ficaram na parte reservada aos visitantes desencarnados. Eram muitos os visitantes. Havia um grupo de estudantes com seus instrutores querendo aprender. Sentaram em poltronas simples, mas confortáveis. Rosana e Rafael ficaram prestando atenção em tudo. Os trabalhadores foram chegando em grande número, todos simples e felizes. Cercaram o ambiente.

— Cercam para manter a boa vibração - disse Leonardo -, como também para impedir que irmãos trevosos entrem para bagunçar o local.

— Espíritos perturbados na maldade gostam de entrar nestes ambientes? - indaga Rosana.

— Estes irmãos gostam sempre de bagunçar, mas dificilmente tentam entrar em locais sérios. As trevas tentam sempre apagar onde se acende a luz.

Começou o trabalho, ficaram encantados. Rosana se emocionou até às lágrimas ao ver Chico Xavier.

— Que espírito lindo! Como é bom olhar para ele!

— É verdade - disse Leonardo - Chico irradia o que é, transmite Paz, Harmonia e Equilíbrio.

Se encantaram novamente com a presença de Emmanuel. Chico e Emmanuel juntos irradiam luz que clareia como dia o local para os desencarnados. Os dois amigos trabalham em perfeita harmonia.

Rafael querendo aprender, ficou bem atento. Viu que os desencarnados, os trabalhadores, organizaram a fila e o traba-

107

108 João Duarte de Castro e António Carlos

Iho de psicografia começou. Sempre com o orientador Espiritual presente. Os orientadores colocavam o espírito escalado para escrever ao lado do médium e este entrava em sintonia com ele. Fios ligavam as mentes, do desencarnado com a do encarnado. Que maravilha! O desencarnado ditava a mensagem ou então se aproximava mais colocando sua mão na mão do médium, que escrevia.

Assim todos os escalados escreveram com proveito.

Muitos após ditarem, choravam emocionados.

Já bem tarde, o trabalho terminou. Os encarnados estavam emocionados, muito choravam, agradecendo ao médium.

A gratidão de todos eram grande. Os trabalhadores alegres como sempre. Nós os visitantes, estávamos felizes.

Leonardo convidou-nos para partir.

— Leonardo será que não posso visitar Joaquim, meu pai? - indagou Rafael.

— Como seu orientador, sei onde está a cidade que atualmente reside. Neste horário deve estar em algum bar. Quer mesmo conhecê-lo?

— Quero.

Volitaram para uma cidade longe de onde residiam seus pais, pararam numa praça. Andaram até um bar. Sentados numa mesa estavam um grupo de homens mal encarados.

Conversavam e riam alto, bebiam e fumavam.

— É este! - apontou o orientador de Rafael.

Rafael aproximou-se, reconheceu-o. Viu-o por momentos naquele dia da tragédia. Seu pai lhe era extremamente desagradável.

Rafael teve dó. Aproximou-se mais ainda e tentou intuílo, tentou fazer que pensasse nele, no acidente que veio resultar em sua morte. Nada conseguiu, aquele homem insensível só pensava em prazeres.

— Vem Rafael - disse Rosana. Este homem planta esquecendo-se da colheita. Nada tem com ele. Deixe-o.

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

— É verdade - completa Leonardo. Esquece o infeliz da sua colheita. Repara que Joaquim coloca muito a mão no estômago. Vejo seu interior, está com câncer, logo terá dores horríveis e estará só. As amizades dele são para os prazeres, não são companheiros na dor. Que Deus o ajude a reconhecer a dor como um reajuste. Rosana tem razão, vamos deixá-lo.

Rafael olhou-o com piedade.

— Que na sua colheita pense em mim. Perdôo-o de coração.

Saíram andando daquele bar onde não só os encarnados eram de aspecto estranho, os desencarnados eram horríveis, sujos e vestidos de modo extravagante. Também bebiam e fumavam fazendo algazarra.

Voltaram ao sítio dos pais de Rafael. Seus pais dormiam. Rafael viu que no seu ex-lar estava um desencarnado muito agradável que não conhecia. Leonardo tratou de apresentá-lo.

— Este é Onofre, que trabalha na equipe de Chico Xavier. Está aqui nos ajudando, dando força à ideia de Laura para irem até Uberaba. Serão instruídos. Onofre manterá neles a lembrança e a vontade de irem. Isto está acontecendo para atender um pedido de Dona Balbina e de Rosana Tudo isto é na tentativa de arrumar novo lar aos órfãos.

— Meus pais não são Espíritas, como minha mãe soube desta possibilidade? - indagou Rafael.

Foi Leonardo quem respondeu:

— Uma amiga, vendo sua mãe tão triste, deu-lhe de presente um livro do Chico Xavier, de mensagens. Ela leu, adorou e daí nasceu a vontade de receber uma mensagem sua.

— Tantos acontecimentos bons vêm de um livro Espírita! - exclamou Rosana.

— Vamos passar no sítio vizinho e rever a família de Rosana - falou Leonardo.

Todos dormiam, menos Dona Balbina que orava rogan-  
109

*110 João Duarte de Castro e António Carlos*

do a Jesus que olhasse pelas suas crianças. Que permitisse a Rosana ajudá-los.

Quando Rafael olhou para Rosana, notou que ela estava com os olhos cheios de lágrimas. Ele lhe sorriu, motivando-a. Rosana controlou-se, beijou a avó e seus irmãos.

Leonardo deu um passe em Dona Balbina que adormeceu tranquila.

## **XXII**

*\ Os Pais de Rosana*

Logo que regressaram a Colónia, Rafael rascunhou a carta. Ficou todo o tempo pensando como fazê-la. Após orar, escreveu uma longa carta que seria ditada como mensagem. Hora depois, mostrou-a aos amigos. Leonardo leu-a em voz alta, modificou alguns textos, mudou frases, pediu a Rafael que colocasse outras expressões. Rafael fez com gosto, queria sua mensagem perfeita, achou ótima a opinião do amigo. Isto ocorre com quase todos os que ditam mensagens aos entes queridos. E feito antes um rascunho e orientadores lêem o texto dando opiniões. Outros, tendo dificuldades para escrever, não expressando bem suas ideias, são ajudados a fazer este rascunho. Também, porque é de bom gosto que encarnados recebam cartas com otimismo, evitando queixas desnecessárias. E que estas mensagens levem consolo e fortaleçam os laços de carinho entre os dois planos.

— Estes rascunhos passam por uma censura, disse Rosana brincando.

— Quase isto. Este intercâmbio existe para fortalecer a amizade, o amor e não para criar dificuldades e inimizades. São consolos que não podem levar inquietações. São de perdão, carinho e não podem trazer desarmonia. - respondeu

*112 João Duarte de Castro e António Carlos*

Leonardo.

— Rafael, a mensagem está linda! - incentivou Rosana. Seus pais vão adorar recebê-la. E, desde já agradeço pela tentativa que faz para que eles fiquem com Joãozinho e Janete.

— Quero que eles fiquem com os dois. Quero mesmo! Amo-os por eles serem seus irmãos. Depois é tão triste vê-los só com a sua avó tão doente prestes a desencarnar. Estão tão necessitados de proteção e amparo e, ao lado, tão perto, meus pais tão sós e podendo dar a eles a proteção que merecem. Que Jesus nos ajude e que tudo dê certo. Estou ansioso para que chegue o dia vinte e possa ditar esta mensagem aos meus. Leonardo animou Rafael com tapinhas carinhosas nas costas e disse:

— Onofre está animado, me comunicou que seus pais vão mesmo a Uberaba. Devido à importância que representa sua carta, já na primeira vez receberão sua mensagem. Logo à noite, iremos visitar seus pais novamente.

Rafael e Rosana agradeceram a Leonardo, despediram-se, saíram da sala dele e foram passear no jardim.

— Rosana, onde estão seus pais? Estão bem? - Rafael indagou com muito carinho.

— Graças a Deus, ao Pai Misericordioso, estão bem.

Moram aqui mesmo na Colónia, na outra parte, a dos adultos.

Só que ainda não estão aptos a ajudar. Ainda estão se recuperando, embora estudem e façam pequenas tarefas. Vou vê-los sempre.

— Será, que poderia ir com você, quando for vê-los?

— Vamos agora?

— Vamos.

Rosana pediu permissão a Lúcia. Com a autorização, passaram ao outro lado da Colónia deixando o Educandário para trás. Rafael conhecia toda a Colónia. Leonardo sempre levava seus alunos em excursões para visitá-la, ora na escola, *Rosana, a Terceira Vítima Fatal 113*

ora no hospital, ora na Biblioteca, enfim, em todas as dependências da Colónia. Mas com Rosana, tudo era diferente, em sua companhia tudo ficava mais bonito.

Os pais de Rosana, Rodolfo e Ivone já os estavam esperando, pois Lúcia lhes havia comunicado. Receberam felizes a filha e seu amigo.

— Oi Rafael, disse Ivone, que bom revê-lo. Como está bonito. Como está? Temos notícias de que logo irá escrever

uma mensagem aos seus pais falando de Joãozinho e Janete.

— Estou bem obrigado. - Rafael respondeu um tanto encabulado. Vou escrever sim, vou tentar transmitir o pedido. Espero que me atendam.

— Tente sim, Rafael, tente com todo carinho, disse Rodolfo. Américo e Laura são nossas esperanças, foram nossos vizinhos, são ótimas pessoas, pais que queríamos para eles. Depois, desejamos tanto que ficassem juntos, que fossem bem cuidados e felizes. Que tivessem no bom exemplo sua educação. São tão pequenos!

Rodolfo encheu os olhos de lágrimas. Ivone, vendo Rafael apreensivo, mudou de assunto.

— Você gosta daqui?

A conversa decorreu agradável. Mostraram as dependências da casa onde estavam alojados juntamente com outras pessoas. A casa era muito bonita, limpa e decorada com bom gosto, tendo um lindo jardim que a cercava.

Despediram-se e voltaram ao Educandário. Rafael deixou Rosana no seu alojamento na parte feminina e foi para seu quarto. E ficou a pensar.

Se não der certo a mensagem? Se não conseguir transmitir a contento? Sabia que não era fácil para um médium receber e transmitir fatos que ele desconhece. Como será que os pais receberiam a mensagem? Iriam acreditar? Como receberiam a mensagem com o pedido? Aceitaram ficar com os garotos? Iriam assumir esta responsabilidade? Rosana e seus pais estavam preocupados com as crianças, mas ao mesmo tempo esperançosos. E ele, poderia ter esperança? Que iria sentir se seus pais não acreditassem? Certamente iria ficar triste depois de tanto trabalho. E se eles não quisessem ficar com as crianças? Rosana ia ficar triste. Não queria a amiga triste.

Para se tranquilizar, orou com fé a Jesus, pedindo a este nosso Amigo ajuda para que pudesse dar certo e que seus pais adotassem os dois órfãos.

No outro dia a noite, Leonardo levou Rafael para ver seus pais. Rosana não foi desta vez. Onofre os recebeu contente.

— Venha, Rafael, ver o que seus pais estão fazendo.

Seus pais se preparavam para a viagem. Arrumavam as malas, iriam na manhã seguinte. A viagem seria longa. Iriam de carro até a capital do estado em que residiam, após pegariam um avião até São Paulo e depois um ônibus até Uberaba.

Viagem que levaria o dia inteiro e parte da noite. Sua mãe, esperançosa, falava ao pai.

— Américo, dará certo. Sinto que receberemos uma mensagem de Rafael. A vida não pode terminar com a morte. Sinto-o vivo, bem e querendo nos dizer algo. Quero ter a

certeza de tudo isto. Acredito no Chico Xavier! O livro que li é tão lindo!

— Não sei Laura, talvez não devêssemos ter tantas esperanças. Estou fazendo esta viagem por você. Não sei se mortos escrevem, mas ao mesmo tempo, penso: se Deus existe, nos fez eternos, talvez possam os mortos escreverem.

— O Espiritismo não chama quem morreu de morto, mas sim de desencarnado. Como Sheila me explicou, o corpo morre, a alma ou espírito vive, por isso falam desencarnado, ou seja, aquele que deixou a carne, o corpo.

Conversaram sobre a viagem e foram dormir.

— Vamos ver meus irmãozinhos? - pediu Rafael a Leonardo.

— Já os chama de irmãos?

— Leonardo, estou com medo. Vi o processo de transmissão de mensagens, fiquei encantado. Mas temo não ser capaz. Tenho medo que meus pais não me entendam. Rosana e seus pais irão sofrer vendo as duas crianças no orfanato ou separados com a morte de Dona Balbina.

— Confiemos, Rafael. Quanto à mensagem, saberá ditar sim, será ajudado pelos trabalhadores desencarnados do Centro Espírita. Quanto aos seus pais aceitarem ou não sua sugestão, só dependerá deles. O livre-arbítrio deles será respeitado. Mas, após conhecer seus pais, estou otimista. Entenda também, Rafael, que ninguém é órfão do Amor de Deus. Joãozinho e Janete serão amparados onde estiverem.

— Leonardo, vi os pais de Rosana preocupados. Não pensei que desencarnados pudessem se preocupar.

— Quando desencarnamos não perdemos a individualidade e não esquecemos dos que amamos. Só se esquecem os desencarnados que vagam inconscientes, os que estão perturbados no remorso. Quando queremos bem, nos preocupamos sempre. Sofremos juntos, choramos, sorrimos, a vida continua. Os pais de Rosana estão realmente preocupados e com razão. Não é fácil deixar filhos pequenos órfãos, ainda mais agora que Dona Balbina está para desencarnar e que ficarão sozinhos. Tanto se preocupam que não têm autorização para visitá-los, mas sabem de todos os acontecimentos. Preocupados como estão, não transmitiriam nada de bom aos dois órfãos, podendo prejudicar os encarnados e a eles mesmos.

— Não é fácil ver os que amamos com problemas. Ver meus pais tristes me inquieta, mas sei que são adultos e que têm um ao outro para o amparo mútuo. Com os gémeos é diferente, são tão pequenos e dependentes. Dona Balbina está pedindo tanto esta graça. Tudo farei para que meus pais acolham os dois órfãos.

*116 João Duarte de Castro e António Carlos*

Passaram para ver as crianças. Estavam bem. Novamente Leonardo deu passes em Dona Balbina, fortalecendo-a.

Voltaram à Colónia.

### **XXIII**

#### *Novos Amigos*

↓

A viagem foi cansativa. Américo e Laura estavam apreensivos, mas também esperançosos. Conversaram pouco durante a viagem, cada um pensando no passado, lembranças que acabavam em tristezas. Davam longos suspiros, trocavam olhares. A desencarnação de Rafael foi para eles uma grande perda e uma enorme dor.

Chegaram em Uberaba, procuraram um hotel, acomodaram-se e foram em busca de informações sobre o Centro Espírita onde Chico Xavier trabalhava. Quando perguntavam na portaria do Hotel, um casal chegou para se hospedar.

— Querem informações de como fazer para receber mensagens? Desculpe se me intrometo. Mas viemos aqui também com está finalidade. Já estivemos aqui outras vezes e recebemos, graças à Deus, a mensagem tão esperada e tão maravilhosa. Se quiserem ir conosco, logo mais vamos ao Centro Espírita onde Chico Xavier trabalha. - falou educadamente o senhor.

— Queremos sim, obrigado. - respondeu Américo.

— Esperem por nós no salão, logo desceremos. - concluiu o senhor.

Américo e Laura sentaram-se nas confortáveis cadeiras

—

#### *118 João Duarte de Castro e António Carlos*

do Hotel assistindo, distraídos, a televisão. Não demorou muito o casal voltou e se apresentaram.

— Somos Mariza e Ary, muito prazer.

Após as apresentações, conversaram trocando opiniões sobre a agradável cidade. Ary convidou-os, a partirem para o Centro.

— Vamos conhecer o Centro Espírita da Prece, verá como tudo é simples e encantador ao mesmo tempo. Após vamos visitar o hospital do Fogo Selvagem. Querem ir conosco?

— Não temos nada a fazer, vamos sim. - disse Laura.

Mariza e Ary animaram Américo e Laura com conversa agradável. O casal amigo tinha vindo de automóvel e tornaram-se cicerones mostrando-lhes a cidade. Foram ao Centro Espírita da Prece. De fato, tudo é limpo, simples demais e muito agradável.

— Aqui se respira Paz. - disse Laura.

— É verdade - concluiu Américo. Aqui é sossego e harmonia.

Haviam poucas pessoas no local naquela hora. Em poucos minutos conheceram tudo. Os dois casais iriam no dia

seguinte pedir mensagens de seus filhos. O casal amigo iria pedir da filha que desencarnou há três anos.

Depois de orarem, oração em que Laura pediu a Jesus que o filho pudesse dizer algo a eles, saíram.

Foram ao hospital. Não era dia de visita, mas Ary e Mariza eram amigos da orientadora do hospital, Dona Aparecida, e tiveram permissão de levar Américo e Laura para conhecerem o local. Américo e Laura ficaram impressionados ao verem crianças, jovens e adultos com a doença do fogo selvagem. Alguns doentes tinham o corpo coberto de chagas. Sabiam que as bolhas os incomodavam muito. Laura e Américo se sensibilizaram diante da dor, da doença de tantos irmãos. Conversaram com alguns doentes. Mariza e Ary *Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

animavam-nos, dizendo palavras de incentivo. Os pais de Rafael só faziam alguns comentários, não sabiam que dizer. Fechados na sua própria dor, se espantaram diante de outras, diante de irmãos em sofrimento. Os doentes falavam de si, da saudade e preocupação com os seus que estavam longe. Ali estavam doentes de várias partes do Brasil. Viram que ali não só recebiam tratamento para a doença do corpo, mas também para o espírito. Os doentes eram na maioria conformados e esperançosos. Laura não se conteve e falou a Mariza:

— Parece que entendem o porquê de estarem doentes!

Com sofrimento assim não era para estarem revoltados?

— Este Hospital tem direção espírita e encarnados seguidores da Doutrina consoladora os confortam. Aqui têm nos ensinamentos Evangélicos verdadeiras lições de vida. Mas, mesmo assim, há os que se revoltam. Aqui tentam ajudar o indivíduo, curando o corpo e fortalecendo o espírito.

Na saída, Ary e Mariza deixaram uma quantia em dinheiro para o hospital. Ary explicou:

— Todas as vezes que visitamos Uberaba, visitamos também este Hospital. Aqui aprendemos que não somos somente nós que sofremos. Vendo sofrimentos alheios, compreendemos e suavizamos o nosso. O tratamento desta doença é caro e o Hospital está sempre em dificuldades, já que a maioria dos doentes são pobres e não pagam nada.

Américo também deixou sua contribuição. Saíram do Hospital diferentes. Nada como ver dores maiores para entender as nossas. Ali viviam crianças internadas separadas da família, viram mães, pais que deixaram os seus, às vezes tão longe. Como também viram as dores que a doença acarreta. Voltaram ao hotel. Os novos amigos os convidaram para jantar e conversar. Como a reunião do Centro Espírita seria somente no dia seguinte, teriam tempo. Ficaram indecisos, mas aceitaram.

Após o jantar passaram a conversar sobre os filhos



120 João Duarte de Castro e António Carlos

desencarnados. Ary, sempre simpático, falou:

— Nossa filha desencarnou com dezesseis anos com um tumor no cérebro, faz três anos. Era nossa filha única. Ficou doente dois anos, tudo fizemos para vê-la curada. Nossa menina sofreu muito e vê-la sofrer nos transtornava. Quando desencarnou, sentimos muito, pensávamos que íamos enlouquecer de dor. Um amigo nos presenteou com um livro Espírita, lemos, gostamos e acalentamos a ideia de vir aqui pedir ajuda ao Chico Xavier. A primeira vez que viemos, recebemos um recado somente de Eliane. Dizia carinhosamente para que tentássemos nos consolar e que estava bem. Isto nos bastou no momento. Passamos a ler livros Espíritas e, como por milagre, o consolo veio. Hoje somos Espíritas, amamos a Doutrina. Na segunda vez que aqui viemos, já estávamos mais calmos e um casal, tal como fizemos hoje, com vocês, nos levou ao hospital, ao orfanato e à creche. Estas visitas foram como um bálsamo para os nossos corações.

Laura também falou da desencarnação de Rafael, contou sobre o ladrão, o acidente e sobre a falta que sentiam do filho. Acabou por perguntar:

— Vocês receberam mensagem de Eliane?

— Sim, recebemos, vocês querem vê-las? - indagou Mariza.

— Sim. - responderam juntos Américo e Laura.

— Vamos ao hotel. Mostraremos a vocês.

Foram. No quarto do hotel, Ary mostrou um pacote com as mensagens. Tinham como precioso tesouro. Ary leu em voz alta e tecia comentários.

— Esta é a primeira. Me chama de paizinho, como fazia sempre que queria agradecer-me.

— Nesta, fala da avó Nita, que nem conheceu. - explica Mariza.

— Ouçam esta, que bonita! - exclama Ary entusiasmado.

Nos pede para não chorar, para entendermos que ela vive

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

em outro lugar muito mais bonito. Que não a perdemos, que será sempre nossa filha e nós seus pais. Que somos os melhores pais do mundo.

— Laura - disse Mariza - mensagens são bálsamos para nossa saudade. Muitos recebem e não acreditam, outros como nós, crêem realmente. Nós acreditamos que foi nossa Eliane quem nos escreveu. É pelo modo de falar, suas expressões, que reconhecemos ser ela.

— Também - disse Ary querendo explicar | - temos que entender o trabalho de intercâmbio, onde eles, os desencarnados, ditam ao encarnado. O médium, neste caso, é

o instrumento encarnado que tem seu cérebro, e a mensagem passa por seus conhecimentos. Não é um intercâmbio fácil, exige esforço de ambas as partes. Chico Xavier bondosamente se dedica a este intercâmbio com muito amor, e consegue transmitir com muita fidelidade o que os desencarnados querem dizer.

— Será que existe só ele que faz este tipo de trabalho?

- indagou Américo.

— Não respondeu Ary, existem outros médiuns. Mas como a responsabilidade é grande e o trabalho exige muita dedicação e amor, poucos fazem.

— Será que receberemos a do Rafael? - pergunta Laura esperançosa.

— Confiemos - animou Mariza.

Conversaram por horas. Américo e Laura sentiram-se bem na presença dos dois, se entendiam pela dor da mesma perda, a desencarnação dos seus filhos únicos.

Despediram-se e combinaram no outro dia visitar o orfanato e a creche juntos. Américo e Laura dormiam tranquilos como há muito tempo não faziam.

No outro dia, logo de manhã, visitaram o orfanato e a creche deixando seus donativos e foram para uma banca de livro Espírita onde fizeram suas compras. Ary ajudou os ami-  
121

*122 João Duarte de Castro e António Carlos*

gos a escolherem os livros, onde começariam a entender a Doutrina Espírita que tanto consolo e tanto bem transmite. Almoçaram juntos. Depois, retornaram ao Centro Espírita para conversar com Chico e fazer seus pedidos. Ficaram juntos conversando, trocando ideias sobre os livros que adquiriram.

Ary e Mariza, com mais conhecimentos, explicavam aos novos amigos o que sabiam. As horas passaram rápido. Quando chegou a vez de Américo e Laura conversarem com o médium, a mãe de Rafael não se conteve e chorou. Olhar, ver Chico de perto é entrar em estado consolador. Pediram com humildade a mensagem do filho.

A Mensagem

**XIV**

Chegada a hora, Rafael, Rosana e Leonardo volitaram até Uberaba. Rafael estava ansioso, mas tentou ficar tranquilo. Foi Onofre quem acompanhou os pais de Rafael na viagem. Ao ver os recém-amigos entrarem no local, foi dar-lhes as boas vindas e animou Rafael.

— Seus pais estão esperançosos. Creio que acreditaram.

Seus pais já estavam no Centro Espírita da Prece sentados juntamente com o casal amigo. Oravam com fé, pediam a Deus que permitisse receber a tão esperada mensagem. Rafael

foi até eles e os beijou. Momentos depois, um dos trabalhadores desencarnados do Centro chamou Rafael e colocou-o numa fila. Seria o quarto a ditar mensagem entre os escalados da noite.

— Oi, sou Eliane. Você é o Rafael?

Uma garota simpática dirigiu-se sorrindo a Rafael que respondeu encabulado.

— Oi, sou Rafael.

— Meus pais são aqueles que estão ao lado dos seus. Encontraram-se ontem no hotel e fizeram amizade.

— Que bom! Meus pais necessitam de amigos. Você  
*124 João Duarte de Castro e António Carlos*  
vai ditar mensagem?

— Vou. Gosto tanto de escrever a eles, ficam tão alegres!

Sorriam. Eliane voltou para seu lugar na fila. Rafael notou que todos estavam com folhas de rascunho na mão. Segurava a sua com todo o cuidado e carinho.

Rafael aguardou ansioso a chegada do médium, conhecia algumas obras que Chico Xavier psicografou, lera depois de desencarnado, na biblioteca do Educandário. Gostava muito destes livros. Chico, como sempre, humilde e simples, entrou no Centro Espírita acompanhado de alguns encarnados e muitos desencarnados. Ao ver Emmanuel, se emocionou até às lágrimas. Que espírito lindo e simples é este escritor fantástico! Sua luz irradia por todo o centro. Olhou bondosamente para os que estavam na fila, sorriu e falou tranquilamente:

— Pela bondade de Deus, poderão esta noite ditar aos familiares mensagens de carinho e otimismo. Vamos ajudá-los. Seus agradecimentos deverão ser somente ao Pai por esta oportunidade.

A emoção de Rafael foi passando e ficou tranquilo, só não deixou de olhar para Chico e Emmanuel. Se encantou com o carinho destes dois amigos, com a beleza de seus espíritos. O trabalho começou. Logo chegou a vez de Rafael escrever. Tudo bem mais simples do que Rafael pensava. Ditou com facilidade e o médium fielmente escreveu. Emmanuel ficou perto ajudando-o. Tudo saiu como no seu rascunho, perfeito. Contente, beijou a mão do médium quando foi possível pegá-la para assinar seu nome. Ao acabar, saiu da fila e pôde ficar ao lado dos pais.

As mensagens foram lidas. Américo segurava a mão de Laura, os dois choravam emocionados. Ary e Mariza também estavam felizes com a nova mensagem da filha. Após o término, ficaram ali sentados relendo a mensagem.

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

— Vamos acompanhá-los - disse Leonardo. Agora irão para o hotel, vamos ver o que realmente acharam da mensagem.

— Leonardo - Rosana falou entusiasmada -, que beleza de trabalho!

— Tudo o que se faz com amor encanta a todos.

— Chico Xavier é mesmo um grande médium - Rafael expressou emocionado. Nosso intercâmbio foi perfeito, escreveu tudo o que ditei. Temi à toa que não pudesse transmitir nomes, mas foi fácil, graças à Deus.

Os pais de Rafael voltaram ao Hotel com o casal de amigos. Os quatro emocionados e felizes falavam das mensagens.

— Eliane está bem, estuda e trabalha no Plano Espiritual, falou com orgulho Ary. Saber que nossa filha é feliz, nos alegria e somos gratos.

Américo e Laura também comentaram a mensagem de Rafael, sem se aprofundar em detalhes, nos trechos em que o filho falava de seus segredos. Dizendo estarem cansados, foram para o quarto querendo estar a sós para comentar a mensagem. No quarto, fizeram nova leitura. A mensagem era longa. Rafael referiu ao genitor como pai de amor, que lhe era grato por lhe haver criado com tanto carinho. Chamou-o de pai de coração e que era muito mais seu pai que aquele estranho que o gerou.

— Meu Deus! suspirou Américo. Nosso Rafael sabe disto. Como pode, Laura, o médium que nunca nos viu, não sabe de nós, ter conhecimento deste detalhe que só nos dois sabemos? Acredito agora. Você tinha razão, é o nosso Rafael quem nos escreveu.

Laura continuou a ler.

Rafael agradecia comovidamente seus pais por todo o carinho, pedia para se consolarem. Que estava bem e feliz.

125

*126 João Duarte de Castro e António Carlos*

Que os amaria para sempre. Que seus objetos, brinquedos, todos guardados no seu quarto, necessitavam de novos donos. Que ele, estando bem, queria que eles também estivessem. Que ele sentia o amor deles e que era também para eles sentirem o dele. Amor puro que o acompanharia para sempre. Não se sentia órfão. Seria sempre deles o filho amado. Mas, que eles sim, estavam órfãos de filhos. Como seria possível ele ter irmãos, pois o paizinho (assim se referiu) não podia mais ter filhos. Queria que adotassem estes irmãos. Nesta parte, Laura parou de ler e Américo disse:

— Este detalhe era só por nós conhecido. Laura, foi Deus Pai que nos guiou até aqui para sermos consolados. O que Rafael fala nesta mensagem é a pura verdade! Laura continuou a ler. Rafael dizia que, pensando neles, felizes e com a casa alegre, queria acabar com a solidão que via nos dois. Estava arrumando dois filhos para eles, crianças que necessitam de pais. "Por favor", escreveu, "são dois

órfãos carentes de amor, amor este que sobra no nosso lar". Os dois órfãos eram do sítio vizinho que esperavam por eles, pais maravilhosos, e para dar felicidade à casa agora tão triste. Ao visitar novamente a casa, Rafael queria era ver os dois brincando com seus brinquedos e recebendo o carinho dos pais. Isto sim, seria maravilhoso.

— Que incrível! Rafael cita os nomes da Dona Balbina e dos órfãos João e Janete. - comentou Laura.

— É verdade. Trancados na nossa dor, nem prestamos atenção nas dificuldades do sítio vizinho. De fato, Dona Balbina está muito doente. E os netinhos parece que não tem mais ninguém.

— Coitadinhos! Será que não podemos ajudá-los? Fazer o que nos propõe Rafael? Ficar com os gémeos para nós? - falou Laura comovida.

— Vamos pensar com calma. Adotar é muita responsabilidade. - disse Américo sério. Depois nem sabemos se Dona *Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

Balbina nos dará as crianças. Primeiro temos que saber o que realmente se passa no sítio vizinho para planejarmos. E se já deram as crianças? Quando voltarmos, iremos lá para avaliarmos a situação. Agora vamos orar, agradecer a Deus e dormir. Amanhã temos que levantar cedo.

Leonardo aproximou-se de Laura e tentou intuí-la.

— Vamos orar, vamos agradecer a dádiva maravilhosa que recebemos. Muito recebemos hoje, esta mensagem nos foi tão gratificante. Será que não devemos fazer um pouco aos outros pelo muito que recebemos? Será que não estamos pensando demais para aceitar dois presentes? Filhos são presentes de Deus. São graças do Pai.

— Talvez você tenha razão Laura, mas já é tarde, vamos dormir. Na viagem teremos tempo de sobra para conversar e resolver.

Leonardo chamou Rosana e Rafael. Teriam que retornar à Colônia.

— Leonardo, será que atenderão a Rafael? - indagou Rosana ansiosa.

— Esperemos que sim. Onofre irá viajar com eles instruindo-os para que adotem as crianças. Porém, eles têm o livre-arbítrio, só farão se quiserem.

— Creio que sim, espero que sim. - Rafael sorriu.

Esperançosos volitaram até à Colônia.

No outro dia cedinho, os pais de Rafael foram despedir-se dos amigos que também partiriam. Abraçaram-se comovidos.

— Muito obrigado - disse Laura. Vocês nos ajudaram bastante.

— Foi um prazer - respondeu Mariza com alegria.

Trocaram endereços, prometeram escrever e despediram-

se.

Américo e Laura retornaram ao sítio.

127

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal* 129

*A Visita*

Voltaram à Colônia. Todos estavam ansiosos esperando a decisão dos pais de Rafael. Rodolfo e Ivone os esperavam.

— Como foi? - quiseram saber.

Contaram todos os acontecimentos.

— Vamos orar - disse Ivone - para que decidam ficar com nossos filhinhos.

— Onofre os acompanhará e eu irei muitas vezes ter com eles e aproveitarei todos os momentos possíveis para incentivá-los a ficar com as crianças - Leonardo os animou. Dona Laura já quer os meninos, convencerá o esposo.

— Que Deus o ouça - disse Rosana.

Foram descansar.

No outro dia cedo, Rosana procurou Rafael e lhe disse:

— Rafael já faz tempo que pedi permissão para visitar Lalau Fanhoso na prisão. Hoje a obtive, Leonardo me acompanhará. Você não quer ir conosco?

— Quero.

— Vamos à tardinha, espero aqui.

Rafael estava ansioso. Leonardo disse-lhe que Onofre lhe comunicara que Américo e Laura não decidiram nada ainda. A visita o distrairia. Depois, o que lhe coube fazer, havia feito com prazer. Agora só restava esperar.

No horário marcado, reuniram-se os três e voltaram para a Terra. Primeiramente, passaram no sítio da família de Rosana. Dona Balbina estava acamada e seu coração fraco. O que a segurava encarnada era a esperança de ver solucionado o problema de onde deixar os netos. Orava baixinho, escutaram emocionados.

— Rosana, minha neta, você que faz tantos milagres a estranhos, não dá para ajudar sua avó e seus irmãos? Vou morrer e deixá-los sem nada, sem ninguém. Irão certamente para um orfanato. Que será deles? Ficarão juntos? Terão quem lhes cuide? Me preocupo tanto. Que Jesus nos ajude e mande seus anjos auxiliarem-me. Ave Maria...

— Se eu pudesse esta hora, ajoelitaria e rogaria aos pés de meus pais para ficarem com eles. Seria bom para os quatro. Ah, se eles pudessem me ver! - Rafael exclamou emocionado.

— Calma Rafael - disse Leonardo - não se pode forçar ninguém.

— Vovó pede a mim. Que posso fazer? Nada, isto me deixa inquieta. Eu a amo tanto - disse Rosana.

— O que pode ser feito, está sendo - falou Leonardo com firmeza aos amigos. Agora vamos ver Lalau.

Um presídio é muito triste de se ver. O Manicômio Judiciário onde estava Lalau, visto pelos encarnados, era um lugar onde doentes mentais perigosos iam cumprir pena e se recuperar. Mas eles viam além. Muitos desencarnados ali estavam junto dos encarnados retidos em graves obsessões de vingança. Outros desencarnaram ali e permaneciam vagando em sofrimento.

Os três amigos foram recepcionados por um dos trabalhadores desencarnados que auxiliavam periodicamente aquele lugar.

— Boa tarde! Sou Elias. No que posso servi-los?

*João Duarte de Castro e Antônio Carlos*

Foi Leonardo quem explicou o motivo da visita e completou:

— Não poderia nos mostrar o prédio? Explicar como é o trabalho de vocês, servidores de Jesus, neste lugar de sofrimento?

— Será um prazer. Lalau se sentirá aliviado. Só recebe a visita de sua mãe encarnada que vem vê-lo uma vez por mês.

Conheceram todo o prédio. Rafael e Rosana sentiram-se apreensivos, nunca imaginaram que fosse tão triste. Elias esclareceu:

— Todos os presos são seres perigosos à sociedade.

Todos criminosos. Muitos têm vários crimes. Os encarnados que aqui trabalham precisam de certos cuidados e as medicações que usam são fortes.

— Ficarão curados? Serão encarnados? Terão consciência de seus erros?

Elias sorriu diante das inúmeras indagações de Rafael.

— E difícil sarar. Infelizmente, é visto pelos médicos somente a parte material doente. Na verdade, são realmente enfermos espirituais. Têm de modo confuso consciência de seus crimes e erros. Nosso trabalho, meu e de dois companheiros, é difícil.

— Vejo que quase todos têm companhia de irmãos desencarnados necessitados - disse Leonardo. Os desencarnados se unem tanto aos encarnados que parecem musgos à parede.

— É verdade. Muitos são obsedados por suas vítimas, as que ainda não lhes perdoaram. Outros já eram obsedados quando praticaram os crimes. Nosso trabalho se torna difícil porque estas possessões são aceitas pelos encarnados. Elias deu uma pequena pausa e continuou gentilmente a elucidá-los:

— Se o encarnado tivesse uma atitude no bem, não po-

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 131*

deria haver obsessão. Se todos seguissem os ensinamentos de Jesus, que nos recomendou amar os inimigos, orar pelos perseguidores e caluniadores, não haveria como um irmão obsedar outro.

Porque se esta fosse a atitude de um dos encarnados que aqui está, ela serviria de orientação ao desencarnado obsessivo e então

este não teria como maltratá-lo. Somos nós que fazemos por escolher nossas companhias.

— Muitos têm remorso? - indagou Rosana.

— Alguns têm e é pelo remorso destrutivo que às vezes permitem aos desencarnados se vingarem. Outros não sentem remorso, são revoltados e brigam constantemente com os desencarnados que os obsediam.

— Vocês tentam ajudar estes desencarnados? - quis saber Rafael.

— Sem dúvida. Nosso trabalho é fazê-los despertar do ódio em que se encontram, perdoar, largar os encarnados conosco para o Plano Espiritual onde aprenderão a viver no Bem.

Rafael assustou-se com os desencarnados de aspecto grotesco, formas animalizadas. Os encarnados também não tinham bom aspecto. Rostos dementes, riam abobalhados dizendo frases desconexas. Nenhum encarnado os viu e nem os desencarnados que ali vagavam. Alguns desencarnados estavam tão entrelaçados com os encarnados que davam a impressão de dois, três espíritos num corpo só.

Chegaram à cela de Lalau. Estava diferente, cabeça raspada, olhos saltados e com machucados na cabeça e nas mãos. Falava baixo, com sua voz desagradável, os nomes de suas vítimas.

— Lalau é um dos poucos pacientes que não está obsediado. Suas três vítimas o perdoaram. Quando veio para cá, dois espíritos estavam com ele, inimigos de outra existência, exigindo vingança. Disseram que Lalau, na vida passada, matou-os e não foi punido. Estes dois espíritos quando viram que

130

*132 João Duarte de Castro e António Carlos*

ele ficaria aqui até desencarnar foram embora e o deixaram.

— Estes dois espíritos podem ter ajudado nos crimes desta encarnação? Os dois podem ter incentivado Lalau? - Leonardo indagou curioso a Elias.

— Ninguém nos obriga a nada. Desencarnados podem ajudar encarnados afins a cometerem crimes. Se isto suceder, ambos são culpados e responderão pelos seus erros. Mas, repito, disse afins. É impossível induzir alguém não afim a cometer crimes. Lalau já na existência anterior assassinou três pessoas e ficou impune. Quando desencarnou sofreu muito nas mãos de dois vingadores, que o seguiram nesta encarnação. Poderia nesta encarnação ter sido bom, oportunidades teve, mas o crime é como um vício que se tem que libertar. Os dois espíritos se cansaram da vingança e não foi difícil levá-los para um aprendizado. Estes dois espíritos queriam que Lalau sofresse, que fosse para a prisão, mas não o forçaram a novos crimes. Cometeu-os sabendo que era errado.



Lalau está doente, o remorso castiga-o, tem crises, ora de revolta, ora de remorso. Nas crises fortes, bate as mãos e a cabeça na parede, ontem teve uma. Quando tem crises, até que os enfermeiros encarnados possam socorrê-lo, machucase sempre.

— Posso orar por ele? - pediu Rosana.

— Claro, oremos todos juntos - falou Elias.

Oraram por ele, Lalau se aquietou, parou de falar, sentou e relaxou, por instantes ficou calmo.

— Que acontecerá com ele quando seu corpo físico morrer?

Vai demorar para desencarnar? - quis saber Rafael.

— Achamos que não vai demorar muito no corpo físico.

Ele toma uma forte medicação para se acalmar. O isolamento e o remorso tiram-lhe a vontade de viver. Não é fácil conviver com o remorso. Quanto o que pode acontecer com ele após a morte do corpo, dependerá muito dele mesmo. Se continuar

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 133*

neste remorso destrutivo corre o risco de danificar o perispírito. Normalmente conscientes de seus erros, estes crimes doem tanto que podem até danificar o cérebro perispiritual. Aí, só uma encarnação deficiente para curá-los. Se aceitar o socorro, terá um longo período de tratamento em hospitais do Plano Espiritual onde pode recuperar-se. Se não aceitar o socorro, vagará cada vez mais em pior estado. Todos os que desencarnaram aqui são socorridos, só que são livres para ficar ou não no Posto de Socorro para onde são levados. Muitos não ficam, alguns voltam para cá, outros vagam nos Umbrais e nos antigos lares. Outros mais imprudentes ainda, vão atrás de suas vítimas e algozes.

— Será que poderei ajudá-lo? - indagou Rosana.

— Claro, ore por ele, venha visitá-lo - disse Elias.

— E quando desencarnar? Poderia auxiliá-lo?

— Claro, basta saber - respondeu Elias sorrindo.

— Vou aprender - disse Rosana decidida - vou ajudá-lo a se recuperar.

Lalau começou a falar novamente, sua voz fanhosa e cadenciada incomodava outros doentes que logo gritavam inquietos. Passou a falar baixinho, repetiu muitas vezes o nome de Rosana.

— Mil vezes ser vítima da maldade que ser o maldoso.

Como Lalau sofre! - Rosana exclamou comovida.

Agradeceram a Elias, saíram calados do prédio e volitaram à Colônia.

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 135*

*O Retorno*

Onofre comunicou aos seus amigos que Américo e Laura não haviam decidido nada ainda e que iriam pernoitar na capital

do estado em que residiam. Iriam para o sítio pela manhã. Combinaram ir primeiramente ao sítio de Dona Balbina e verificar o que acontecia por lá. Será que Dona Balbina estava realmente muito doente? Será que ela queria dar as crianças? O casal ainda tinha muitas dúvidas.

— Animemo-nos - completou Onofre - eles estão dispostos a verificar e, se tudo se confirmar, será mais uma prova da autenticidade da mensagem.

Faltando duas horas para seus pais chegarem ao sítio, Leonardo, Rosana e Rafael foram ter com eles. A tarefa de Onofre havia terminado, despediram-se dele com abraços e agradecimentos. Foi com alegria que Rafael escutou os pais conversarem.

— Américo - disse Laura - poderia ser verdade que Dona Balbina está dando as crianças e que podemos ficar com elas. Seria a vontade do nosso Rafael. Estou imaginando elas morando conosco. Meu filho tem razão, duas crianças iriam alegrar nosso lar.

— Sempre quis ter muitos filhos, não pude ter nenhum. Antes tínhamos Rafael que amo como se fosse meu. Agora, a ideia também me agrada. Estivemos fechados na nossa dor para não perceber o que acontecia tão perto de nós. Éramos amigos de Rodolfo e Ivone, eles eram boas pessoas, honestas e simpáticas. As crianças são lindas, seria uma dor separá-las. Certamente estão muito unidas. Estive pensando, antes Rodolfo arrendava o sítio. Agora, só com o velho Francisco trabalhando, não deve dar renda nenhuma. Parece realmente que ele não tem mais família, ou se tem não lhes dão ajuda.

— Nunca estive tão animada desde que Rafael desencarnou. Américo, que acha de sermos Espíritas? Temos vivido afastados de religiões. O Espiritismo me pareceu consolador. Uma Doutrina tão linda!

— Estava para lhe falar sobre isto. Gostei muito do que vi do Espiritismo. Podemos frequentar o Centro Espírita na cidade. Nunca vi uma religião falar as coisas tão certas. Sempre senti que não acabamos com a morte, como também não acho certo a ideia de ir para o céu ou para o inferno. E a mensagem? - indaga Américo mudando de assunto.

— Então estamos combinados, não iremos falar da mensagem a ninguém. Será um tesouro só nosso. Um segredo. Se falarmos, irão querer ver, ler e, ficarão sabendo nosso segredo.

— Faremos isto, diremos que fomos e não foi possível receber a mensagem e que só tivemos notícias de que ele está bem.

Rafael estava contente, seus pais conversaram animados. A tristeza que os deixara numa nuvem cinza, desaparecera. Aproximavam-se dos sítios e Rosana parecia ansiosa.

Acalmou-se orando. Leonardo vibrava em silêncio para que tudo desse certo.

Em vez de irem direto para a casa deles, passaram antes no sítio de Dona Balbina. Pararam o carro e desceram. Viram os gémeos na porta.

1

*136 João Duarte de Castro e António Carlos*

— São lindos! - Laura exclamou. Estão vestidos de modo simples!

— Tão pequenos e órfãos! Moram só com a avó doente.

Laura, não esqueça do que combinamos, tocaremos no assunto com diplomacia, podemos ofender Dona Balbina.

Joãozinho e Janete vieram recebê-los.

— Olá, Dona Laura. Oi, Senhor Américo. Vieram visitar vovó? - indagou Janete com um sorriso triste. Ela não está bem. Dr. Sérgio já veio vê-la cedinho.

— Sim, viemos vê-la - respondeu Américo. Que estão fazendo? Brincam de quê?

— Não estamos brincando - respondeu Joãozinho.

Estamos tristes. Vovó, além de doente, está preocupada. Parece que ela vai morrer como Rosana, papai e mamãe.

Laura havia comprado balas e chocolates na capital pensando em dar para eles, ofereceu o pacote sorrindo.

— Tomem aqui umas balas e chocolates.

Pegaram rápido e foram sentar perto da porta. Distraídos, repartiram os doces.

Marita, a empregada, escutando conversas saiu para a área.

— Bom dia, senhor Américo, bom dia Dona Laura.

Como vão passando? Chegaram agora de viagem? Que surpresa agradável vê-los aqui. Não tinham ainda visitado Dona Balbina.

— Bom dia - respondeu Américo. Sabe como é, ficamos como bicho do mato desde que Rafael morreu.

— Sei bem como é. Nesta casa já houve muitas mortes.

— Marita, como está Dona Balbina? - indagou Laura.

E verdade que agora adoeceu mesmo, que é grave?

— Gravíssimo - respondeu Marita triste. Dona Balbina espera um milagre para morrer em paz. Sofre a pobrezinha e sofremos todos nós.

Marita ia parar de falar, mas Leonardo interferiu. En-

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

costou a mão em sua testa, fixou sua mente na dela e Marita docemente ouviu o apelo do nosso amigo e continuou falando.

— Sabe Dona Laura, as coisas aqui não andam bem.

Dona Balbina não tem dinheiro, nem para os remédios e nem para os alimentos. As crianças, coitadinhas, necessitam de roupas e brinquedos. Francisco e eu estamos há três meses

sem receber nosso ordenado, só não vamos embora é por consideração, trabalhamos aqui há tanto tempo. Francisco recebe a aposentadoria, mas é pouco, necessita do dinheiro do emprego. Eu, nem se fala, não tenho outra renda, só estou aqui porque não tenho coragem de largar Dona Balbina assim, tão doente. Também porque tenho-os como minha família. Os vizinhos nos têm ajudado, trazem alimentos. Dr. Sérgio, além de não cobrar as visitas, traz os remédios.

— Que tem Dona Balbina? - perguntou Laura penalizada.

— É o coração. Sempre esteve doente, mas agora se agravou. Não consegue nem mais levantar do leito.

— Você disse que ela espera um milagre - disse Américo emocionado. Qual é?

— Que alguém fique com os gêmeos para que possa morrer em paz. Com a morte de Dona Balbina só restam as duas crianças na família. Minha patroa teme que com sua morte os dois fiquem sozinhos, ou se separem, indo cada um para um lar, ou para um orfanato. Ela não os quer no orfanato. Pensamos em ficar com eles, mas, Francisco é velho demais e pobre. Eu, não tenho nem onde ficar. Gosto muito deles, mas não sei o que fazer. Dona Balbina tem rezado muito, pede a Deus para que aconteça de alguém bom ficar com os dois e criá-los no Bem e que não os separem. Eu tenho pedido a Rosana. Ela faz tantos milagres. Deus podia permitir que Rosana fizesse mais este, afinal as duas crianças são irmãs dela.

Laura apertou a mão de Américo, olharam-se, a mãe de  
137

*138 João Duarte de Castro e António Carlos*

Rafael enxugou as lágrimas.

— Que tristeza, Marita!

— Pois é! Os senhores também sofreram, perderam o filho único, estão sozinhos e aqui duas crianças perderam os familiares e estão ou ficarão sozinhas.

Marita deu um longo suspiro, os pais de Rafael também suspiram.

— Como é a vida! - Américo exclamou. Eles órfãos de pais, nós órfãos de filhos!

Usou a expressão que Rafael usara na mensagem. De mãos dadas, entraram na casa, seguiram emocionados Marita até o quarto de Dona Balbina.

A adoção

O quarto de Dona Balbina estava na penumbra. Mas, deu para o casal ver que tudo era simples e que a doente estava bem diferente, envelhecida, com a cabeça toda branca, muito magra e respirando com dificuldade. Os pais de Rafael chegaram devagar perto do leito. Dona Balbina abriu os olhos e disse:

— Rosana, Rosana, ajude-me! Rosana...

— Está me confundindo com a neta - disse Laura a Américo.

Aproximou-se e falou mais alto:

— Sou Laura, sua vizinha. Como está a senhora?

— Sim, Laura, claro que lembro de você. Desculpe-me, pensei que fosse Rosana.

— Está vendo sua neta? - indagou Américo. Será que está aqui conosco?

— Acredita Américo que posso vê-la?

— Sim.

— Eu a vejo, entrou aqui com vocês, está com um rapazinho de calça jeans e camisa listradinha branca e azul. Laura cochichou com o marido.

— Era a roupa preferida do Rafael.

*140 João Duarte de Castro e António Carlos*

— Não será nosso Rafael? - indagou Américo. A senhora lembra dele?

— Rafael? Sim, é ele.

Dona Balbina falava com dificuldade, estava cansada, parou por instantes. Américo e Laura olharam-se emocionados. Laura disse ao marido baixinho.

— Rafael está aqui, acompanhou-nos. Estou feliz!

— Também creio, não o vejo, mas sinto sua presença.

Laura pegou na mão de Dona Balbina e disse comovida:

— Como esta a senhora?

— Não estou bem. Não temo a morte, me preocupo é com os gémeos.

— É sobre eles que viemos lhe falar - expressou Laura falando devagar. Queremos ficar com eles. Queremos os dois para nossos filhos.

Queremos adotá-los como filhos legítimos. A senhora sabe, tivemos um filho somente, Deus o levou, estamos sozinhos. Temos pedido a Deus consolo. Acho que Ele nos está dando muito mais, está nos dando dois filhos. Dona Balbina, a senhora nos conhece há muito tempo, sabe que somos honestos e trabalhadores. Se a senhora permitir, queríamos ficar com eles.

— Prometemos à senhora que não os separaremos - disse Américo - que serão nossos filhos. Que cuidaremos deles, educaremos e faremos deles pessoas de Bem, como iríamos fazer com nosso Rafael.

Dona Balbina não conseguiu segurar as lágrimas. Após um instante de silêncio, ela disse:

— Sabia que minha Rosana iria me escutar. Sentia que, se ela pudesse, iria arrumar alguém para ficar com as crianças. Obrigado, meu Deus, obrigado Rosana e Rafael. Certamente não vieram aqui à toa. Sim, permito, entrego agora as

crianças. Não precisam prometer nada, conheço-os bem e  
*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

confio em vocês. Entrego-lhes meus tesouros.

Os quatro choraram, porque Marita ficara no quarto.

Rosana e Rafael deram as mãos tentando segurar para não chorar alto. Mas, a emoção foi forte demais. Passados alguns minutos, todos se controlaram e foi Marita quem falou apressada.

— Senhor Américo, o juiz da cidade vizinha, da Comarca, está na cidade visitando um parente. Talvez ele já pudesse cuidar dos papéis ou dizer ao senhor como pode ser feita a adoção.

— Vou já para lá - disse Américo entusiasmado. Dona Balbina, vou pagar todas as dívidas da senhora. Podemos ajudar e queremos. Vou pagar os empregados e quando a senhora melhorar, vamos levar a senhora para morar conosco. E Marita e Francisco para trabalhar no meu sítio.

— Oh, Américo! Deus os abençoe! Agradeço! Mas não vou melhorar. Irei morrer, sinto-me agora tranquila. Vá e converse com o juiz, veja o que precisa ser feito. Deus lhe pague por tudo!

— Posso levar as crianças agora? - indagou Laura.

— Sim, mas antes traga-as aqui para que possa vê-las mais uma vez.

Marita foi buscá-las.

Joãozinho e Janete entraram tristes.

— Quer nos ver vovó? - indagou Janete.

— Sim, disse Dona Balbina esforçando-se para falar.

Sabem, queridos, devo ir logo morar junto com seu pai, sua mãe e com nossa Rosana. Não chorem, estou velha e doente. Quero que alegrem-se, não fiquem tristes por minha causa. Rosana, sempre tão boazinha, deu um jeito e arrumou novos pais para vocês. Américo e Laura não têm filhos, são pessoas boas e querem cuidar de vocês. De hoje em diante, morarão na casa deles. Agora vão com eles, sejam obedientes e bonzinhos.

Prometem?

141

142 *João Duarte de Castro e António Carlos*

— Sim - disse Joãozinho.

— Prometo vovó, vou ser boazinha e cuidarei de Joãozinho - disse Janete.

— Podem ir.

As crianças beijaram a avó, que ficou tranquila e disse com serenidade:

— Deus os abençoe!

Só Américo ficou no quarto. Marita e Laura foram arrumar as roupas das crianças. A mãe de Rafael entristeceu, tinham tão poucas roupas. As crianças esperaram sentadas no sofá da sala, estavam assustadas. Dez minutos se passaram.

Com tudo pronto, Américo levou Laura e as crianças para seu sítio, deixou-os lá e foi para a cidade. Foi procurar o juiz e pedir orientação de como fazer para ficar com as crianças.

Américo estava contente, pela primeira vez desde a desencarnação de Rafael sentiu-se em Paz.

Na parte espiritual, todos estavam tranquilos acompanhando os acontecimentos.

Rafael orgulhava-se dos pais.

— Leonardo - disse Rosana - podemos ficar com a vovó? Quero dar-lhe força até que o juiz venha.

— Vamos ficar sim, vamos acompanhar os acontecimentos.

Mas, se Rafael quiser, pode ir com seu pai.

— Quero, obrigado.

Rafael acompanhou seu pai. Américo logo encontrou a casa onde o juiz estava. Pediu para falar com ele. Explicou em poucas palavras o que pretendia.

— Quero adotar as crianças. Com a morte de Dona Balbina, elas ficarão sozinhas.

— A documentação é demorada. Mas, para ajudá-lo, posso ir com duas testemunhas falar agora com esta senhora e ouvir de sua boca que lhe está dando as crianças.

Os parentes que o juiz visitava, foram com eles.

Américo foi na frente. Entrou e avisou a Marita que ficou na *Rosana, a Terceira Vítima Fatal* porta esperando.

Américo foi até o quarto da doente e lhe explicou:

— Dona Balbina, o juiz está de fato na cidade e vem vindo para cá. Ele prometeu ajudar-nos na adoção das crianças. Vem para ouvir que a senhora está deixando-as conosco.

Dona Balbina afirmou com a cabeça que entendera. Piorava, já que sabia agora que as crianças iam ter com quem ficar. Deixou de lutar com a morte. Parecia uma vela apagando aos poucos.

Logo o juiz entrou no quarto, Dona Balbina disse com grande dificuldade:

— Senhor Juiz, agradeço por ter vindo. Que o senhor possa ajudar Américo e Laura a adotar Joãozinho e Janete. Deixo as crianças que só têm a mim, para eles.

— A senhora não precisa se preocupar. Ajudarei o Senhor Américo a ficar com as crianças. Os dois órfãos serão adotados.

Vendo a enferma respirar com grande dificuldade, despediram-se e saíram logo do quarto, indo embora.

— Obrigado Américo - disse a moribunda.

— Acho que devemos todos nós agradecer a Deus, a Rosana e ao meu Rafael - disse Américo comovido.

Não foi embora, sentou-se ao lado de Dona Balbina.

Sentia que sua vizinha desencarnaria logo. Marita também

ficou, a empregada fiel, a amiga de tantos anos, ficou adivinhando que sua patroa amiga não demoraria a ir para o Plano Espiritual.

143

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 145*

## **XXVIII**

Desencarnação de Balbina

Uma equipe de socorristas, que ajudam na desencarnação de pessoas boas, justas e que fizeram por merecer, chegou. Após os cumprimentos, começaram a trabalhar.

Os liames que ligavam o corpo físico ao perispírito de Dona Balbina estavam fracos, devido à sua prolongada doença. A equipe de três socorristas, começou a operação delicada com muito carinho. Eram muito simpáticos estes trabalhadores. Leonardo, Rosana e Rafael, orando, acompanharam o trabalho destes missionários da Luz. Um dos trabalhadores chamou Rosana.

— Rosana, venha, fique perto. Que seja você a primeira pessoa que Dona Balbina abrace, que veja.

— Vai - disse Leonardo incentivando-a.

Rosana ficou ao lado, encontrou nos amigos força para estar tranquila, orava, uma luz prateada a envolvia.

Dona Balbina abriu os olhos e disse, no último esforço, palavras que Marita e Américo ouviram comovidos.

— Rosana que linda!

Fechou os olhos de mansinho. E sua respiração dificultosa parou. Fez um silêncio que durou minutos.

— Marita, Dona Balbina morreu! Descansou! Que Deus e seus anjos a acolham na nova morada - disse Américo enxugando as lágrimas. Marita chorou.

— Não disse que ela só estava esperando o milagre? Foi só deixar as crianças com os senhores, que são pessoas boas, para morrer.

Américo não disse nada, levantou e foi providenciar o enterro.

Mas, do lado espiritual a emoção foi grande. Dona Balbina continuou por momentos vendo Rosana, que disse à avó com muito carinho:

— Acabou, vovó querida, seu corpo morreu e está agora mais viva do que nunca. Ficaremos todos juntos. Acalmese, venha comigo, me abrace, durma...

Abraçou-a. Dona Balbina sorriu tranquila e adormeceu nos braços da neta amada.

Os socorristas continuaram seu trabalho. Logo Dona Balbina estava livre. Rosana, com a avó nos braços, acompanhou os socorristas. Iam levar Dona Balbina para um hospital na Colônia, onde se recuperaria da longa doença. Estaria agora entre a filha, o genro e a neta querida.



Leonardo e Rafael ficaram.

— Rafael - disse o amigo instrutor - fique aqui orando, vou dar um passe em Marita que muito sente a desencarnação de sua patroa e no senhor Francisco, que não esconde as lágrimas.

Leonardo, com todo carinho, foi até eles, consolou-os, tranquilizou-os com palavras confortadoras que sentiram com a alma.

Algumas vizinhas amigas chegaram junto com Dr. Sérgio que examinou e constatou a morte de Dona Balbina. Com tristeza passaram a fazer os preparativos.

— Vamos Rafael - Leonardo o chamou -, não temos mais nada a fazer aqui.

*146 João Duarte de Castro e António Carlos*

Saíram para o pátio em frente à casa do sítio. Rafael curioso indagou seu professor sobre tudo que tinha visto.

— Com todas as pessoas que desencarnam acontece isto? É assim com todos o que vimos agora?

— Infelizmente não. Cada um tem a desencarnação que faz por merecer. Desencarna-se como viveu. Se a pessoa foi boa, tem uma boa desencarnação, como esta que vimos. Os socorristas atendem um pequeno número de pessoas. Os que querem servir, os servos de Jesus, são em menor número dos que querem ser servidos.

— Foi tão bonita a desencarnação de Dona Balbina, fiquei emocionado ao ver Rosana junto dela. Leonardo, todas as desencarnações poderiam ser como esta.

— Dona Balbina estava consciente da morte do corpo, não temia a desencarnação, porque estava com a consciência tranquila, em paz, estava sem erros. Foi boa, fez o Bem, a caridade, viveu pensando muito mais nos outros que em si mesma. Colheu da boa plantação. Quem planta o Bem, já na desencarnação colhe boa semente. Também me comovi com a desencarnação de Dona Balbina. Seria bom se todas as desencarnações fossem assim. Mas, infelizmente não é possível. A maioria encarnada ao se aproximar da morte física, teme seus erros, ficam perturbados. Muitos amam tanto a matéria que o corpo morre, mas ficam ligados a ela com pavor. Não podem ser socorridos porque não querem ou não aceitam o socorro. Tantos irmãos, Rafael, são enterrados com o corpo e vêem com desespero os vermes comê-lo. É tão triste presenciar estes fatos! São os imprudentes, os que viveram encarnados só pensando em si mesmos. Às vezes, estes imprudentes não fizeram tantas maldades, mas não fizeram o Bem. Deixaram em segundo plano os bens espirituais.

— Leonardo, e os maus?

— A maldade é um peso enorme e uma lama que impede o socorro. Só se limpa depois de muito sofrer.

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal*

— Estes vão para Umbral?

— Certamente. O Umbral existe porque tem quem o povoe. Vamos sempre para lugares afins. É a lei da Atração. Semelhantes se afinam. Assim, meu aluno, se diferenciam os encarnados pelo modo de viver, sendo pelo livre-arbítrio bons e maus, tendo diferentes modos de desencarnação. Para os bons, os que foram servos de Jesus, a desencarnação é suave e tranquila. Para os maus, a desencarnação traz grandes sofrimentos. Também, não posso deixar neste momento de lembrá-lo que para muitos a desencarnação é felicidade e certeza da existência melhor. Para outros, os que têm na existência física todos os seus sonhos de prazeres, deixar tudo com a desencarnação é um castigo que os apavora.

— Nunca tinha visto uma desencarnação. Que bom que a primeira que vi, foi de uma pessoa boa que pôde ser socorrida! Aquietaram-se por instantes observando a natureza sempre tão bela. Rafael estava curioso para saber como estariam as crianças com sua mãe. Pediu a Leonardo:

— Será que não podemos ir um pouquinho lá em casa? Queria ver como está minha família com os novos membros. Foram.

Joãozinho e Janete estavam sentados na sala. Laura deu a eles alguns brinquedos de Rafael. Mas, não brincavam, olhavam para eles somente, estavam tristes. Américo já tinha contado que a avozinha morreu. As duas crianças conversavam.

— Vamos ficar juntos - disse Joãozinho -, tenho medo de dormir sem você. Tia Laura disse iremos dormir na mesma cama até acostarmos. Ela é boa, não é Janete?

— E sim, nos deu balas, bolachas, disse que vamos poder comer tudo que quisermos. Irá nos comprar roupas novas e tênis bonitos. Mas, acho Joãozinho que vou sentir falta da vovó. Ia tomar sua bênção todas as noites. Amo tanto a

147

*148 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vítima Fatal 149*  
vovó.

— Por que será - disse Joãozinho sério - que as pessoas morrem? Vovó disse que foi morar com papai, mamãe e Rosana. Por que será que não fomos? Será que não poderíamos ir junto? Seria legal morar com eles no céu!

Laura estava atarefada na cozinha. Queria agradá-los, fazia para eles um pudim que Rafael tanto gostava. Mas a todo instante ia na sala para vê-los e se certificar de que estavam bem. Ouviu o que disseram, sentiu infinita dó e pensou: "Os dois tão pequenos, tão sofridos, talvez estejam com medo. Aqui tudo é estranho para eles."

Rafael abraçou sua mãe e pediu: "fale com eles." Intuída pelo filho, Laura carinhosamente disse às crianças:

— Joãozinho, Janete, Deus é bom demais. Nós ainda não entendemos seus desejos. Às vezes, a morte nos parece injusta. Mas, não acabamos, somos eternos, partimos deste mundo para viver noutro lugar. Vocês sabem? Tinha um filho lindo, ele também morreu. Ficamos tristes aqui, até Deus nos mandar vocês. Ainda não podemos ir com eles, cada um tem sua hora para ir embora deste mundo. Temos que ficar aqui até quando Deus quiser. A avozinha de vocês está no céu. Estão todos juntos lá e nós juntos aqui. Eles serão felizes lá e vocês aqui.

Poderão dormir juntos quando quiserem. Tio Américo e eu faremos tudo para vocês serem felizes. E agora, querem doce? Ótimo, venham para a cozinha.

As crianças escutaram um silêncio. Entenderam mais a fala muda do amor que as palavras complicadas para elas naquele momento. Sorriam tímidas afirmando com a cabeça que aceitavam o doce.

— Rafael - disse Leonardo -, aqui é um lar. Hoje, não só entrou aqui o consolo, mas também a alegria e a felicidade. Logo as crianças se acostumarão. Vamos embora? Rafael olhou-os com amor. Embora sabendo que não era visto, mandou um beijo.

Regressaram tranquilos à Colônia.

*Rosana, a Terceira Vítima Fatal 151*

## **XXIX**

### *FinalFeliz*

Cinco dias depois, Rafael pôde com Rosana visitar Dona Balbina no hospital. Estava no leito, desaparecera o cansaço e respirava tranquilamente. Estava alegre e feliz.

— Como vai, Dona Balbina? Lembra-se de mim. Sou Rafael, filho de Américo.

— Claro que me lembro, estava com seus pais quando resolveram ficar com meus netos. Estou muito bem, obrigado. E você, como está? É amigo de minha neta?

— Sim, Rosana e eu somos amigos.

Conversaram por uns quinze minutos. Achando que Dona Balbina necessitava de repouso, despediram-se. Dirigiram-se ao jardim. Rosana disse ao Rafael:

— Logo vovó estará bem, irá morar com meus pais, irá trabalhar e estudar. E, graças aos seus pais, meus irmãozinhos estão juntos e serão felizes.

— Sabe Rosana, temi tanto que meus pais não aceitassem minha sugestão. Já pensou se não atendessem meu apelo?

— Joãozinho e Janete fatalmente iriam para um orfanato e seus pais iriam continuar solitários e tristes. As crianças farão bem a eles, os alegrarão e eles bem aos meus irmãos, cuidando deles e dando educação aos dois. Sou grata a eles e a você Rafael.

— Estamos todos bem, só se darão mal o Lalau e o Joaquim, meu pai. Plantaram tantos espinhos que a colheita não será fácil. Eles terão que reencarnar um dia - disse Rafael pensativo.

— Nós também. Enquanto não fizermos tudo para sermos escolhidos, enquanto não provarmos a nós mesmos que estamos livres de nossos vícios e defeitos, enquanto não formos servos do Pai e não chegarmos à cosmificação, teremos que reencarnar.

— Será que não podemos ajudá-los a se educar? Podemos nos unir encarnados e ajudá-los - Rafael falou constrangido.

— Quer mesmo se unir a mim?

— Quero, acho que sempre a amei e a amarei.

— Eu também. Fico feliz em pensar nesta possibilidade. Será que é possível? Vamos perguntar ao Leonardo. Se pudermos nos unir e receber estes dois por filhos para tentar educá-los...

Logo que foi possível, foram conversar com Leonardo e falar de seus desejos e sonhos.

— Sim, é bem possível. O amor puro, o amor espiritual que une dois seres aqui, pode continuar quando reencarnam na Terra. Se estão unidos por este amor, poderão planejar suas encarnações, poderão escolher as famílias que sejam conhecidas ou amigas, ou poderão encarnar perto um do outro. Na idade certa, este amor florescerá e certamente casarão. Quanto a receberem Joaquim e Lalau por filhos, é comovente. Reencarnados e tendo-os por pais, terão todas as oportunidades de se educarem e se regenerarem.

— Sabemos que os dois não tardam a desencarnar, nós os acompanharemos e faremos tudo para ajudá-los - disse Rosana. Depois que estiverem socorridos, recuperados, marcaremos uma data para reencarnarmos, não precisa ser logo.

*152 João Duarte de Castro e António Carlos Rosana, a Terceira Vítima Fatal 153*

Enquanto isto, estudaremos, trabalharemos aqui, afirmando em nós os preceitos cristãos, as lições evangélicas.

— Também terei de reencarnar um dia - Leonardo disse sorrindo. Será que não me acolherão também como filho querido? Poderia ser o filho mais velho e ajudá-los na tarefa de educar os dois. Sei que terei no exemplo a melhor educação e muito amor.

— Oh, será maravilhoso! - Rosana exclamou entusiasmada. Como faltava muito tempo, deixaram os planos para o futuro, mas estavam decididos a se unirem na Terra como ternos esposos e a receberem os dois tão necessitados de renovação, por filhos. Despediram-se do instrutor amigo, confiantes. Duas semanas se passaram. Rosana e Rafael pediram autorização para visitarem a família encarnada. Leonardo contente disse:

— Vocês, meus amigos, já têm experiência o bastante para fazer esta viagem sozinhos. Vão, terão duas horas para vê-los.

Volitaram alegres.

Desceram no sítio dos pais de Rafael.

— Rosana, veja as nuvens de tristeza desapareceram, o sítio está como antes da minha desencarnação. Tão bonito! Vamos entrar?

De fato, as nuvens de tristezas e angústias sumiram, o local estava de novo alegre.

Primeiramente, Rafael quis ver sua mãe que estava na cozinha, juntamente com Marita, preparando o almoço. Laura conversava com Marita.

— Marita, foi tão bom você vir conosco. As crianças gostaram. Ter alguém conhecido por perto acabou com a desconfiança deles. Estão felizes, não estão?

— Claro. Ganharam tantas coisas lindas, roupas e brinquedos e agora se alimentam bem. Dona Laura sou tão grata à senhora e ao senhor Américo. São tão bons! Está me pagando bem e me deu tantas coisas. E, estou feliz de poder continuar perto das crianças. Eu as vi nascer, ajudei a cuidar dos dois, presenciei tantos acontecimentos tristes na vida delas. Pena o senhor Francisco não ter querido vir. Disse que está muito velho para trabalhar.

— Eu também gosto de tê-la aqui. Necessito mesmo de alguém para me ajudar. Gosto de conversar com você. Antes estava tão sozinha e triste.

Rafael, todo contente, beijou sua mãe. Laura estava tranquila e com muitos afazeres que a distraía. Foi ver as crianças que brincavam na área da frente da casa. Rosana e Rafael foram juntos.

— Mãe - disse Joãozinho - olhe que bonito! Fui eu que montei.

Laura se emocionou, pois as crianças só os chamavam de tios. Pela primeira vez, após tanto tempo, escutava alguém chamá-la de mãe. Janete riu alto.

— Joãozinho, você chamou tia Laura de mãe!

Ainda emocionada, Laura afagou as cabeças das crianças e disse:

— Vocês têm papai e mamãe que moram no céu com o meu Rafael. Estamos cuidando de vocês como filhos. Para nós, são nossos filhos. Se quiserem me chamar de mãe, isto só me fará feliz.

— Se é para a senhora ser feliz, vou chamá-la de mãe - disse Joãozinho importante.

— Eu também - disse Janete que era muito inteligente. Se Rafael está com meu pai, minha mãe, com minha irmã e minha avó, tem lá uma família. Meu pai e minha mãe podem

ser pais dele lá, para que não fique sozinho. Nós teremos dois pais e duas mães. Eu também vou chamá-la de mãe.

Laura enxugou escondido duas lágrimas, amava aque <sup>154</sup>

*João Duarte de Castro e António Carlos*

as crianças, entendeu que os gémeos foram presentes de Deus e de Rafael para eles. A alegria voltara à sua casa.

Retornou à cozinha. Rosana e Rafael ficaram observando as crianças. Estavam arrumadinhas, com roupas novas, brincavam distraídas.

— Estão brincando com meus brinquedos! - exclamou Rafael alegre. Brinquedos que tanto brinquei quando criança. Que bom ver agora meus brinquedos alegrando Joãozinho e Janete.

— Oh! Rafael, estou tão feliz! Janete tem razão. Somos uma só família, eles aqui e nós no Plano Espiritual. Só tenho que ser grata ao Pai. Ver os dois aqui e bem cuidados era tudo que queria.

Américo chegou para almoçar, as crianças, ao vê-lo, sorriram contentes. Joãozinho mostrou orgulhoso o brinquedo que montou.

— Não é lindo, tio? Posso também lhe chamar de pai? Papai?

— Sim, claro meu filho.

Américo abraçou os dois. O alegre trio entrou em casa. As duas horas venciam. Podiam voltar muitas vezes para visitá-los. Mas, esta visita deixou os dois jovens emocionados. Deram-se as mãos e falaram ao mesmo tempo:

— Obrigado Rafael!

— Obrigado Rosana!

Sorriram felizes.

Volitaram.

**Lançamento:**

*"O Rio do Doce e das Aguas Grandes "*

**Romance Mediúnico do espírito Formiga**

*"O Rio do Doce e das Águas Grandes"* é um Romance Mediúnico ambientado na região amazônica, escrito numa linguagem simples e lírica, onde pode se conhecer a verdadeira alma e evolução espiritual do indígena, suas crenças e percepções, e o impacto do contato com a *Civilização*. O livro é também uma exaltação da obra natural de Deus, a natureza, a biodiversidade.

Através de um personagem central, Inarjá, o espírito Euríclides Formiga escolheu uma alma pura, para refletir nas questões fundamentais da vida. Aliás, o próprio Formiga, antes de desencarnar, esteve no Xingu, juntamente com o conhecido sertanista Orlando Villas-Boas, convivendo lado a lado com os

índios, por longo período, de onde certamente nasceu-lhe o anseio, na espiritualidade, de transmitir tão singela mensagem. "O Rio do Doce e das Aguas Grandes" foi psicografado pelo médium Elifas Alves que teve uma convivência relâmpago com o Formiga, também médium, no final de sua última passagem terrena.

Paulo, o

Predestinado

*João Duarte de Castro*

Jesus a Ananias quando aparece ao velho que havia convertido Abigail (irmã de Estêvão e noiva de Saulo), logo após o fenômeno de Damasco: "*Ananias, levanta-te, vai à rua chamada Direita, e busca em casa de Judas um homem de Tarso, chamado Saulo*". E como Ananias relutasse por saber que o tal Saulo era o grande perseguidor dos cristãos, Jesus insiste: "*Vai porque este homem é um instrumento escolhido por mim para levar o meu nome diante das gentes, dos reis e dos filhos de Israel. Porque eu lhe mostrarei quanto deve sofrer pelo meu nome!*"

**Civilização do Espírito j**

j

**Megatendência no Século XXI i**

i

A aproximação do Terceiro Milênio carrega consigo novas expectativas de renovação do ser

humano e do Planeta Terra. Porém, para materializar na prática uma transformação dos valores

morais do Homem, é necessário que a evolução do conhecimento científico seja acompanhado de

uma igual consciência do novo despertar espiritual da Humanidade.

A coleção "*Civilização do Espírito - Megatendência no Século XXI*" procura abordar, de forma didática e clara, os problemas do Homem e do seu tempo à luz do Espiritismo. Nela são discutidos temas como Religião, Filosofia, Ecologia, Educação, Geopolítica e outros, todos tratados com a experiência e a bagagem do professor *Dulcidio Dibo*, em análises atuais e indispensáveis para aqueles interessados em ampliar seus horizontes culturais segundo os princípios codificados por Kardec. A **Lúmen Editorial** publicará todos os livros desta coleção que não deve faltar em sua biblioteca. **mmmmmmÊmmmmmmmmim I**

Impressão: Gráfica Palas Athena

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.